

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRAQUARA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

CURRÍCULO DE LETRAMENTO LITERÁRIO

PIRAQUARA
2012

1. LEITURA LITERÁRIA: EDUCAÇÃO INFANTIL, ENSINO FUNDAMENTAL E EJA. POR QUE UM CURRÍCULO?

Luciane Vilar Possebom

[...] um livro existe sem leitor? Ele pode existir como objeto, mas sem leitor, o texto do qual ele é portador é apenas virtual. Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para inscrevê-lo na memória ou transformá-lo em experiência?

Chartier(1998,p.154)

O Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) apresentado pelos ministros da Cultura e da Educação, no dia 13 de maio de 2006, durante o encerramento do FÓRUM-PNLL/ Vivaleitura 2006/2008 apresenta uma série de ações de fomento à leitura no Brasil.

É necessário citar aqui alguns trechos da justificativa de tal programa do MEC para que se compreendam dos princípios norteadores da elaboração do Currículo de Leitura Literária para o município de Piraquara:

O Brasil chega ao século XXI – momento em que a difusão do audiovisual assume imensas proporções – ainda com enorme déficit no que diz respeito às práticas leitoras dos textos escritos [...] As consequências desse hiato fazem-se sentir até hoje, com desdobramentos nefastos que se espraiam não apenas no âmbito do universo da cultura e da educação, mas, **naturalmente**(grifo nosso) de nossa economia, de nossas práticas políticas e de nosso potencial de desenvolvimento.

Disponível em www.pnll.gov.br

Acesso em 10 de setembro de 2012.

Reconhece-se, portanto, no texto de justificativa do PNLL, que há ainda no Brasil uma enorme dívida social com relação ao acesso a leitura e que essa situação dificulta e retarda o desenvolvimento do país. Ou seja, a condição do

leitor brasileiro, apontada em inúmeras pesquisas nacionais e internacionais, demonstra que nossa inserção numa sociedade letrada está longe de ser consolidada.

Sendo assim, uma política pública (nesse caso político-pedagógica) deve explicitar o compromisso social de superar os problemas apontados e avançar na direção da qualidade pretendida; deve também ser eficaz, sustentável e mostrar-se coerente com os pressupostos teórico-metodológicos que conduzem o trabalho nas instituições de ensino de Piraquara.

Portanto, o Currículo de Leitura Literária para a Educação Básica pretende superar as práticas eventuais de leitura que ocorrem no interior das instituições de ensino (feiras, “contações de histórias”, empréstimo e devolução de livros em escolas que possuem biblioteca escolar) uma vez que estas, embora tenham valor como estratégias de fomento à leitura, não são suficientes para a formação do leitor.

Defende-se que para a formação de um aluno leitor, são necessárias ações articuladas, baseadas em práticas; que por sua vez apoiem-se em teorias consistentes. Desse modo, a indicação no Currículo, de obras com qualidade literária, sugestões para a mediação docente, dos conteúdos e de critérios de avaliação; conferirão à leitura literária o caráter de exercício constante de ação/reflexão/ação que não ocorre quando esta se dá eventualmente na escola.

É importante salientar que nenhuma das práticas de incentivo à leitura realizada por Escolas e Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIS) é desvalorizada com a elaboração do Currículo de Leitura Literária. O que se pretende com tal proposta é justamente auxiliar as instituições de ensino para estas qualifiquem suas práticas, superando problemas como a descontinuidade de projetos, uma vez que é, reafirma-se, pelo exercício da leitura (mediado e orientado pelo professor ou professora) que se dá a formação do leitor.

2. A LEITURA LITERÁRIA NOS CMEIS E ESCOLAS DE PIRAQUARA – PRÁTICAS EXISTENTES

Educação é arte. E não existe nada mais contrário à arte que deixar a matéria-prima do jeito como está.

Alves (1995p.37)

Para a construção desse capítulo enviou-se aos quinze CMEIS a solicitação de um breve relatório em que constassem as práticas de fomento à leitura literária em andamento nas instituições. Nos relatórios enviados por oito deles demonstra-se que em nenhum há espaço e/ou responsável direto pela biblioteca. Nestas instituições de ensino “contam-se e leem-se histórias” para as crianças, especialmente do Maternal II, Pré I e Pré II, diariamente. Não há, no entanto, a “leitura mediada”, ou seja, a leitura literária é feita para as crianças sob o viés da fruição e o que pode se observar nas práticas de leitura dos CMEIS, quando da análise de Planos de Trabalho Docente, é o uso da leitura literária, continuamente, como pretexto para o ensino nas áreas do conhecimento.

Outro dado significativo é o aparecimento, nos CMEIS que desenvolvem projetos específicos e da contação de histórias, é que estes são realizados com recursos como fantasias, adereços e por meio de “dramatizações”.

Há nas instituições outras ações de incentivo à leitura literária. Como exemplo, podem-se citar: livros levados para casa (com as crianças maiores), envolvendo assim os pais; aulas de campo na Biblioteca Pública Municipal de Piraquara e de Curitiba e o uso dos livros brinquedo para serem manipulados pelas crianças.

No Ensino Fundamental, quinze das vinte e duas instituições enviaram o relato solicitado. Nestas, a maioria desenvolve um cronograma de leitura semanal com as turmas, na forma de projetos e na minoria o trabalho com a leitura literária é feito, espontaneamente, pelos professores ou professoras regentes. Outro dado importante é o fato de que o trabalho com a leitura literária é realizado, na maioria das vezes, por docentes com “janela”, ou seja,

estes ocupam as horas em que não estão em sala de aula com a leitura para e com os alunos.

No espaço destinado à biblioteca escolar presente em onze das quinze instituições há momentos de “contação de histórias”, leitura para os alunos, empréstimo de livros e gibis. Mas, mesmo havendo espaço e acervo, em muitas delas a atuação do professor responsável pela biblioteca restringe-se ao empréstimo e devolução de livros e são os professores regentes que, ocasionalmente, levam seus alunos até a biblioteca ou pegam livros nesta para levá-los à sala de aula.

É importantíssimo observar que apenas numa das escolas há tentativa de realizar o que se denomina de leitura mediada, ou seja, o trabalho é organizado de modo a articular as leituras realizadas na biblioteca escolar a autores específicos, questões relativas ao ensino e o aprendizado na sala de aula e buscando, também, inserir a comunidade escolar.

Não se observa em nenhuma das instituições escolares, sejam estas da educação infantil ou do ensino fundamental, projetos que busquem garantir a continuidade da leitura literária mediada, o trabalho com o aprofundamento da compreensão leitora, e a busca efetiva da proficiência nos gêneros de domínio literário.

Em todas as instituições, tanto da educação infantil, quanto do ensino fundamental há acervo de livros de diferentes categorias (literários, de apoio pedagógico, entre outros).

Sem desconsiderar a importância do trabalho já realizado por escolas e CMEIS, crê-se que o Currículo de Leitura Literária atenderá a essa demanda de trabalho no intuito de formar leitores literários pelo princípio, não do hábito ou do prazer e sim pelo exercício da leitura, sempre mediada e orientada pelo professor ou professora.

3. CONCEITUAÇÃO DE LITERATURA

*Entendi que as palavras
Daquele modo agrupadas
Dispensavam as coisas sobre
as quais versavam...*

Prado (1996 p. 314)

Genericamente, Literatura é toda a palavra escrita, pois como indica MOISÉS (1974, p. 310) “Latim litteratura(m), de littera(m), letra. Primitivamente, o vocábulo designava o ensino das primeiras letras. Com o tempo passou a significar a arte das belas letras e, por fim, “arte literária”. Sendo assim, qualquer conteúdo humano apresentado em língua escrita pode ser inserido neste conceito. Por isso há expressões como literatura médica, esportiva e outras.

Tal conceito é abrangente e precisa-se restringi-lo àquelas obras que – por seus elementos internos – destinem-se não apenas aos especialistas de determinada área do conhecimento, mas a todos indistintamente.

Literatura designa textos (verbais e não verbais) que fogem ao senso comum e ao óbvio, suscitando, portanto, o prazer estético por sua forma, conteúdo e organização do conjunto.

Deste modo, sendo expressão do ser humano, o texto literário explora as potencialidades da linguagem, está atento ao valor dos signos linguísticos e, mais ainda, atribui valores singulares a estes, os combina criativamente.

A Literatura visa o universal. Não transforma objetivamente o modo de vida dos homens. Contudo, contribui para a formação das pessoas dando-lhes modos de agir sobre o mundo e compreendê-lo. Possui várias funções e, entre elas, destaca-se como instrumento de conhecimento do mundo ao explorar o passado, outras civilizações ou épocas. É também instrumento de formação e desenvolvimento intelectual, pois permite compreender as questões morais presentes nas consciências de personagens e contribui para a formação estética, isto é, no gosto não estereotipado pela beleza. Outra função implícita é a de instrumento de conhecimento do homem à medida que espelha a

humanidade, graças à diversidade de personagens, situações tipicamente humanas e conflitos aos quais recorre.

Conclui-se que a Literatura configura-se pelo aspecto formal e sustenta-se pelo conteúdo, pois como escreveu POUND (1991, p. 24) “Literatura é a linguagem carregada de significado. Grande literatura é simplesmente a linguagem carregada de significado até o máximo grau possível”.

Uma obra literária é a combinação estética da linguagem (verbal e/ou não verbal) e, como manifestação artística, a palavra e/ou a imagem é o seu material explorado em sua totalidade.

4. LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: TRAJETÓRIA HISTÓRICA

*E se as histórias para crianças
Passassem a ser de leitura
obrigatória para os adultos?
Seriam eles capazes de
aprender realmente
O que há tanto tempo têm
andado a ensinar?*

Saramago(2001,4ª. Capa)

Os primeiros livros dirigidos ao público infantil surgiram no mercado na primeira metade do século XVIII e, no século XVII, durante o classicismo francês houve obras que vieram a ser consideradas como literatura apropriada à infância. Conforme considera ZILBERMAM (2003, p.15) “Os primeiros livros para crianças foram produzidos no final do século 17 e durante o século 18. Antes disto, não se escrevia para elas, porque não existia a infância”.

A industrialização, fenômeno que marcou o século XVIII foi revolucionária, provocando renovação em diferentes setores sociais, econômicos, políticos e, conseqüentemente, na ideologia da época. A produção artesanal perdeu espaço para tecnologias mais complexas e manufaturas, dependentes das recentes inovações. Localizadas nos centros urbanos, as fábricas atraíram os trabalhadores do campo que, ao migrarem, incharam as cidades e estimularam o comércio. Por outro lado, a mão-de-obra

abundante produziu falta de empregos e ambos causaram o alojamento em periferias, a criação dos cinturões de miséria e a elevação dos índices de criminalidade.

Deflagrada no século XVIII e não mais interrompida, à revolução industrial se associam o crescimento financeiro e político das cidades e o enfraquecimento progressivo do poder rural e do feudalismo, restantes da Idade Média. O processo de urbanização ocorreu de modo desigual causando diferenças sociais: na periferia localiza-se o proletariado, formado pelas pessoas que haviam migrado do campo para a cidade e, no perímetro urbano, os burgueses, que financiam com seu capital excedente as indústrias que se instalam e a tecnologia necessária ao desenvolvimento destas.

A burguesia consolidou-se como classe social hegemônica incentivando as instituições que trabalham a seu favor, ajudando-a, portanto, a atingir os objetivos desejados. A primeira instituição é a família, que depende do Estado Absolutista, cujo desejo é o predomínio de um modo de vida mais doméstico e menos participativo socialmente.

A manutenção de um estereótipo familiar se estabiliza e se consolida na divisão do trabalho entre seus membros. Contudo, para a efetivação deste modo de vida é necessário preservar a infância. Como afirma ZILBERMANN (2003 p.15)“Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado”.

A criança deteve um novo papel na sociedade. Apareceram brinquedos industrializados, o livro como produto cultural, e novos ramos da ciência como a pediatria, a pedagogia e a psicologia. No entanto, esse novo papel foi apenas simbólico, pois, ao indivíduo que atravessava a faixa etária denominada de infância são dedicados vários atributos para promovê-lo socialmente, mas de modo negativo, ressaltando “virtudes” como a dependência e a obediência.

A burguesia contava ainda com uma segunda instituição colaboradora na solidificação política e ideológica: a escola. Antes considerada dispensável, transformou-se numa atividade permanente e fundamental para a criança.

A escola tornou-se obrigatória para a maioria das crianças de alguns segmentos sociais, afastando do mercado de trabalho um grande contingente

de pequenos operários, antes ocupantes dos lugares dos adultos nas fábricas. Nesse contexto, a Literatura Infantil e a escola foram convocadas para cumprir o papel educativo pretendido pela burguesia.

Como descrevem LAJOLO e ZILBERMAN (1999, p.14) “Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão” e, numa sociedade que cresceu por meio da industrialização, a literatura assumiu a forma mercadológica tornando-se consumível para aqueles que haviam passado pela escola. Durante muito tempo foi esse o papel da Literatura Infantil: colocar-se entre a criança e a sociedade de consumo de modo que, à criança, cabia respeitar a hierarquia superior, representada pelo adulto típico da burguesia.

Nesse contexto, como explicitam LAJOLO e ZILBERMAN (1999, p. 18) “... criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade querem que ela seja e temem que ela se torne, isto é, do que o adulto e a sociedade querem, eles próprios ser e temem tornar-se”. Essa postura é própria da classe burguesa que desejava com tais atitudes manter dominadas as camadas sociais inferiores, a fim de que elas a servissem e continuassem agindo de acordo com seus interesses e ideais.

Para a efetivação desse direcionamento, publicaram-se escritos para crianças feitos por educadores, com caráter educativo e normativo, visando a manipulação dos indivíduos. Por consequência, essa produção para crianças não pode ser compreendida como “arte”, possuindo uma finalidade pragmática, pois os escritores eram na maioria das vezes pedagogos.

Essa formação pedagógica incutida nas obras de literatura infanto-juvenil defendia o individualismo por meio de personagens *super-heróis*. Tanto a escola como a sociedade negavam os aspectos econômicos, sociais, afetivos e familiares com os quais conviviam as crianças reais. Segundo COELHO (2000, p.19-20).

O individualismo e suas verdades absolutas são a pedra angular do sistema. Tudo na sociedade tradicional (cristã, liberal, burguesa, pragmática, progressista, capitalista, patriarcal) parte de indivíduo e nele tem seu maior sustentáculo. Embora ideais generosos visassem o benefício da coletividade, na prática, o individualismo fortemente competitivo, que era a base do sistema, acabou por se transformar no

poder absoluto das minorias.

No entanto, grande parte das obras publicadas no século XVIII não permaneceu, pois seu compromisso com as instituições envolvidas com a criança era flagrante. Foi no século XIX que os irmãos Grimm editaram uma coleção de contos de Fadas que se converteram em sinônimo de Literatura Infantil. A partir daí definiram-se, com maior clareza, as obras que agradavam aos pequenos leitores. São todos da segunda metade do século XIX, os autores que confirmam a Literatura Infantil como parcela significativa da produção literária da sociedade capitalista. Por isso, quando se iniciou a publicação de livros para crianças no Brasil, a Europa já possuía um acervo sólido. Foi nesse panorama que emergiu a Literatura Infantil brasileira.

A Literatura Infantil brasileira surgiu muito tempo depois, quase no século XX. Foi com a implantação da Imprensa Régia que se iniciou, oficialmente, a atividade editorial. Inicia-se, então a produção de livros para crianças de maneira esporádica, no entanto essas produções não podiam ser caracterizadas como Literatura Brasileira para crianças.

A produção regular de obras literárias dedicadas à infância começou verdadeiramente, no Brasil, com a aproximação da proclamação da República. Nesse período o país passava por inúmeras transformações sociais e a imagem construída era a de uma nação cujo processo de modernização se acelerava.

A industrialização brasileira, ainda em seu início, interessava aos países já industrializados que percebiam seu potencial consumidor e, para atingir tal objetivo, as políticas favoreciam as camadas médias da sociedade brasileira, consumidores desse mercado expansionista.

Houve acelerada urbanização no fim do século XIX e início do século XX causada pela aceleração da industrialização e pelo comércio nacional e internacional do café que ampliaram a movimentação ferroviária e portuária no país. Este foi o momento propício para o início da literatura infantil.

O surgimento, em 1905, da revista infantil *O Tico-Tico*, expressou a prontidão da sociedade brasileira para receber produtos especificamente dirigidos para uma ou outra faixa de consumidores. Tal revista permaneceu

muito tempo no cenário editorial evidenciando a habilidade brasileira em consumir produtos da chamada indústria cultural.

No entanto, para se atingirem os objetivos propostos, isto é, iniciar na infância a inculcação de valores ideológicos, habilidades e conhecimentos necessários à produção de bens culturais entre os séculos XIX e XX é que se abriu espaço, no Brasil, para um tipo de publicação dirigida ao público infantil, portanto, intenções didáticas e literárias aproximavam-se, como pode se observar nos exemplos abaixo.



Fabricante: Livrarias Aillaud & Bertrand

Dimensões : 185 x 170 x 10 mm

Data : 1926

Nº de Páginas :62

Edição : 1ª

Disponívelem:

<http://livrosinfantisantigos.blogspot.com.br/search/label/Livrarias%20Aillaud%20e%20Bertrand>

Acesso em 15 de agosto de 2012



Fabricante: Editorial Majora

Edição 1^a.

Disponível em <http://livrosinfantisantigos.blogspot.com.br/2012/04/cigarra-e-formiga.html>

Acesso em 15 de agosto de 2012.

A questão que merece ser colocada em relevância, a partir da análise do exposto acima, é a função da linguagem artística e suas características.

Ainda hoje, pode-se observar, em muitas obras pretensamente literárias, o gosto pelo didatismo e a vocação para “pedagogizar” o texto dirigido ao público infantil. Essas são de indiscutível mau gosto, tendenciosas e não literárias, pois desrespeitam as marcas da linguagem característica da obra de arte, transformando-se em repassadores de conceitos prontos e da Língua Portuguesa, em sua função denotativa.

As características da linguagem literária, seus elementos formadores, sua função e importância para que a obra cumpra o seu propósito devem ser esclarecidas, para que possa se nomear, com exatidão, dentro de um conjunto de textos escritos, aqueles que realmente revelam a linguagem conotativa e

plurissignificativa das obras apropriadas para a leitura literária.

5. FUNÇÃO SOCIAL DA ARTE E DA ARTE LITERÁRIA

Existe um mundo que acontece pelo desenrolar lógico da história, em toda a sua crueza e insensibilidade. Mas há um mundo igualmente concreto que nasce dos sonhos: a Pietá, de Michelangelo, o Beijo, de Rodin, as telas de Van Gogh e Monet, as músicas de Tom Jobim, os livros de Guimarães Rosa e Saramago, as casas, os jardins, as comidas: eles existiram primeiro como sonho, antes de existirem como fatos. Quando os sonhos assumem a forma concreta, surge a beleza.

(Alves, 2004, p.10)

A arte pressupõe construção de sentidos, expressão e conhecimento. É intencional e possui aspectos do *fazer artístico*. Atribui-se à arte a interação do homem consigo, com os outros e com o universo.

A concepção de beleza relacionada a Deus na Idade Média se desfez durante o Renascimento e a arte humanizou-se, isto é, buscou-se a estética, a moral e o espiritual do homem. Com a Modernidade, a obra de arte passa a basear-se na ideologia dominante, sem perder a estética que a caracteriza.

Atualmente o homem anseia pela superação do cotidiano e pelo controle da realidade. No entanto, não se pode esquecer que toda obra constrói-se numa dada ideologia que pode mascarar as diferenças sociais, isto porque não existe arte desligada do contexto histórico a que pertence, podendo ou não se envolver mais fortemente com o mundo referencial.

A arte é social, pois simultaneamente sofre e exerce ações sobre o meio. Essa influência define-a CANDIDO (2000, p.20) “A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático,

modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento de valores sociais”. Sendo social a arte só efetiva suas funções quando se compõe pela interação entre o artista e o público, isto é, quando seus temas causam impacto sobre este último.

Sendo assim, a obra literária é segundo YUNES; PONDÉ (1988, p. 38) “... um objeto social; para que exista é preciso que alguém escreva e um outro leia”. A literatura literária desempenha assim um papel social, utilizando a linguagem (verbal ou não verbal), como meio específico de comunicação. O conteúdo social das obras e a influência que exercem no receptor fazem dela um poderoso instrumento de mobilização. Segundo CANDIDO (1995, p. 16) “a arte e a literatura são atividades permanentes, correspondendo a necessidades imperiosas do homem e da sociedade”.

O que socialmente se denomina como Literatura Infanto-Juvenil, nesse universo, serve-se dos mesmos instrumentos para cumprir sua função artística.

5.1 A LITERATURA INFANTO JUVENIL E SUAS FUNÇÕES

A dimensão social da literatura imposta pela burguesia tem repercussões até dias atuais. A escritura tem, a partir deste momento, o objetivo de influenciar a público adulto e privilegiar os textos dirigidos às crianças com o objetivo de moldar o comportamento infantil e reforçar valores apresentando-os como modelos a serem assimilados. Não é, portanto, errôneo afirmar que é esta uma das funções da Literatura Infanto-Juvenil, pois é na infância que se forma o gosto e o hábito pela leitura.

No entanto, a Literatura Infanto-Juvenil, no Brasil, surge na modernidade e reflete-se num sistema social complexo, no qual coexistia o pré-capitalismo e a grande cidade. O cenário social é plural, com duas realidades distintas: num deles, crianças sem acesso ao livro infantil e a leitura e noutro uma facilidade extrema de acesso aos bens de consumo, como a Literatura para crianças.

Embora se conviva com a disparidade sócio-econômica é preciso destacar que muitos livros infantis, atualmente, apresentam problemas sociais, políticos e econômicos coerentes com a realidade, sem mascará-los e sem

fugir ao lúdico, continuando a transmitir emoções e produzir múltiplos sentidos, ao mesmo tempo em que revelam intensamente a realidade em que se insere a criança. Observem-se as obras em prosa e verso de Ana Maria Machado, Manoel de Barros, Marina Colasanti, Sylvia Orthof, Ruy Castro, entre outros que têm produzido contemporaneamente Literatura Infanto-Juvenil de altíssima qualidade.

Nestes autores, como em outros, o movimento da Literatura Infanto-Juvenil contemporânea transforma-a em suporte para a experimentação do mundo, ao oferecer um texto aberto a múltiplas leituras. Desse modo, ao apresentarem dúvidas infantis sobre o mundo em que vivem, abre-se espaço para a reflexão e o questionamento, próprios da leitura de uma obra literária. Por outro lado, os contos clássicos, mitos, lendas, fábulas são fundamentais para a criança (e o adulto também), pois como afirma ZILBERMAN (2003, p. 27).

Em vista disso, a grande carência dela é o conhecimento de si mesma e do ambiente no qual vive, que é primordialmente o da família, depois o espaço circundante e, por fim, a história e a vida social. O que a ficção lhe outorga é uma visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes de sua estrita experiência existencial, por meio de sua linguagem simbólica. (...) seja pelo conto de fadas, pela reapropriação de mitos, fábulas e lendas folclóricas, ou pelo relato de aventuras, o leitor conhece o contorno no qual está inserido e com o qual compartilha lucros e perdas.

Sendo assim, é essa linguagem simbólica contida nas narrativas que aguça a sensibilidade artística e o equilíbrio entre o mundo real e o referencial. Com isso, a capacidade de simbolização-representação, necessárias ao desenvolvimento humano são estimuladas.

A leitura do texto literário segundo SILVA (1986, p. 21) “pode se constituir num fator de liberdade e transformação dos homens”. Pode-se dizer que, tanto a leitura do texto realista, quanto do texto maravilhoso cumprem seu papel, isto é, produzem o pensamento crítico, transformando, em consequência, a infância. Pois como afirma COELHO (2000, P. 26) “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e

a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...”

Nela estão inúmeras possibilidades de fruição de um texto literário que agrega palavras ao mundo infantil, permitindo que a criança receba imagens da realidade e que *jogue* com elas para construir compreensão mais ampla ao colocar à disposição do leitor infantil fragmentos da vida humana, da sociedade, do imediato e do inalcançável.

Para que tais propósitos constituam-se e se efetivem acredita-se que discutir a trajetória histórica da leitura na escola brasileira possa contribuir para o entendimento dos processos de construção e reconstrução dessa prática.

6. A ESCOLA PRIMÁRIA BRASILEIRA – NÃO À LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

(Assis, 1994, p.2)

Até meados do século XIX, os livros de leitura praticamente não existiam nas escolas. Fontes como relatos de viajantes, autobiografias e romances indicam que textos manuscritos, como documentos de cartórios e cartas, eram a base para o ensino e para a prática da leitura escolar. Assim SÍLVIO ROMERO citado por LAJOLO e ZILBERMAN (1999, p. 28) descreve essa situação:

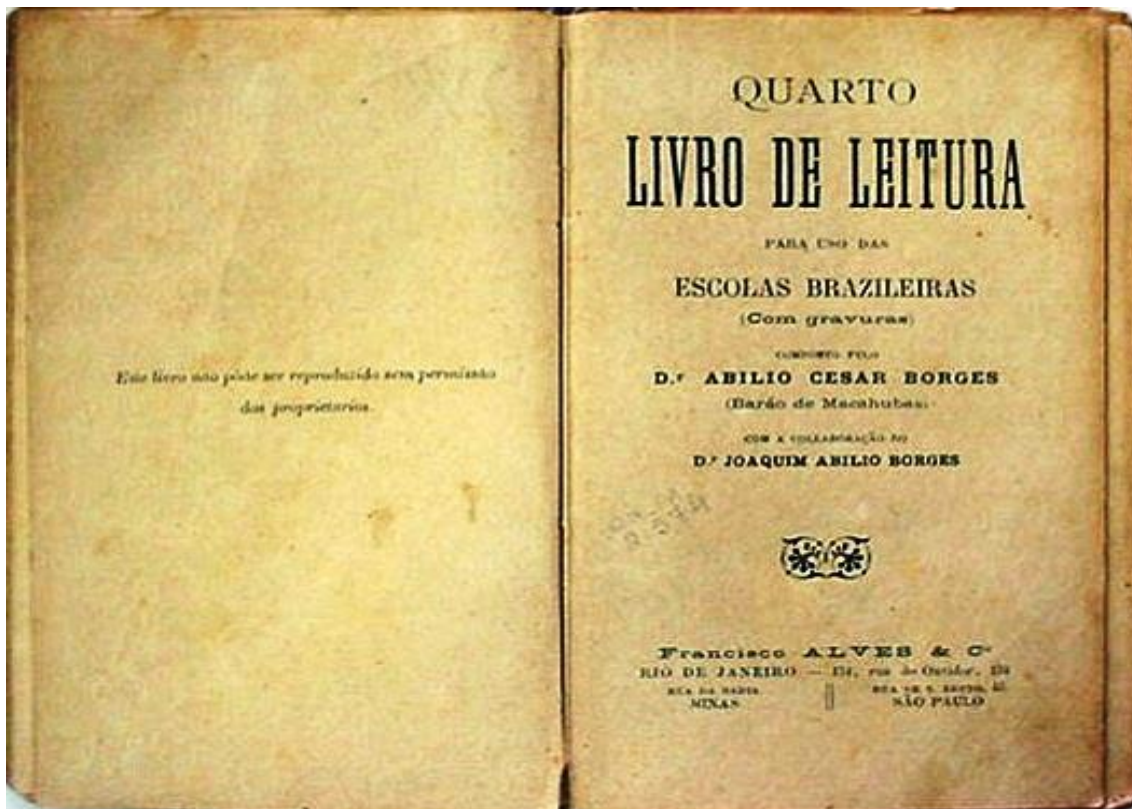
Ainda alcancei o tempo em que nas aulas de primeiras letras aprendia-se a ler em velhos autos, velhas sentenças fornecidas pelos cartórios dos escrivães forenses. Histórias detestáveis e enfadonhas em suas impertinentes banalidades eram-nos administradas nestes

poeirentos cartapácios. Eram como chaves a nos esmagar o senso estético, a embrutecer o raciocínio, a estragar o caráter.

Na verdade, nesse momento da história brasileira, o número de escolas era restrito. No período colonial as práticas iniciais de escolarização efetivavam-se nos próprios engenhos ou fazendas coordenadas pelo padre, capelão ou um mestre-escola contratado para esse fim. Os escravos eram proibidos de frequentar as escolas e, às meninas, a educação familiar e escolar oferecidas eram apenas as necessárias para que cumprissem bem as atividades domésticas.

Durante o período imperial surgem algumas iniciativas para ampliar a oferta de escolas à população já que, numa sociedade mais complexa, criaram-se demandas significativas em torno da educação. Novos costumes foram adotados e a educação passou a ser vista como um ato de civilidade necessário para o desenvolvimento econômico e cultural da sociedade.

Outra situação significativa foi a implantação da Imprensa Régia, em 1808, data em que se iniciou, de modo sistemático, a impressão de livros no país. Até então, não só na escola, mas em outras instâncias sociais, eram raros os objetos disponíveis para a leitura. Em 1868, Abílio César Borges iniciou a publicação de uma das séries mais editadas. Os livros foram considerados inovadores. *O primeiro Livro*, destinado ao aprendizado inicial da leitura e da escrita substituiu as cartilhas grosseiras ou os materiais manuscritos. Os demais livros da série tinham um caráter enciclopédico e traziam conteúdos de várias áreas do conhecimento. De cunho mais instrutivo do que moral, os livros de Borges foram aclamados pela crítica intelectual da época.



Disponível em: http://www.portalvенеza.com.br/nova_venez_a/abilio-cesar-borges-nosso-ilustre-patrono/

Acesso em 15 de agosto de 2012.

No final do século XIX e início do século XX a expansão da escolarização deu-se gradativamente, tornando-se uma das metas do Governo Republicano. Várias reformas no ensino foram propostas, novos métodos e teorias educacionais passaram a ser difundidos. Apesar dessas iniciativas, muitas vezes a escola, em seu cotidiano, permanecia semelhante ao que havia sido para as gerações anteriores. Os alunos não eram graduados em séries e sim agrupados pela condição de leitura que possuísem.

Surgiram, nesse momento histórico, as primeiras grandes editoras brasileiras. Várias tipografias instalaram-se em cidades brasileiras, inclusive nas pouco populosas. Autores brasileiros começaram a publicar no Brasil e isso consolidou a Literatura nacional. Surgiu a reivindicação de que as obras genuinamente brasileiras tivessem *espírito* e *sentimento* nacional.

O modelo republicano brasileiro favorecia o surgimento de um consumidor urbano consumidor de bens culturais, nesse conceito o saber devia deter-se no novo modelo social que se impunha. As campanhas a favor da instrução e da escolarização davam à escola o prestígio necessário para forçar

a produção de uma Literatura Infantil nacional. Para que se consolidassem esses objetivos começa-se a pensar a Literatura Infantil como formadora dos valores necessários à sociedade contemporânea.

São LAJOLO e ZILBERMAN (1999, p. 28) que explicitam essa necessidade social.

E tantos alertas, denúncias e sugestões não caíram no vazio: o apelo foi ouvido. Intelectuais, jornalistas e professores arregaçaram as mangas e puseram mãos à obra: começaram a produzir livros infantis que tinham um endereço certo: o corpo discente das escolas igualmente reivindicadas como necessárias à consolidação do projeto de um Brasil moderno.

É o que se demonstra no exemplo abaixo: as obras começaram a dirigir-se, especificamente para a leitura na escola.



Disponível em:

<http://acervohistoricodolivroescolar.blogspot.com.br/search/label/f%C3%A1bulas>

Acesso em 15 de agosto de 2012.

Da década de 20 até meados da de 50, inúmeros livros de leitura foram produzidos e algumas editoras especializaram-se na produção de livros didáticos. Chegava-se ao século XX com mais de 80% da população analfabeta, o que foi considerado uma *vergonha nacional*. A rede pública expandiu-se. Novos métodos de ensino foram discutidos no país, dada a forte influência da Escola Nova. Modalidades de leitura, como a coletiva e oral, foram banidos, sendo que a leitura silenciosa passou a ser prescrita como a ideal.

No dia-a-dia, a escola brasileira não absorvia as mudanças definidas pelas novas teorias, mantendo-se conservadora na produção da leitura na escola, que continuava a ser imposta aos alunos pelos professores, única e exclusivamente como tarefa escolar. Objetos de leitura, como as histórias em quadrinhos, eram proibidos aos alunos por conter, segundo os critérios da época, expressões chulas que não primavam pela norma culta da língua. Como consideram LAJOLO e ZILBERMAN (1999, p. 42).

Reencontra-se, nesta preocupação perfeccionista com a linguagem, a função de modelo que a literatura produzida para crianças assume nesse período. Assim, além de fornecer exemplos de qualidades, sentimentos, atitudes e valores a serem interiorizados pelas crianças, outro valor a ser assimilado, e que o texto deve manifestar com limpidez, é a correção de linguagem.

Assistia-se no Brasil, nessa época, a um crescimento expressivo das editoras, especializadas em livros didáticos que se tornaram fatia desejável do mercado. O público leitor diversificou-se. De modo geral, a produção literária brasileira e os livros escritos para a infância conquistavam espaço nessa produção.

Entre as décadas de 50 e 70, desenvolveram-se vários métodos alternativos de ensino. Surgiram as escolas experimentais onde o ensino era centrado no aluno. A rede pública cresceu muito rapidamente e as camadas populares frequentavam, cada vez mais, a escola. Nesse período aumentaram os meios de acesso à leitura: bibliotecas públicas foram criadas e o número de livrarias aumentou significativamente. Foi na década de 70 que a Literatura Infanto-Juvenil invadiu a escola brasileira.

Com uma produção cada vez mais diversificada, as obras destinadas às crianças começaram a fazer parte, ao lado dos livros didáticos, da prática de leitura escolar.

Aponta-se hoje, de maneira intensa, o movimento contrário ao da escola tradicional brasileira, isto é, a contracorrente dos livros didáticos. A escola moderna se apoia na leitura em seus usos sociais, servindo-se para tal de suportes antes banidos da sala de aula: o jornal, a revista em quadrinhos, a revista, o livro e outros; com o intuito de apresentar ao leitor infantil a diversidade dos modos de ler, dos gêneros e dos portadores de textos.

Discutem-se a *alegria* de ler e o *prazer* da leitura. Aspectos esquecidos no passado quando os ensinamentos morais e instrutivos eram importantes e se considerava que a busca do prazer na leitura era prejudicial à formação de qualquer leitor e, em especial, às crianças que iniciavam essa prática.

Atualmente o livro infantil, instrumento cujo propósito pode se constituir tanto da manutenção da ordem vigente impondo ao leitor infantil uma alienação implícita, quanto da ruptura de *status* sedimentados na sociedade, precisa ser analisado em seu uso, tanto no aspecto de produto vendável, portanto de consumo, como nos seus usos pela instituição educativa formal, a escola, representada pelo adulto educador (o professor).

7. SOBRE OS LIVROS PARA CRIANÇAS E LEITURA LITERÁRIA

Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

(Lispector, 1981, p.7)

Ouve-se em conversas com docentes frases como: “os alunos, especialmente os de nove ou dez anos, não querem mais saber de ler”.

Há diversos fatores influenciando negativamente na formação dos leitores: o preço dos livros e a condição social de boa parte dos alunos (e professores), o pequeno número de bibliotecas públicas, o convívio das crianças com adultos – inclusive os docentes – sem o exercício da leitura literária, entre outros e, como afirma MAGNANI (2001, p.86) em especial na escola brasileira;

... o dilema original do gênero – conciliação entre o útil e o agradável – vem se juntar aos dilemas educacionais não resolvidos: conciliação entre formação humana e preparo para o ensino superior e entre formação humana do tipo literário e do tipo científico.

Basta, para constatar tal afirmação, observar a confusa relação da escola com o livro literário. Este parece não ter lugar numa instituição que se baseia na mensuração do aprendizado científico.

Além disso, há uma imensa confusão diante da variedade de livros dirigidos ao público infantil e oferecidos pela indústria cultural. Essas obras não formam um conjunto homogêneo e sim conjuntos diferentes com características específicas, muitas vezes desconhecidas pelo docente que, desconhecendo-as, não as pode classificar ou utilizar-se destas coerentemente.

É importante destacar que todas as categorias de livros podem estar presentes na escola, pois cada um ao seu modo contribui para o ensino da leitura. O problema está na (in) diferenciação entre as categorias, pois estas confundem leitores, editores, autores e professores. A literatura Infanto-Juvenil – obra de arte – e o livro produzido para crianças não têm, em princípio, nada em comum.

Necessita-se então, clarear as fronteiras que separam a Literatura Infanto-Juvenil – obra de arte – daqueles textos que, dirigidos ao público infantil, utilizam-se do livro como suporte. Ricardo Azevedo, autor de várias obras de Literatura Infanto-Juvenil conceitua esses suportes e com base na sua classificação, definem-se tais suportes em:

Livros didáticos caracterizam-se pela sua utilidade, pretendem, exclusivamente, transmitir conhecimentos e informações. São instrumentos ligados ao ensino formal e escolarizado e necessitam de constante atualização, uma vez que o conhecimento científico está em permanente transformação. Muitas vezes, esses livros são utilizados nos CMEIS para a pesquisa, na elaboração de Planos de Trabalho Docente e adequação de propostas de trabalho para o aluno, nas diversas áreas do conhecimento, bem como os utilizam os docentes do ensino fundamental e da EJA.

Já os livros paradidáticos ou de apoio pedagógico, embora sejam também prioritariamente utilitários, apresentam diferentes níveis de didatismo – alguns possuem gêneros que se aproximam muito dos presentes no livro didático enquanto outros procuram, por meio da tipologia narrativa, tratar de assuntos ligados à Ética, à Filosofia, etc. São comuns também as abordagens nas áreas da História, das Ciências Naturais, da Geografia, da Matemática. É importante salientar que os livros de apoio pedagógico (também conhecidos como informativos) são produzidos sempre sob o ponto de vista do conhecimento objetivo.

Os livros-brinquedo (“pop up”, de banho, de pano) caracterizam-se pela valorização das imagens e pelas possibilidades de seu manuseio pelas crianças. Nesse tipo de suporte a qualidade literária comumente é substituída pelo colorido das páginas e seu formato sendo, portanto, atraentes para as crianças menores. O contato das crianças, em especial entre os 0 e 3 anos, com esses suportes é importante para tornar o livro desejável, embora não tenham como objetivo o trabalho com a palavra-arte, ou seja, esse tipo de livro não é apropriado para a leitura literária.

Ao lado dos livros-brinquedo podem-se citar os “livros para crianças”: nesses não há como nos primeiros, objetivos literários. São livros de preço acessível, com ilustrações óbvias e textos com pouca ou nenhuma qualidade literária. São ideais para que as crianças os manipulem e adquiram com isso, o comportamento leitor, ou seja, aprendam a virar páginas em certa ordem, seguir com o olhar o texto escrito e a ilustração, realizar “a leitura ao seu modo”, entre outros; fundamentais para o acesso inicial aos objetos portadores

de cultura escrita pela criança. É importante ressaltar que, para a leitura realizada pelo professor para as crianças, esses livros não são recomendados.

Ao contrário das funções e objetivos dos livros didáticos e de apoio pedagógico, cuja função é a de explicar (pelo viés da cognição), a leitura literária, cujo suporte é o livro (nesse caso, os da Literatura Infantil), pretende representar. De acordo com Aguiar (2007, p. 11)

[...] *representar* é também uma forma de lidar com o mundo, de conhecê-lo. O ser humano não é apenas aquele que explica o mundo, mas também aquele que o representa: que cria histórias, que vive, de certo modo, essas histórias, que absorve essas histórias em seu comportamento e em sua consciência de mundo – mesmo sem decifrar o enigma.

Desse modo, a literatura é, em termos e por comparação, uma arte (oposta à ciência), elaborada por meio das palavras e/ou ilustrações que se utiliza da ficção; tem motivação estética, ou seja, não é utilitária; recorre ao discurso poético, e assim, preocupa-se com a qualidade da linguagem em si (sua estrutura, seu ritmo, sua sonoridade), bem como está ligada a voz pessoal do ouvinte-leitor e pode-se, por meio dela, brincar com as palavras e reinventá-las.

É necessário tratar aqui da narrativa visual literária que, em linhas gerais, é pouco explorada pela escola, devido à grande valorização da escrita como forma de expressão.

Denominam-se de narrativa visual literária (ou não verbal) os livros que “contam uma história” através de ilustrações sem o uso do texto verbal. No nível do senso comum, há a compreensão de que os livros de imagens foram concebidos tendo em vista, exclusivamente, crianças pequenas não alfabetizadas. No entanto, a linguagem visual é extremamente representativa e faz parte da nossa vida cotidiana: representada pelo cinema, a televisão, vídeos, clips, publicidade entre outros.

Desse modo, Não há nada que impeça um livro de imagens de ser dirigido, por exemplo, ao público adulto (os produzidos pelo fotógrafo Sebastião

Salgado, por exemplo). Em outras palavras, os livros de imagem correspondem a uma linguagem que pode ser empregada de diversas maneiras.

Aponta-se então, para a discussão mais importante: a da escolha e do uso da leitura literária no interior da escola. Uma vez que esta pode ensinar coisas objetivas, e isso é extremamente produtor. No entanto, é preciso reconhecer que há aspectos da vida humana que não podem ser tratados de forma unívoca. Para tal, o leitor precisa entrar em contato com textos de ficção, emotivos e lúdicos para que se apercebam da complexa e ambígua realidade em que se inserem.

Se há uma utilidade da leitura literária na escola é a de possibilitar, no plano da expressão, o contato do leitor com uma linguagem expressiva, renovadora e poética e, no plano do conteúdo, a discussão sobre temas que especulam sobre a construção dos significados da existência e, como afirma AMARILHA (1997, p. 89):

A criança, ao se relacionar com o texto ficcional, relaciona-se implicitamente com o passado coletivo que constitui os valores, as ideias, as formas expressas no texto; organiza seu presente através das informações, experiências, identificações que o texto propõe, e projeta seu futuro transformando as matérias de vivência coletiva e individual através da fantasia, das possibilidades vivenciadas na interação com o texto.

Deve-se, por esses e outros motivos, haver a preocupação ao classificar e escolher os livros infantis, pois a confusão entre a arte (ficção) e o didatismo utilitário costuma afastar as crianças e os jovens não apenas da leitura em geral, como também da leitura literária especificamente. Recorre-se, para confirmar tal responsabilidade do adulto educador, a um trecho de *Peter Pan* ao referir-se à lagoa da *Terra do Nunca*, de BARRIE (s/d, p.106):

Se você fechar os olhos e for uma pessoa sortuda, por vezes conseguirá ver um ajuntamento disforme de cores suaves suspensas em meio à escuridão. Aí, então, se você apertar mais um pouco os olhos, este ajuntamento tomará forma e as cores se tornarão tão vivas que, com mais uma apertada nos olhos elas chegariam a pegar fogo. Mas um segundo, antes que tudo se incendeie, você vê a lagoa.

É o mais perto que se pode chegar da lagoa estando aqui no continente, só por um momento celestial. Se fosse possível ter dois momentos, talvez você visse as margens e ouvisse as sereias cantando.

Estando aqui no continente, isto é, no universo objetivo da leitura da e para a informação, é somente por meio da leitura literária que se pode vislumbrar o território ficcional, subjetivo, utópico e ambíguo, portanto profundamente humano, da Literatura.

No entanto, é incomum a escola tratar o livro literário como fonte de fruição e expressão do modo humano, pois como define MAGNANI (2001 p. 60) “Os professores recebem catálogos das editoras com sugestões para a indicação por séries e, geralmente, os títulos são acompanhados de “suplementos de trabalhos”, ou seja, a ficha de leitura que, no exemplar gratuito do mestre, possui as respostas prontas. Vê-se, portanto, o adulto leitor equivocadamente demarcando as possibilidades de leitura da criança. Essa demarcação faz-se, repetidamente, de acordo com critérios comodistas e conservadores que, de modo não intencional, mas profundamente arraigados no adulto afastam a criança leitora da obra de arte.

Apesar das tentativas de ruptura dessa prática é ainda comum que os projetos de Literatura na escola pública apoiem-se em tentativas ingênuas de formar o leitor literário segundo critérios de avaliação, baseados por sua vez, em conteúdos específicos que tomam essa formação como algo perceptível de modo imediato.

Percebe-se que a história das tendências pedagógicas no interior das escolas brasileiras e a ruptura de teorias e práticas educacionais revelam, implicitamente, como vem se dando este processo de desconstrução e construção das diferentes formas de se lidar com o livro literário ou utilitário.

Em especial dedicar-se-á, nesta reflexão, atenção a duas vertentes que, resultantes da mesma filosofia, mostraram-se antagônicas e que, mesmo promovendo rupturas no “pensar pedagógico”, não se mostraram eficientes na construção de um ensino de leitura literária nas escolas públicas brasileiras.

8. AS CONCEPÇÕES DE ENSINO E A LITERATURA

Daí começar pelo começo: pela criança, pelo seu imaginário e sua possível descoberta da vida real, através do ouvir, ler contar ou inventar histórias... como tem acontecido desde as origens do tempo.

(Coelho, 2002, 4ª capa)

A leitura literária, de certo modo, molda a criança, ao permitir e estimular a reconstrução de sentidos, tendo uma função pedagógica cujo propósito depende das tendências aplicadas ao ensino, intimamente relacionadas ao contexto histórico e social.

A relação entre a Literatura Infanto-Juvenil e a escola, como instituição educativa sistemática, vem se modificando ao longo do tempo. Para que se compreenda esse processo, é necessário explicitar a condição de dois sujeitos envolvidos, ou seja, o professor e os alunos. O primeiro em sua concepção de mundo e de educação e o segundo como coautor do saber sistematizado. É igualmente importante que se diferenciem orientações metodológicas cujos princípios baseiam-se, num momento, na manutenção de determinada ordem social e noutro numa aparente ruptura, para que se possa analisar em que medida houve contribuição na modificação do pensamento educacional brasileiro.

É válido afirmar que as duas tendências analisadas abaixo estão presentes de forma prioritária na escola brasileira e que seus princípios vigoram intensamente do ponto de vista pedagógico, afetando a sistematização da leitura literária nas instituições de ensino.

8.1. PEDAGOGIA LIBERAL – TENDÊNCIA TRADICIONAL E AUTORITARISMO PEDAGÓGICO

Classificada por LIBÂNEO (1989, p.21) como integrante da

Pedagogia Liberal a tendência ou Escola Tradicional não é fruto das ideias de um filósofo ou pensador específico, mas de uma prática que se estende ao longo dos séculos, sendo um paradigma da educação, influenciado pelo pensamento cartesiano e pela visão mecanicista e determinista.

Para a pedagogia clássica, herdada pela república brasileira do colonialismo jesuítico, a criança era uma *tabula* na qual o professor imprimia as informações sobre o mundo. Informações estas baseadas nas realizações de gênios e pensadores do passado, vistos como modelo a serem imitados. Conforme COELHO (2000, p. 20):

Na Literatura, essa valorização ideal do indivíduo está patente nas características dos heróis ou personagens românticos: todos eles, seres de exceção, modelos das qualidades e virtudes consagradas pela Sociedade, como padrões a serem imitados. Desse modo surgem, na literatura para crianças e jovens, os grandes heróis aventureiros, os tipos corajosos, invencíveis, verdadeiros super-homens que hoje se transformaram nos *super-men* que invadiram as histórias quadrinhos e os filmes da TV.

Sendo assim, para os alunos incapazes de seguir modelos, por incompetência biológica, a aprendizagem não se efetivaria.

MAGNANI (2001, p. 24) descreve a herança jesuítica da escola tradicional brasileira “em 25/06/71, afirma Emílio G. Médici: objetivam essas medidas, no seu conjunto, democratizar o ensino de maneira que a todos se assegure o direito à educação. Abre-se caminho destarte, para que possa qualquer do povo, *na razão de seus predicados genéticos*, desenvolver a própria personalidade e atingir, na escala social, a posição a que tenha jus.” (grifo da autora)

Referindo-se à Lei 5.692/71 esta citação reafirma o ideal clássico de educação que, atendendo aos ideais burgueses, busca a manutenção da ordem social vigente e torna o indivíduo o único responsável pelo seu aprendizado e desenvolvimento. Mesmo porque, os princípios da tendência tradicional são a estrutura piramidal, o formalismo e a memorização, o esforço individual, a competição e o respeito às autoridades.

A estrutura piramidal segue o princípio cartesiano segundo o qual, para resolver um problema é necessário separá-lo em partes e resolvê-las uma

a uma, indo das mais simples às mais complexas. Observa-se essa estrutura quando, no uso da Literatura Infanto-Juvenil, adotam-se princípios de adequação à faixa etária, estrutura narrativa e complexidade dos livros literários apresentados pelos docentes ao alunado dos anos iniciais.

Outros valores da tendência tradicional, na Arte Literária, presentes na escola são o formalismo e a memorização, pois se a imitação é um princípio da aprendizagem, ao alunado oferecem-se apenas os clássicos como modelos perfeitos do uso da linguagem. Nesse contexto, a Literatura é usada como pretexto para a criação de conceitos e a repetição dos valores da burguesia, portanto a memorização de períodos literários, nomes de autores e a forma culta da Língua são os eixos norteadores do trabalho com o texto literário.

O esforço individual, neste paradigma, é necessário à educação e, para estimulá-lo, o alunado recebe prêmios – medalhas, tem seu nome nos “quadros de honra” e torna-se o orador da turma – caso consiga realizar a repetição de conceitos propostos – senão, deve ser castigado. Não há cooperação e sim competição.

A autoridade do professor é inquestionável e é ele o detentor do conhecimento científico acumulado, o respeito aos conceitos repassados pelo docente é a única forma de aprendizagem considerada própria. Mas também o professor está submetido às autoridades hierarquicamente superiores a ele, portanto, a classificação dos sujeitos importa mais que as relações e os conhecimentos relevantes.

A avaliação, forma de verificar se o alunado reteve o conhecimento repassado pelo professor, se faz através da prova, único momento em que a aprendizagem é testada. O desempenho do aluno no processo de aprendizagem é desconsiderado. O livro literário, nesse conjunto de princípios, era “estudado” e as perguntas dirigidas (questionários) exigiam a repetição exata daquilo que o docente, seguindo as “fichas de leitura”, propunha como correto na leitura feita pelo alunado.

Todas as características apontadas acima podem ser observadas ainda hoje no uso da Literatura Infanto-Juvenil no interior da escola. E, embora venha sendo criticada há mais de um século, a tendência tradicional está presente em muitas salas de aula. A maioria das escolas, colégios e universidades – que influenciam diretamente na formação e na prática dos

docentes – ainda priorizam tal tendência, pois os eixos, princípios e valores da política brasileira não mudaram fundamentalmente desde a independência. Fato que se percebe ao se observar as ligações entre esta forma de pensar pedagogicamente e as vontades políticas sobre a formação do leitor literário no Brasil (é importante lembrar que o PNLL foi aprovado em 2006). São essas vontades que moldaram e ainda moldam, de certo modo, a leitura literária na escola brasileira.

As concepções de Literatura e ensino foram, durante muito tempo, parceiras na manutenção de uma determinada sociedade, isto é, preocupavam-se ambas em introduzir a criança no mundo dos adultos, classificando-as em grupos semelhantes.

Essa escola negava-se a conceber a criança diferentemente do adulto, portanto negava-lhe o aprendizado obtido no convívio social e na interação com seus pares e a ensinava seguindo normas. Essa educação normativa estava ligada aos princípios burgueses, buscando a manutenção de um *status* que atendia aos interesses das classes sociais dominantes. A escola e a Literatura eram, portanto, grandes aliadas dessa classe social, na medida em que surgia daí o que se pode denominar de *pedagogia controladora*, presente hoje na tendência tradicional, cujas características principais foram apontadas.

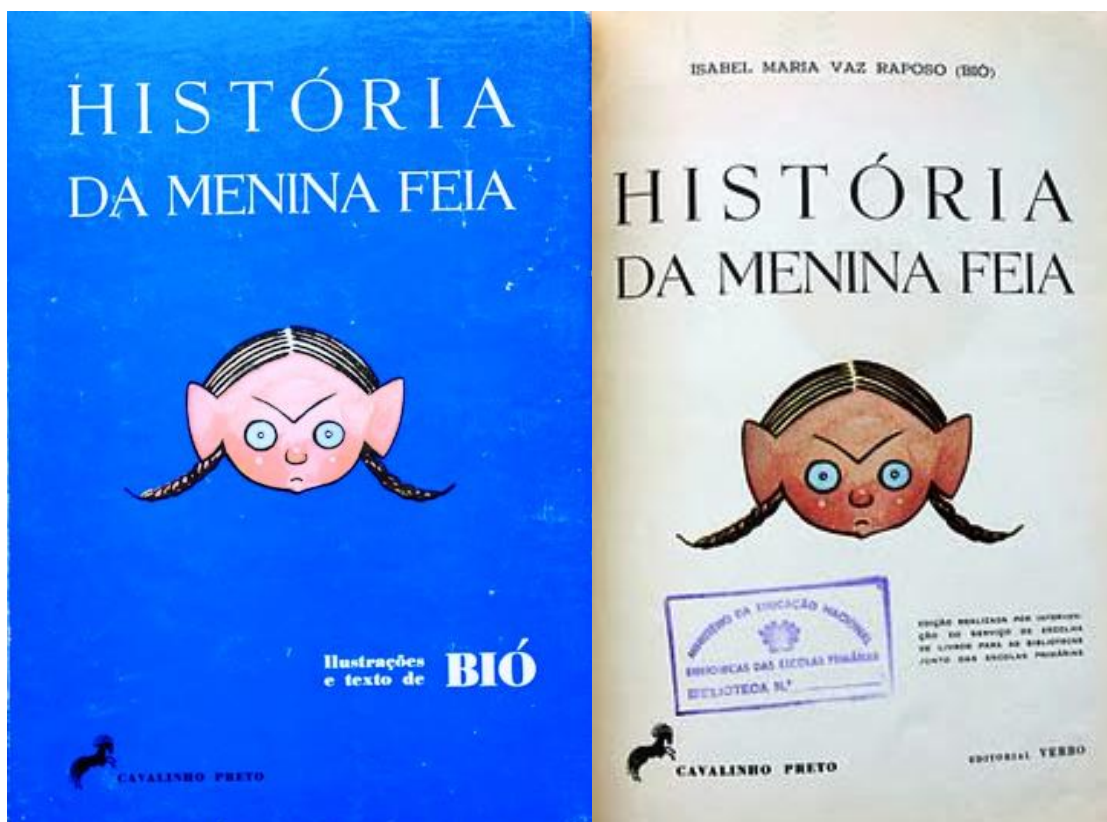
Os textos supostamente literários utilizados pela escola não passavam de manuais de instruções, procurando substituir os conceitos adultos e desvelando, no entanto, intenções pedagógicas. A produção destinada à infância, muitas vezes, mascarava *pedagogismos* em voga nesse modo de pensar o ensino.

Um exemplo interessante desse modo de emissão está numa obra intitulada *Histórias Brasileiras* cuja 1ª edição é de 1955. No prefácio de um dos volumes da obra se definem claramente os objetivos da produção de textos literários para a infância e a juventude. Assim escreve BRAHE (1958, p.7):

Entretanto, naturalmente desde o raiar da segunda infância que é preciso pôr sob os olhos das crianças que já começam a ler, outras narrativas, outras pequenas novelas que, interessando o espírito, já o eduquem e o preparem para a adolescência; foi com esse intuito que

escrevemos este livro, despindo-o de certos enganos, de artifícios e transformações inverossímeis, que deturpam a compreensão das crianças fazendo-lhes crer no que não existe e permanecer a sua inteligência num ciclo de dúvida.

Outro exemplo dessa produção pode ser observado abaixo:





Fabricante/Maker: Editorial Verbo

Nº de Páginas: 28

Edição: 1

Disponível em: <http://livrosinfantisantigos.blogspot.com.br/search/label/BI%C3%93>

Acesso em 15 de agosto de 2012.

Explicitam-se na citação e nas imagens acima os valores dos quais deveriam apropriar-se as crianças em idade escolar. Defendem-se, para que isso se torne possível, textos literários que possuam valores heróicos, sacrifícios patrióticos, espírito bélico, esforço individual e outros. A educação normativa, para a manutenção da sociedade, é uma característica presente em todas as obras literárias oferecidas para o público infantil dentro e fora da escola, porém é nesta última que a Literatura Infanto-Juvenil torna-se, de fato, uma aliada importante da concepção burguesa, pois é no interior da escola que a leitura do texto literário é sistematizada e, de tanto ser repetida, é apropriada pela criança, bem como seus valores implícitos.

Há, ainda hoje, na produção de livros para as crianças, inúmeros outros exemplos dessa concepção de infância e ensino. Obras destinadas à apreciação dos docentes, enviadas em forma de catálogos, com preços

acessíveis, de modo recorrente indicam como Literário o livro paradidático, o livro brinquedo, o livro para crianças; mascarando assim, as intenções mercadológicas da produção cultural. Sendo assim, o livro infantil assume uma função utilitária que, sendo denotativa e objetiva, não possui as características da linguagem literária. Nesse caso, a palavra e/ou ilustração artística é tratada como se fosse palavra-informação e serve a propósitos diversos daqueles do livro literário. Um exemplo dessa afirmação pode ser observado abaixo:



(Capa de um dos volumes da Coleção Vamos Conversar – Companhia Editora Nacional)

A práxis está diretamente ligada aos princípios da formação docente, portanto, apesar da estranheza, pode-se considerar que, ao professor, cuja formação acadêmica é deficitária nos aspectos teóricos e metodológicos, não salte aos olhos essa intencionalidade, muitas vezes confundida com facilitação de acesso aos bens culturais produzidos.

Outra tendência educacional, pertencente à Pedagogia Liberal buscou a ruptura com o paradigma da tendência tradicional e está presente,

muito fortemente, na escola brasileira e na concepção sobre a sistematização da leitura literária.

8.2. PEDAGOGIA LIBERAL – A ESCOLA NOVA E O LASS-FARE

Ao contrário da tendência tradicional, a Escola Nova tem no Brasil demarcação histórica e teórica pontual. Afirmava TEIXEIRA (1968, p. 17) que seria “fácil demonstrar como todos os pressupostos em que a escola se baseava foram alterados pela nova ordem das coisas e pelo novo espírito de nossa civilização”. Isto por que o movimento “*escolanovista*” apoiava-se em concepções surgidas no fim do século XIX na Europa e nos Estados Unidos e, especialmente, nas ideias do filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey.

A Escola Nova impulsionada pela necessidade de democratizar a sociedade aconteceu concomitantemente com a tradicional e buscava reformas educacionais urgentes. Essa tendência concentrava-se no aluno. Os educadores que por ela optaram, o fizeram com o intuito de adaptar o alunado ao seu ambiente social. Foi na Escola Nova que se rompeu com a cultura livresca, tradicional e intelectualista. As teorias e práticas de ensino convergiam para a criatividade e para a livre expressão e acentua-se o respeito à individualidade. Segundo FUSARI E FERRAZ (1992, p. 28) “Do ponto de vista da Escola Nova, os conhecimentos já obtidos pela ciência e acumulados pela humanidade não precisariam ser transmitidos aos alunos, pois se acreditava que, passando por esses métodos, eles seriam naturalmente encontrados e organizados”.

No que concerne às teorias e práticas de apreciação estética, a Escola Nova rompeu com as cópias de modelos, partiu para a livre expressão e a valorização da criatividade, acentuando-se o respeito à individualidade do aluno.

Se por um lado, para a escola pública brasileira romper com os padrões estéticos e metodológicos tradicionais foi importante, por outro surgiu nesta uma postura não diretiva, onde tudo era permitido em nome da livre expressão. O conhecimento foi abandonado e o ensino tornou-se “espontaneísta”

A Literatura Infanto-Juvenil passou, nesse período, a ser valorizada unicamente pelo viés da fruição e do desenvolvimento do gosto. Servia apenas para comunicar e expressar sensações e ideias das quais o aluno poderia apropriar-se a seu modo e apenas caso desejasse fazê-lo.

Desse modo, contrariando a perspectiva autoritária da tendência tradicional, a Escola Nova, em busca da ruptura, acabou por tornar a sistematização da leitura literária inócua e até desnecessária. A prática dos professores, nessa tendência, partia do princípio de que a arte literária não se ensinava: se expressava. Portanto, qualquer leitura era permitida e incentivada, sem que houvesse da parte dos docentes, qualquer iniciativa em sistematizá-la, ou encaminhar aos alunos obras verdadeiramente literárias. A Literatura Infanto-Juvenil ficou confinada à condição de passatempo.

Tal situação é ainda presente na escola atual, pois se observa que, na tentativa de não obrigar o aluno a ler obras literárias, os docentes não propiciam ao alunado nenhum contato com a obra de arte escrita (verbal ou não verbal), deixando-os livres para escolher ser ou não leitores desses gêneros textuais.

Mesmo sendo tendências antagônicas, tanto a Tendência Tradicional quanto a Escola Nova dificultam a sistematização da leitura literária, por considerarem teórica e praticamente, que o seu conhecimento somente dar-se-á ou pela imitação, ou pelo “espontaneísmo”.

A Pedagogia Liberal em suas tendências, tradicional e escolanovista, por longo tempo dominaram o pensar pedagógico e influenciaram os equívocos metodológicos em todas as áreas do conhecimento. O ato de ensinar a ler obras literárias está, ainda, muitas vezes sedimentado por essas concepções.

Porém, tendências progressistas têm obrigado à reflexão das práticas da leitura literária dentro do espaço escolar. É sobre essa concepção que se tratará abaixo, com o objetivo de defender o ensino nesta área, preservando o equilíbrio entre o conhecimento científico e o gosto, produzidos simultaneamente por aquele que exercita e, portanto, desfruta da leitura literária.

9. A SISTEMATIZAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA – REFLEXÃO EBUSCA DO EQUILÍBRIO

Pegue-se uma classe adolescente, cerca de trinta e cinco alunos. Oh! Não esses alunos cuidadosamente calibrados para atravessar bem depressa os altos pórticos das grandes escolas, não, os outros, aqueles que se fizeram despachar dos liceus do centro da cidade porque seus boletins não prometiam nada parecido com vestibular, nenhum vestibular mesmo.

(Daniel Pennac)

É necessário problematizar, em especial na escola pública, as carências que produziram e produzem uma pedagogia facilitadora que tem servido como subterfúgio para o não acesso da criança e do adolescente; do jovem e adulto à leitura literária – compreendida aqui como objeto de arte. A adequação ao público – oriundo da classe trabalhadora, portanto sem acesso aos bens culturais produzidos – tem servido a posicionamentos demagógicos e autoritários que privilegiam, intencionalmente, o alunado da elite.

Portanto, deve-se constatar o óbvio: aprende-se a julgar valores estéticos, a ler e a gostar de ler, a ter critérios e opiniões; tudo isso se aprende lendo dentro da escola; pelo exercício e pela mediação do mais experiente (nesse caso, o professor).

Mesmo porque o gosto pela leitura – tomado aqui como sinônimo de sabor, prazer, possibilidade de julgamento, estabelecimento de padrões intertextuais, contraposições – e, em especial pela leitura literária, não é intrínseco à raça humana, inato e acabado. A formação desse gosto deve-se às necessidades, ao espaço e ao tempo em que se movem as pessoas e a sociedade. Desenvolvimento e aprendizado estão, por isso, interrelacionados e constituem o processo de formação dos sujeitos que, por sua vez, passa pelas linguagens das quais se apropria ao longo do tempo.

Algumas concepções de história, educação e linguagem dimensionam o papel e a função da aprendizagem escolar, como já se observou anteriormente. É a escola, (independentemente da modalidade) em

nossa sociedade que ocupa o lugar privilegiado para o trabalho de formação-construção do gosto pela leitura literária, item fundamental no processo de desenvolvimento dos sujeitos.

As tendências educacionais em voga nas escolas públicas, principalmente nas últimas décadas, vêm refletindo sobre a importância e a necessidade da leitura por parte dos alunos. VELIAGO (1999, p.50) alerta sobre tal necessidade “Ler, como qualquer aprendizagem, requer dedicação: por isso os alunos devem ter a oportunidade de encarar o livro como um desafio interessante que abrirá portas, não só para o conhecimento, mas também para o entretenimento e a diversão”.

Como exemplo das ações públicas mais modernas de formação do leitor nas escolas públicas, pode-se citar o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) que distribuiu coleções de livros de Literatura Infanto-Juvenil por meio do programa *Literatura em Minha Casa*. Iniciado em abril de 2002, o programa enviou uma coleção de livros para estudantes da 4ª série do ensino fundamental. Nesse mesmo ano os alunos de 5ª série receberam uma coleção, sendo que esse material pertencia ao aluno.

Mais recentemente, (a partir da implantação do PNLL) o MEC iniciou a ampla distribuição de livros para bibliotecas escolares e de CMEIS, nestes acervos constam obras de boa qualidade, para crianças, jovens e adultos. No entanto, ao MEC cabe a responsabilidade de ampliar o acervo escolar e não de sistematizar a leitura literária dentro das instituições de ensino.

JeaneteBeauchamp, diretora do Departamento de Política de Educação Infantil e do Ensino Fundamental, citada por Luiz Fernando Vianna no jornal Folha de São Paulo em 09 de abril de 2004, afirmava que o Ministério tinha controle sobre a distribuição dos livros, mas não da utilização deles, “Até o fim do primeiro semestre, nós estaremos discutindo as diretrizes do programa, para que distribuição dos livros possa ser articulada com uma política de leitura. *Um programa desse porte só faz sentido se houver uma leitura efetiva dos livros por parte dos alunos*”. (grifo nosso)

Deve-se observar que, apesar de publicada há quase dez anos, essa máxima vale para os dias atuais, pois reforça a importância da mediação do docente, sem a qual nenhuma obra de arte pode ser analisada em todas as suas dimensões.

Outro dado importante a considerar-se é que publicações, nos últimos dez ou vinte anos estão repletas de críticas sobre as concepções tradicionais e/ou “escolanovistas” ao se referir sobre as políticas de leitura literária na escola brasileira.

Observa-se no texto de VELIAGO (1999, p. 49) “Para muitos de nós, a escola foi um espaço no qual a leitura era constante objeto de avaliação, em que a preocupação maior estava voltada para o correto entendimento do texto lido, como se existisse apenas uma interpretação, correta e esperada”. Em contraposição a mesma autora adverte (1999, p. 50) “Ler não deve ser uma atividade extraclasse – quando sobra tempo, quando a classe está muito agitada ou quando faltam muitos alunos. A leitura precisa ocupar o horário nobre da aula.”

Portanto afirma-se que, em detrimento do conforto que as práticas tradicionais ou “espontaneistas” tragam, adotá-las têm servido para estabelecer um conformismo educacional e cultural que nega os objetivos explicitados pelas tendências educacionais progressistas, no nosso caso da Pedagogia Histórico-Crítica, defensora da formação de um alunado cujo comportamento sociocultural deve ser crítico e transformador, tarefa esta que cabe, não só, mas também ao exercício da leitura literária.

O critério frequente para a seleção e a utilização do livro literário é, ainda em muitas situações, o que se amolda ao gosto do alunado que por sua vez é determinado pelos produtos em voga no contexto social. Expectativas que atendem ao apelo de consumo são confirmadas e até mesmo realimentadas no interior da escola sob o pretexto de se respeitar, com isso, a adequação ao gosto dos alunos para que estes gostem de ler. Disfarçada de divulgação e democratização da leitura literária, apenas esta modalidade, oficializa e sistematiza a obra conformista e trivial. Expandem-se na escola uma visão conformista da leitura literária que imobiliza o gosto e não forma leitores.

O problema da leitura literária na escola não se deve à adequação da faixa etária ou ao gosto do alunado. É essa discussão que se pretende apontar nesse texto, visto que leitura e literatura são fenômenos sociais, são formas de conhecimento e é necessário pensá-las em seu funcionamento sócio-histórico.

A leitura não é um ato isolado e, como afirma PENNAC (1998, p.13).

O verbo ler não suporta o imperativo. Aversão que partilha com alguns outros: o verbo “amar”... o verbo “sonhar”... Bem, é sempre possível tentar, é claro. Vamos lá: “Me ame!” “Sonhe!” “Leia!” “Leia logo, que diabo, eu estou mandando você ler!”

Vá para o seu quarto e leia! Resultado? Nulo.

Concorda-se com o autor e afirma-se que ler não é posicionar-se individualmente ante o que foi produzido por outro. Tal tarefa propõe a decodificação de sinais e a imersão no contexto social da linguagem e da aprendizagem, por meio da compreensão do discurso de outro, pois ambos – escritor e leitor – têm suas próprias histórias de leitura que são responsáveis pelo trabalho de construção e reconstrução dos significados da linguagem.

O texto literário, especialmente do de Literatura Infanto-Juvenil, nesse contexto de leitura, deve ser compreendido como um lugar de interação humana e social. Não se pode pensá-lo como um conjunto de normas e códigos irrevogáveis, mas como uma ação para transformar, sempre em curso.

Em contraposição aos pensamentos conservadores ou “espontaneístas” já abordados, defende-se a ideia de uma tendência educacional que possibilite a desacomodação e a desestabilização do *já dado e conhecido* para a busca da construção de outros caminhos, sabendo que a aprendizagem escolar da leitura literária desempenha um papel importante no desenvolvimento dos sujeitos.

Essa concepção, do ponto de vista didático-pedagógico, traduz-se na Pedagogia Histórico-Crítica. Nessa abordagem a aprendizagem escolar concorre para o desenvolvimento processual dos sujeitos, na medida em que o aluno, agindo entre outros e sobre os objetos, constrói conhecimentos científicos específicos em cada área do conhecimento escolar, sendo a leitura literária, um desses aprendizados.

De acordo com a Teoria Pedagógica, o que o aluno já sabe (senso comum), aquilo que já consegue realizar, como conhecimento, é um meio e não uma finalidade. Uma vez superado determinado nível de apropriação, a aprendizagem deve propiciar novos problemas, novas operações de pensamento, que vão se organizando, por sua vez, em novos estágios de desenvolvimento.

Esses conceitos remetem-se a um conceito utilizado por VYGOTSKY(1989,p. 97) cuja relação entre desenvolvimento e aprendizagem pressupõe a “zona de desenvolvimento proximal”, que nada mais é do que a distância entre o nível de desenvolvimento real do alunado – que se costuma determinar através da solução autônoma dos problemas apontados – e o nível de desenvolvimento potencial – determinado pela solução de problemas sob a mediação do adulto educador (professor).

Nessa perspectiva, a imitação e o modelo, ao contrário da tendência tradicional, adquirem um papel relevante, pois a imitação deixa de se tornar ato mecânico e se transforma em necessidade de aprender e ensinar, articulada a um projeto histórico que habilita o alunado a realizar aprendizagens, cada vez mais complexas, de forma autônoma.

A imitação e o modelo, tomados nesse conceito, devem estar presentes na aprendizagem e é dessa maneira que a criança aprende e penetra na vida social. Ao contrário da perspectiva “escolanovista”, não se aprende a partir do nada, espontaneamente e apenas quando a necessidade de aprender brota do indivíduo. Os conhecimentos científicos não precisam ser reinventados, precisam sim, de que se aproprie deles, da maneira mais completa possível. Por ocorrer num contexto de interação sujeito-conhecimento, histórica e socialmente, o trabalho do conhecimento transita constantemente entre a reprodução e a produção de significados.

Sabe-se que os modelos são históricos, portanto não basta imitá-los, a menos que se deseje “reinventar a roda” diariamente. Valorizar o saber do senso comum, próprio do alunado, não significa deixá-lo apenas com este e sim orientá-lo (como professor/sujeito que também constrói e se forma) a conhecer as contradições e avançar no processo de constituição como sujeitoativo – não como consumidor passivo – das determinações históricas, dos seus conflitos e transformações.

Para tal, a leitura literária, tão mal tratada pela escola pública brasileira precisa ser trabalhada sob o seu princípio linguístico – de, como e sobre a linguagem –. Ler e não preencher fichas de leitura auxilia no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, no desenvolvimento do pensamento abstrato. É pela leitura que se conhecem e aprendem outros conteúdos de ensino, é pela leitura que se conhece e aprende, portanto, a

literatura.

Quando se trata do ensino da Língua Portuguesa, o instrumento torna-se também conteúdo, objeto de reflexão e conhecimento. Aparece, nesse contexto, o instrumento/objeto de estudo: o texto – a língua em uso; ou seja, o texto literário surge como parte integrante do estudo da própria linguagem. Serve para ser conhecido em sua especificidade.

Discute-se então, em que e como a leitura literária pode contribuir para a formação do sujeito leitor. Crê-se que, por corresponder a uma necessidade existencial, o ato de ler literatura atua em zonas profundas e promove a superação de conflitos internos, mobilizando a imaginação para a superação, também, de problemas de outra ordem.

O texto literário desencadeia uma ação na esfera imaginativa, cria, com isso, novas relações entre situações reais e situações de pensamento, bem como amplia o campo de significações auxiliando na formação de planos para a vida real, pois como afirma COSTA (1999, p. 75). “Ler é reconhecer-se. Toda vez que percebemos a identificação do leitor com situações, sentimentos e personagens, vivenciamos o poder de expressar o ser humano que o texto literário por natureza contém. É por isso que o leitor alimenta seu imaginário ao interagir com as construções literárias, inventadas a partir do real”.

A Literatura lida com necessidades em que se criam, por consequência seguem-se regras voluntárias para a satisfação do desejo, é um meio de se fornecer estruturas básicas para a mudança de necessidades e consciência, o que proporcionará o avanço nos níveis de desenvolvimento.

No entanto, o texto literário se caracteriza por um conjunto de relações que o definem como unidade de sentido. O que caracteriza tal texto não é apenas o assunto ou o conteúdo, portanto é uma incoerência classificar livros literários por faixa etária apenas, ao se querer oferecer condições de avanço com a leitura literária dos alunos. É necessário sim, levar em conta o todo de um texto: como, quando, onde, por que, para que, para quem se diz. É nessa unidade que o leitor se movimenta, é desse conjunto de relações que se forma o ato de ler e não da moral da história ou das lições comportamentais que possa conter, ou mesmo do conteúdo revolucionário.

Afirma-se que, se *gosto se aprende*, pode ser ensinado. O aprendizado se dá de forma não espontânea e necessita de intervenção

intencional e construtiva, cabendo ao professor um papel significativo no desenvolvimento e na aprendizagem dos seus alunos/leitores. Caso contrário condena-se o alunado, pois como desvela COSTA (1999, p. 76).

Não entender e não ser capaz de interpretar o que lê equivalem a constatar no leitor o atrofiamento de sua qualidade humana de atribuir sentidos cada vez mais complexos aos signos da realidade. É impor limites à sua relação com o mundo. É condená-lo a assumir valores de outrem, ditados oralmente com o poder da voz. É incorporar a história dos outros como se fosse a sua própria. Enfim, é alienar o indivíduo de si mesmo.

Crê-se que nenhum docente intencional e conscientemente deseje, ao alunado (e a si mesmo), tal destino. Por isso cabe ao professor articular princípios e práticas, isto é, tudo o que foi dito, vem sendo e vai ser dito sobre a leitura literária precisa interessar a este trabalhador da educação.

É o professor que precisa trazer a leitura para a sala de aula, para despertar o saber-sabor de ler. Essa leitura deve propiciar condições, por meio de sua qualidade como obra de arte, de despertar o prazer da satisfação das necessidades, a desacomodação dos sujeitos; o aspecto social da leitura, o gosto para a argumentação fundamentada e o julgamento estético.

A formação e a transformação do gosto não ocorrem rapidamente. Na escola concorrem para tal, estímulos e desestímulos, tanto para professores quanto para alunos. No entanto, cabe à instituição escolar a prioridade na promoção da leitura, condição essa, delegada pela sociedade burguesa, que a criou, no século XVIII.

As situações de ensino e aprendizado aqui propostas decorrem dos princípios da Pedagogia Histórico-crítica; considerada a mais coerente para o docente que deseje buscar em sua *práxis*— sempre compartilhada — a interferência e a inferência críticas, pois cabe a ele romper com o estabelecido, às vezes pela mera repetição de padrões, aparentemente dominados; e propor a ruptura para promover e apontar o avanço. Deve-se, para tal, problematizar o conhecido e transformá-lo num desafio que exija movimento.

Defende-se que a leitura literária não aconteça isolada na sala de

aula e que esteja articulada com práticas de apreciação estética e lúdica, para que estas se caracterizem como conhecimento de opções que, à medida em que avancem os alunos, podem ser utilizadas por eles para ampliar seus propósitos de leitor.

A diversidade de obras pode ser um princípio norteador da seleção e utilização dos livros literários, bem como envolver a reflexão sobre o desenvolvimento dos sujeitos-alunos num movimento que se constrói processualmente.

As leituras de que os alunos gostam podem e devem servir como ponto de partida para a reflexão e a análise comparada entre textos – escolhidos pelo docente – de modo articulado aos objetivos. Saber qual é o gosto do alunado é um caminho importante a ser explorado. Ao se estudar, de modo crítico e comparativo, os textos em sua totalidade desmistificam-se e desautorizam-se os modelos e descobre-se, ao mesmo tempo, que há muitos modos de ler e escrever e que estes não são casuais, mas devem-se ao tempo e ao contexto em são produzidos.

Outra análise igualmente importante é a do papel do professor, que é alguém que participa ativamente do processo de evolução-progressão da qualidade da leitura literária na escola. Ele é um sujeito que lê, estuda, expõe sua leitura e seu gosto. Cabe ao professor ter com o texto a mesma atitude sensível e crítica que propõe a seus alunos. Por isso, a seleção e a utilização dos livros literários pelo professor devem sertambém, aqueles relacionados à sua leitura. Não há, portanto, receitas, mas há sugestões, vivências e reflexão.

Enfatiza-se que a criação-manutenção do gosto pela leitura literária não se baseia em exercícios escolares de imitação e interpretação. Não basta neste contexto de formação, falar sobre a pluralidade de significados ou das possibilidades de apreensão. O que se pretende é que, com a experimentação cotidiana, conheça-se para gostar e para agir, sempre de modo mediado.

10.A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Cleber Fabiano da Silva

Não são mais novidades, nem tão recentes, os estudos e as discussões que garantem a importância da Contação de Histórias como grande aliada na formação das crianças, especialmente, em se tratando de crianças pequenas. Cabe ressaltar, porém, que nem toda ação carregada de boa vontade é suficiente para a concretização de tal tarefa. Já há muito foi constatado o fato de que as crianças apreciam uma boa história e se prestam a ouvi-la e, na maior parte das vezes, o fazem com grande interesse.

Importante levar em consideração que os objetivos da contação de histórias para as crianças pequenas devem superar a ideia simplista e imediata de ampliar o vocabulário, dominar a estrutura padrão da língua portuguesa, reconhecer os códigos da escrita verbal, enfim, qualquer pretexto didático-pedagógico. Naturalmente precisa chegar na intenção primordial do trabalho com a narrativa, com o resgate da tradição oral, com a consciência de que somos essencialmente narrativos, com o reconhecimento de que se trata de uma necessidade individual e coletiva que os seres humanos têm de contar e ouvir histórias.

Afinal, como afirma Llosa (1993) para conhecer o que somos, como indivíduos e como povos, não temos outro recurso do que sair de nós mesmos e, ajudados pela memória e pela imaginação, projetar-nos nestas ficções que fazem do que somos algo paradoxalmente igual e diferente de nós. Segundo o autor, através da experiência com a narrativa, lutamos contra a morte e os fracassos, adquirindo certa ilusão de permanência e desagravo:

(...) é uma maneira de recuperar, dentro de um sistema que a memória estrutura com a ajuda da fantasia, esse passado que quando era experiência vivida tinha a aparência de caos. O conto, a ficção, gozam daquilo que a vida vivida – em sua vertiginosa complexidade e imprevisibilidade – sempre carece: uma ordem, uma coerência, uma perspectiva, um tempo fechado que permite determinar a hierarquia das coisas e dos fatos, o valor das pessoas, os efeitos e as causas, os vínculos entre as ações. (Vargas Llosa, 1993, p.07)

No entanto, algumas crianças parecem não querer ouvir mais nem histórias nem narrativas, quer sejam lidas ou contadas. Quando esse fato ocorre, pais e educadores buscam motivos no desenvolvimento e no comportamento da criança tentando entender o porquê dessa resistência. Vale dizer que, muitas vezes, esses motivos podem estar ligados à forma ingênua e/ou descompromissada de quem está contando ou de como caminha o processo da seleção dessas histórias.

Um dos aspectos essenciais para iniciar a discussão nesse universo da contação de histórias diz respeito, justamente, aos textos selecionados e os critérios que norteiam essa escolha, como também, as propostas de contação. Desde que perdemos o hábito natural por contar e recontar as histórias da tradição oral, repassadas ao longo dos séculos de pais para filhos, em especial, após o aparecimento do interruptor de luz elétrica, colhemos nossas histórias das centenas de páginas dos livros de literatura, filhos que somos de uma sociedade que se pretende letrada.

Desse fato, decorre um segundo problema: textos selecionados com uma visão simplista, utilitarista, sem aprofundamento do universo infantil ou mesmo por desconhecimento das tipologias e gêneros textuais variados, da tradição oral, do folclore, dos contos de fadas e da literatura infantil dificultam um efetivo trabalho com a escuta das histórias.

Os critérios de qualidade para as obras infantis nem mesmo chegam a ser consenso entre os principais pesquisadores da área e muitas são as correntes e concepções a esse respeito. O conceito do que seja literatura e, especificamente, a natureza do texto produzido para crianças também gera muitas opiniões e controvérsias. Sem falar na antiga discussão sobre “o que o autor quis dizer” ou “quais temas se podem trabalhar com essa história”.

Interessa-nos conceitos amplos e significativos para essa arte, como o proposto pelo escritor uruguaio Eduardo Galeano (1995, p. 64) que confere ao artista da palavra um modo muito particular ao pensar a narrativa de ficção: “os acontecidos aconteceram alguma vez, ou quase aconteceram, ou não aconteceram nunca, mas têm uma coisa de bom: acontecem cada vez que são contados”.

E é justamente ao se pensar no como “são contados” que muitos teóricos definem o que é a arte literária e argumentam suas justificativas. Para Coutinho (1976, p. 08) “a Literatura é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência e religião”. O autor afirma ainda que o literário inclui tudo isso, mas, transformando esse material em estético.

Do ponto-de-vista da natureza de sua linguagem, temos a visão de Eco (2003) propondo que a Literatura é o complexo de textos que a humanidade produziu e produz não para fins práticos (como manter registros, anotar leis e fórmulas científicas, fazer atas de sessões ou providenciar horários ferroviários), mas antes (...) por amor de si mesma – e que se lêem por deleite, elevação espiritual, ampliação dos próprios conhecimentos, talvez por puro passatempo, sem que ninguém nos obrigue a fazê-lo (com exceção das obrigações escolares).

Essa preocupação nos dá uma pista de que não basta o trabalho com a palavra para que haja, de fato, Literatura. Sartre (1989) argumenta diferenciando o literário a partir do que não é Literatura, afirmando que autor e leitor produzem ativamente o objeto artístico – concreto e imaginário – e que, ao contrário dos textos pragmáticos nos quais estamos próximos do objeto, nos literários, estamos aquém dele.

Ainda causa grande espanto a pretensão no âmbito educacional de utilizar-se de textos literários para quaisquer procedimentos que não sejam em favor da promoção da leitura e da formação do leitor. Podemos perceber essa falta de entendimento em alguns dos documentos oficiais.

No Referencial Nacional Curricular para a Educação Infantil (1998) ao defender a leitura e a contação de histórias, alguns avanços ocorrem, principalmente, ao abrir o leque de possibilidades para que a criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. O documento acrescenta também que “ouvir um texto já é uma forma de leitura”.

Por outro lado, mesmo condenando a leitura como processo mecânico, as narrativas sempre aparecem como instrumento para estímulos cognitivos e auxiliar no processo de alfabetização, talvez esquecendo ou desconhecendo o

espaço que deveria pertencer à criatividade, à projeção de emoções ou estímulo de imaginação, enfim, todo o aspecto lúdico das histórias é abandonado.

É importante ler as histórias tal qual estão escritas, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a idéia de que ler significa atribuir sentido ao texto e compreendê-lo. (...) Nessas atividades, as crianças precisam pensar sobre quantas e quais letras colocar para escrever o texto, usar o conhecimento disponível sobre o sistema de escrita, buscar material escrito que posso ajudar a decidir como grafar, etc. (RCN – p. 144).

Os aspectos funcionais e tipológicos acabam ganhando outra vez destaque. Dessa forma, embora, o documento oficial cite que “uma prática constante de leitura deve considerar a qualidade literária dos textos”, por outro lado, não garante ao professor o conhecimento do que se trata essa ‘qualidade literária’. Devem-se selecionar bons textos, mas, o que de fato constitui um texto de qualidade? Com quais critérios pode o educador estabelecer a análise e a seleção dos textos que serão ofertados às crianças? Em meio a tantas produções mercadológicas como saber o que contar ou ler nos centros de Educação Infantil?

Eis uma primeira pista para responder a essas questões. O processo de contação de histórias na Educação Infantil mostra-se importante pela possibilidade de uma experiência com o real a partir do simbólico, como um produto do saber humano. Além de buscar essas respostas na literatura especializada, devem-se levar em consideração os interesses da criança e, certamente, não deixar de lado o que foi constitutivo na formação do gênero da literatura infantil: os contos de fadas.

Por suas referências aos mitos e aos ritos de iniciação ou de passagem contidos em sua essência, pela própria definição latina de *fatum* – destino, pelo desejo manifesto nas próprias crianças de ouvirem tantas vezes essas mesmas histórias e ainda pelo número crescente de novas e modernas versões ou revisitamentos na literatura infantil, no cinema, na televisão, em peças teatrais, softwares educativos, grife, campanhas publicitárias, enfim, como repertório

inicial para que a criança possa dialogar com todos os procedimentos pós-modernos de intertextualidade e desconstrução do clássico.

Dentro dessa perspectiva, escolher histórias que possibilitem uma mediação simbólica a partir de uma leitura sensível da realidade e de aspectos constitutivos da condição humana. Como forma alternativa de lidar com o excesso de narrativas veiculadas pelos meios de comunicação de massa que não chegam a representar experiências significativas com os grandes conflitos e questionamentos humanos. Basta observar a preocupação de CALVINO: “Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta, daquilo que vimos há poucos minutos na televisão. Em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que alguma delas adquira relevo”.

Para fazer a diferença no que está acima exposto, para além da seleção, torna-se imprescindível sensibilidade por parte dos adultos na hora de contar as histórias para não prejudicar todo o processo. Essa falta de bom trato leva a maior parte dos adultos, mesmo que diante de um bom texto, facilitar a linguagem trocando as palavras que julgam inacessíveis por outras que acreditam pertencer ao contexto da criança. Dessa forma, não só desapropriam o texto de sua literariedade, como subestimam a capacidade de compreensão dos pequenos e impedem o contato com novo vocabulário. A riqueza da história que é constitutiva da própria linguagem e que representa o grande legado de um ato milenar e que faz parte do patrimônio histórico imaterial é imediatamente relegado.

Acompanhado desse procedimento, outra maneira de contar ou ler para crianças é carregando o final das palavras com flexão de gênero diminutivo: “pra historinha ficar mais bonitinha”. Na busca de aproximação com o universo infantil criam-se estereótipos e puerilidades sacrificando o texto e a capacidade de compreensão da criança. A contação de histórias, à medida que se liberta do caráter exclusivamente infantilizador, cria uma relação mais próxima com o universo do ouvinte a partir da cumplicidade de linguagem e de repertório cultural pois a própria escolha de bons textos garante essa aproximação.

Outra dificuldade está nas propostas de exploração lúdica do texto lido ou contado, uma vez que o trabalho posterior à realização da leitura ou narração das histórias pode invalidar todo o processo anterior. Novamente a visão utilitarista, pedagogizante e/ou moralizante das obras literárias, especialmente, a destinada às crianças, nos leva aqueles velhos e conhecidos caminhos: o desenho do momento que mais gostou, os questionamentos óbvios sobre o entendimento do texto interrogando aspectos evidentes da leitura sem, no entanto, isto nada significar para a criança.

Até mesmo as dramatizações que as crianças tanto gostam acabam sendo chatas e enfadonhas já que as propostas nada mais são do que a repetição de tudo aquilo que já foi lido ou contado anteriormente, agora através da representação corporal cênica. O “teatrinho” retira a efabulação da história deixando a essência do trabalho com a linguagem de lado e mantendo um enredo as mais das vezes sem sentido e desinteressante.

Uma dúvida que parece frequente quando se está lendo ou contando histórias literárias é quando mostrar ou ocultar as ilustrações dos livros. Em que momento as crianças devem ter contato com essas imagens ou o que fazer quando elas querem ver as ilustrações na hora que o educador está contando.

Essa é uma estratégia que dependerá de alguns entendimentos do que seja também a arte da ilustração. No caso dessa não informar nada além daquilo que o texto já está dizendo, não vê-se razão para interromper a linha narrativa e não permitir que a própria criança tenha a oportunidade de criar suas imagens para o que está ouvindo. Por outro lado, caso a ilustração seja significativa e complementar da dimensão verbal, então, torna-se indispensável que a criança possa acompanhar o diálogo entre as artes da palavra e da imagem, normalmente, conjugadas pelo trabalho de projeto gráfico do livro.

As ilustrações garantem a complementação do que vem sido dito no texto e, dessa forma, amplia o seu sentido. Para muito além da importância no processo de formação de leitores, a verdadeira contribuição da ilustração é como linguagem complementar. Segundo Colomer&Teberosky (2003, p.121) “A presença da imagem nos livros infantis tem permitido deslocar para ela diferentes elementos narrativos que, desta forma, podem continuar presentes na narrativa, sem sobrecarregar o texto.”

Para um trabalho efetivo, alternativo e, ao mesmo tempo dinâmico com a contação de histórias, é imprescindível que o próprio educador possa ressignificar sua experiência pessoal com a narrativa. Garimpar boas histórias, não importa se populares ou literárias. Frequentar assiduamente a biblioteca. Colecionar narrativas ouvidas na região onde mora e/ou trabalha. Enfim, a relação atuante das histórias em sua vida é a chave que pode contribuir para aumentar seu repertório. Também a formação de grupos de pesquisa para leitura e seleção de textos é importantíssima, uma vez que, possibilita a constante atualização e a troca de experiências.

A contação de histórias não dispensa, de modo algum, os movimentos, as situações improvisadas e embaraçosas, o dramatismo, a atividade contínua de deixar o ouvinte ficar imaginando as cenas, visitando lugares longínquos, torcendo por seu herói, amaldiçoando seu vilão, rindo das ambiguidades, desfrutando a linguagem escolhida para a narrativa, mantendo sempre vivo o encantamento.

As opções são as mais variadas possíveis e cabe ao contador eleger entre as histórias populares, os clássicos contos de fadas, a rica literatura infantil, enfim, as histórias com as quais ele presenteará seu público. Com relação à falta de repertório, basta observar as inúmeras prateleiras destinadas à literatura infantil nas livrarias e bibliotecas de muitas cidades brasileiras. Falta, efetivamente, muito estudo e leitura (também leitura das teorias) para que se faça um levantamento de critérios para análise e seleção desse farto material.

Basta alçar voo, firmar parcerias, investir em leitura. É necessário abrir urgentemente outra página nessa história, cujos primeiros passos, os que dizem respeito à relevância do trabalho com a contação de histórias já foram dados, agora, é seguir para o procedimento seguinte.

O importante é manter sempre vivo o encantamento. Essas relações de identificação das crianças com as narrativas são traduzidas numa corporeidade que vai para além da absorção mental e subjetiva, como poeticamente nos diz Bartolomeu Queirós (1991, p. 87) “há que se afinar o corpo até o último sempre. Exercer-se como instrumento capaz de receber a poesia do mundo. Poesia suspensa em rotação e translação. Movimentos moderados alinhavando dias e luas, estações e colheitas, minutos e milênios,

provisoriamente”. E não só provisório, porque cada nova história pede outro movimento, como também, efêmero, pois que essa é uma das características constitutivas da contação de histórias.

11. POR QUE ELENCAR OBRAS, CONTEÚDOS, SITUAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZADO e CRITÉRIOS REFERENCIAIS FINAIS?

No propósito de oferecer, efetivamente, condições para que o professor desenvolva um trabalho qualitativo, progressivo e eficaz na formação do aluno leitor, é indispensável qualificar o olhar docente, fornecendo indícios, sugestões e mesmo nomeando obras com a qualidade literária necessária para “oferecer” ao alunado.

O Currículo de Leitura Literária para a Educação Básica, em todas as modalidades (educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos) tem essa função: subsidiar o docente com obras de referência (por sua qualidade literária), fornecer pressupostos teóricos e metodológicos e propor situações de ensino e aprendizado para que a leitura literária seja introduzida, sistematizada e consolidada como prática imersa no ensino dos nossos alunos, independentemente da sua idade, etapa ou segmento que frequente na Rede Municipal de Ensino de Piraquara.

No que concerne às obras de referência citadas no Currículo, é importante observar que os títulos sugeridos são considerados os mais apropriados para o trabalho com os conteúdos, situações de ensino e aprendizado e com os critérios referenciais finais para cada modalidade, ano e/ou etapa. No entanto nada impede que o professor insira outras obras ou que substitua um título indicado por outro, de seu conhecimento, com maior qualidade, no momento da elaboração do PTD, pois os quadros abaixo, organizados para cada uma das modalidades atendidas pela SMED – Piraquara são organizados com essa intenção: subsidiar e não substituir as funções que o professor atribui ao trabalho com a “palavra-arte”.

Salienta-se ainda que embora a distribuição das obras tenha sido feita por “modo composicional” ou características semelhantes, estas não devem ser

trabalhadas linearmente ou por blocos, pois é necessário que o alunado acesse obras de diversos modos composicionais durante o ano letivo, caso contrário reduzir-se-ia o acesso destes ao letramento literário desejado quando da elaboração deste Currículo.

EDUCAÇÃO INFANTIL

Objetivo Principal: Iniciar e desenvolver no bebê o comportamento leitor: manuseio auxiliado de livros (brinquedo (pop-up), para crianças), leitura de ilustrações, audição de pequenos contos (de repetição, com animais e bebês como personagens, com objetos inanimados para serem nomeados, livros gigantes).

Entre 04 meses e 1 ano (berçário)

Obras de Referência	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	Crítérios referenciais finais
<p><i>Livros de banho:</i> <i>Editoras/títulos</i> <i>Ciranda Cultural</i>: O Grande Sapo - Livro de Banho; Sapo - Fantoche da Hora do Banho; Pinguim - Fantoche da Hora do Banho; Pato - Fantoche da Hora do Banho;</p>	<p>☺ Noção de personagens; ☺ Noção de nomeação das imagens, expostas nos livros brinquedo; ☺ Conhecimento tátil, visual e de efeitos sonoros nos livros brinquedo, de banho e de pano;</p>	<p>Ao colocar o bebê na banheira utilizar um livro de banho e apontar as imagens nomeando-as; Ler livros de pano, E.V.A. ou de outro material confiável para o bebê para fazê-lo dormir, deixando-o no berço para quando este acorde; Demonstrar prazer no</p>	<p>☺ Demonstra interesse no manuseio autônomo do livro brinquedo; ☺ Aponta e pede (não verbalmente) para manusear os livros que o professor apresenta; ☺ Demonstra prazer ao tocar e manusear os livros brinquedo (dedoches, fantoches,</p>

<p>Hipopótamo - Fantoche da Hora do Banho;</p> <p><i>Todolivro:</i> Amiguinhos do banho: O Caranguejo;</p> <p>Amiguinhos do banho: A Joaninha;</p> <p>Amiguinhos do banho: O Sapo;</p> <p>Amiguinhos do banho: A Tartaruga;</p> <p><i>Livros Fantoche:</i></p> <p><i>Ciranda Cultural:</i> O Sapinho Indeciso;</p> <p>O Sonho de Pop;</p> <p>Patinho, Você Grasna Demais!;</p> <p>Vamos nos Divertir no Parque!</p> <p>Cachorrinho Brincalhão;</p> <p>Girafa, Estique seu Pescoço;</p>		<p>manuseio de livros e ao mostra-los aos bebês;</p> <p>Incentivar os bebês a brincarem com o livro de modo não dirigido;</p> <p>Montar móveis de pequenos livros brinquedo sobre o berço dos bebês;</p> <p>Utilizar a entonação adequada ao ler o texto verbal e/ou não verbal para os bebês;</p> <p>Contar “histórias” para os bebês utilizando os recursos que julgar apropriados, sem, contudo, dar mais destaque a estes do que ao que está sendo contado;</p> <p>Manter os bebês confortáveis: eles podem estar deitados, sentados (com apoio)para</p>	<p>gigantes);</p> <p>☺Ouve atentamente (durante um determinado tempo) um conto curto;</p> <p>☺Dirige o olhar para o livro brinquedo (durante um determinado tempo) quando este lhe é apresentado;</p> <p>☺Estende as mãos na direção do livro brinquedo, a partir de diversos deles espalhados no tatame, tapete, ou equivalente.</p>
---	--	--	---

<p>Vamos nos Preparar para Dormir, Coelho Fofinho;</p> <p>Livros de pano:</p> <p><i>Ciranda Cultural:</i>O Golfinho Guto;</p> <p>O Patinho Paulo;</p> <p>A Tartaruga Tati;</p> <p>A Baleia Babi;</p> <p>Eu Amo Ser uma Ovelhinha;</p> <p>Eu Amo Ser uma Vaquinha;</p> <p>O Cachorrinho salva a estrela;</p> <p>A nova amiga do Coelhoinho;</p> <p>O Ursinho vai à Lua;</p> <p>Os Três Príncipes;</p> <p>O Rei da Selva;</p> <p>Pop-Up Animais da Selva;</p> <p>Pop-Up Animais da Fazenda;</p> <p><i>Todolivro:</i>Livrinhos de Lã: Olá, Coelhoinho!;</p> <p>Livrinhos de Lã: Olá, Patinho!;</p>		<p>criar um “ambiente” propício para a escuta.</p> <p>Brincar de esconde-esconde com os livros e/ou personagens: “cadê o carneirinho? Apareceu!”, por exemplo.</p>	
--	--	--	--

<p>Livrinhos de Lã: Olá, Ursinho!; Livrinhos de Lã: Olá, Vaquinha!;</p> <p>Livros de pano sonoros/livros sonoros:</p> <p><i>Ciranda Cultural:</i>A ovelhinha diz bééé;</p> <p>Onde está o cachorrinho?;</p> <p>Animais de Estimação - Aperte, Sinta e Ouça;</p> <p>Meios de Transporte - Aperte, Sinta e Ouça;</p> <p>Fazenda do Barulho - Aperte, Sinta e Ouça;</p> <p>Boa-Noite, Ted!;</p> <p>Durma Bem, Lili;</p> <p>Os Sons dos Instrumentos Musicais;</p> <p>Os Sons da Minha Casa;</p> <p>Sons da Natureza;</p>			
--	--	--	--

<p>Sons dos Animais;</p> <p><i>Todolivro:</i></p> <p>Macacos & Macaquices!Um livro toque o som: Floresta é barulhenta;</p> <p>Macacos & Macaquices!Um livro toque o som: Venha e brinque comigo;</p> <p>Risadas e Remelexos: Cãozinho divertido;</p> <p>Risadas e Remelexos: Ursinho feliz;</p> <p><i>Girassol Brasil Edições Ltda:</i>Bincar&Escutar: Animais de Estimação;</p> <p>Brincar&Escutar: Animais da Selva;</p> <p><i>Livros para manuseio auxiliado pelo professor:</i></p> <p><i>Todolivro:</i>Coleção Bloquinhos:</p>			
--	--	--	--

<p>O Cãozinho Cacau; O Coelho Cadu; A Galinha Gigi; O Gatinho Guido; O Porquinho Pepe; O Ursinho Udo; (Ciranda Cultural) Animais - 6 livros em EVA; Eu Amo Minha Vovó; Eu Amo Minha Mamãe; Eu Amo Meu Vovô; Eu Amo Meu Papai;</p>			
---	--	--	--

EDUCAÇÃO INFANTIL

Objetivo Principal: Desenvolver no bebê o comportamento leitor: manuseio dos livros (brinquedo (pop-up), para crianças e literários), leitura de ilustrações, audição de pequenos contos (de repetição, com animais e bebês como personagens, com objetos inanimados para serem nomeados, livros gigantes).

Entre 1 e 2 anos(Maternal 1)

Obras de Referência	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	Critérios referenciais finais
<p>Editoras/títulos</p> <p>Livros para manuseio auxiliado pelo professor:</p> <p><i>Todolivro:</i></p> <p>Amiguinhos Felpudos: Elefante;</p> <p>Amiguinhos felpudos: Girafa;</p> <p>Amiguinhos felpudos: Leão;</p> <p>Amiguinhos felpudos: Tigre;</p>	<p>☺Noção de personagens;</p> <p>☺Noção de sequência narrativa;</p> <p>☺Localização de personagens nos livros ouvidos e manuseados;</p> <p>☺Conhecimento tátil e visual e de efeitos sonoros nos livros brinquedo, (de banho, de pano</p>	<p>Após a leitura do livro, apontar os personagens, nomeando-os para os bebês.</p> <p>Solicitar aos bebês que apontem, nas páginas do livro, um personagem;</p> <p>Reproduzir os personagens de um livro lido e solicitar aos bebês que o localizem em</p>	<p>☺Aponta, em obras conhecidas o personagem (ou personagens) que mais lhe chamam a atenção;</p> <p>☺Manipula com o auxílio do professor o livro que aprecia;</p> <p>☺Manipula, a seu modo, livros para crianças;</p> <p>☺Demonstra interesse pelos</p>

Amiguinhos Rechonchudos: Cãozinho;	e “pop up”) e das obras literárias apresentadas pelo professor;	meio a outras figuras; Virar as páginas do livro de modo que os bebês possam apreciar as ilustrações dentro do seu “tempo”;	livros que lhe são apresentados;
Amiguinhos Rechonchudos: Joaninha;	☺Manuseio auxiliado e orientadode livros;	Propiciar aos bebês o manuseio de livros para crianças, de modo que estes possam tocar os livros a seu modo;	☺Realiza escolha de obras, pedindo, (mesmo que não verbalmente) o livro que deseja ler e/ou ouvir;
Amiguinhos Rechonchudos: Peixinho;		Imitar, junto com os bebês os sons produzidos pelos livros (no caso dos sonoros) e também os sons onomatopeicos de personagens (o boi, o cão, a vovó, entre outros).	☺Brinca, junto com o professor, de imitar sons e onomatopeias, bem como ações dos personagens presentes nos livros que lê e/ou ouve;
Amiguinhos Rechonchudos: Porquinho;			☺Conta “histórias” a seu modo para si mesmo, para os outros bebês e para o professor;
Amiguinhos Rechonchudos: Sapinho;			☺Identifica, com o auxílio do professor, diferentes ilustrações e/ou imagens de personagens em diferentes
<i>Livros sonoros:</i> <i>Todolivro:</i>			
Animaizinhos Sonoros: Cachorrinhos Brincalhões;			
Animaizinhos Sonoros: Gatinhos Sapecas;			
Animaizinhos Sonoros: Patinhos Adoráveis;			
Sons da Fazenda: Cãozinho;			
Sons da Fazenda: Gatinho;			

<p>Sons da Fazenda: Ovelhinha; Sons da Fazenda: Passarinho; Sons da Fazenda: Pintinho; <i>Livros Brinquedo (pop up), para manuseio auxiliado pelo professor:</i> <i>Todolivro:</i> Animais Pop-Up: Há, Há! É o macaco atrevido; Animais Pop-Up: Roar! Lá vem o Leão; Coleguinhas Pop-up! Cachorrinho; Coleguinhas Pop-up! Coelhinho; Coleguinhas Pop-up! Elefantinho; Coleguinhas Pop-up! Porquinho; Ciranda Cultural: Eram dez</p>		<p>macaquinho dormiu! Vamos dormir também?”, por exemplo; Solicitar aos bebês que escolham, num conjunto de livros, aquele que mais os interessa; Sentar-se junto ao bebê (ou a um grupo) e “ouvir” sua leitura do livro que manuseia; Realizar comparações entre livros diferentes com os mesmos “personagens”: “aqui tem um cachorro e neste outro livro também tem” – por exemplo; Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches), com o uso das</p>	<p>livros;</p>
---	--	---	----------------

<p>girinos; Eram dez lagartas; Dez Pintinhos Brincalhães; Dez caracóis animados; <i>Livros Fantoche:</i> Ciranda Cultural: Dedinhos Agitados - Um livro-fantoche: Cãozinho ; Dedinhos Agitados - Um livro-fantoche: Gatinho ; Dedinhos Agitados - Um livro-fantoche: Ratinho; Dedinhos Agitados - Um livro-fantoche: Tartaruginha ; Livro de Pano com Dedoche - Café da Manhã na Fazenda; Livro de Pano com Dedoche - Dia Feliz na Selva; Livros para manuseio orientado pelo professor</p>		<p>ilustrações, com entonação e ritmo adequados, pela contação livre, baseada em obra literária;</p>	
---	--	--	--

<p><u>É recomendado que os bebês manuseiem, sob a orientação do professor, livros. Indicam-se para tal, coleções de livros com o preço mais acessível (as editoras já citadas possuem coleções com essa característica).</u></p>			
--	--	--	--

EDUCAÇÃO INFANTIL

Objetivo Principal: Desenvolver na criança pequena o comportamento leitor: manuseio dos livros (brinquedo (pop-up), para crianças e literários), leitura de ilustrações, audição de pequenos contos (de repetição, com bebês e crianças pequenas como personagens, animais, entre outros).

Entre 2 e 3 anos (maternal 2)

Obras de Referência	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	Critérios referenciais finais
<p>Editoras/títulos</p> <p>Livros para manuseio auxiliado:</p> <p>Todolivro:</p> <p>Brincando de Pique-Esconde: Boa noite, bebê;</p> <p>Brincando de Pique-Esconde: Hora de diversão do bebê;</p>	<p>☺ Noção de personagens;</p> <p>☺ Noção de sequência narrativa;</p> <p>☺ Leitura de narrativa visual;</p> <p>☺ Localização de personagens principais e secundários nos livros ouvidos e manuseados;</p> <p>☺ Estabelecimento de relações entre os personagens;</p>	<p>Descrever junto com os alunos as características de um personagem dentro de uma obra literária;</p> <p>Analisar junto com as crianças como se “comporta” determinado personagem, por exemplo: “Olhem o galinho dormindo. Porque será que ele dormiu?”</p>	<p>☺ Reconta a seu modo um conto ouvido;</p> <p>☺ Percebe a existência de personagens nos livros ouvidos/observados;</p> <p>☺ Aponta, com o auxílio do professor, características de personagens dos livros ouvidos/observados;</p> <p>☺ Explica, a seu modo, com o</p>

<p>Dê uma espiada! Na floresta; Dê uma espiada! Na fazenda; Dê uma espiada! No jardim; Vale das Letras – Editora: A Gata e o Gatinho; Bebê Urso; Óincl!; Zastras Editora: O coelhinho e a cenoura mágica; Denis e Téó; Uma fazenda do barulho (livro sonoro); O gatinho,</p>	<p>☺Conhecimento tátil e visual dos livros (brinquedo) e das obras literárias apresentadas pelo professor; ☺Manuseio livre de livros para crianças; ☺Leitura para apreensão das ideias do conto (ou outro gênero do tipo narrativo);</p>	<p>Propor questões relacionadas à apreensão das ideias, por exemplo: “Por que o personagem estava triste, ou alegre, ou com medo?”; Propor questões comparativas sobre ações dos personagens, por exemplo: “Por que o menino estava procurando o seu cãozinho? Ele gostava do animal, ou não?”; Incentivar as crianças pequenas a manusear todo tipo de livro: brinquedo, literário, evidenciando a importância do cuidado com estes materiais; Ler junto com as crianças obras de narrativa visual (ou não verbal) conduzindo-as</p>	<p>auxílio do professor, características pertinentes aos personagens dos livros ouvidos/observados; ☺Demonstra interesse em manusear livros; ☺Participa da leitura de narrativas visuais com a orientação do professor; ☺Demonstra gosto ao ler para si mesmo e para os outros, narrativas visuais; ☺Conta o livro, a seu modo, virando as páginas e fazendo “leitura livre”; ☺Brinca de imitar personagens, sons, e ações passadas nos livros ouvidos/observados; ☺Ouve atentamente (durante</p>
---	--	--	---

<p>O patinho;</p> <p>FTD: Quem sou eu? - Este é o meu pelo;</p> <p>Quem sou eu? - Este é o meu pé;</p> <p>Quem sou eu? - Esta é a minha cauda;</p> <p>Quem sou eu? - Esta é a minha boca;</p> <p>Livros Fantoche:</p> <p>Vale das Letras: Bichinhos do Quintal;</p> <p>Os Cinco Patinhos;</p> <p>Hora de Brincar, Cachorrinho;</p> <p>Hora de Comer, Coelhinho;</p> <p>Vamos Dormir, Ursinho;</p>		<p>nessa leitura;</p> <p>Incentivar as crianças a ler obras de narrativa visual (ou não verbal), ou mesmo as ilustrações de um gênero verbal, para si mesmas e para outras crianças;</p> <p>Propor imitação de personagens e repetição de pequenos diálogos entre personagens por meio de jogo dramático;</p> <p>Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches), com o uso das ilustrações, com entonação e ritmo adequados, pela contação livre, baseada em obra literária;</p>	<p>determinado tempo) “histórias” contadas pelo professor;</p> <p>☺Interfere na narração de “histórias”, criando espaços de questionamento e/ou observações coerentes com o que ouve na narração;</p> <p>☺Escolhe livros, entre os vários que lhe são mostrados, baseando-se em critérios estéticos;</p>
--	--	--	--

<p>Vamos Mergulhar, Patinho;</p> <p><i>Livros pop up: (sugestão de manuseio auxiliado)</i></p> <p>Editora Nobel: Que barulho é esse, ratinho?</p> <p>Zastras: Três porquinhos – pop up;</p> <p>Companhia das Letrinhas: Chapeuzinho Vermelho;</p> <p>Branca de neve;</p> <p>O lobo e os sete cabritinhos para ler e tocar;</p> <p>Para ler e tocar – Cinderela;</p> <p>Para ler e tocar – O Patinho Feio;</p>			
--	--	--	--

<p>Ciranda Cultural: Seu Lobato Tinha um Sítio - Um Livro Musical Pop-Up;</p> <p>A Dona Aranha - um Livro Musical Pop-up;</p> <p>Brilha, Brilha Estrelinha - Livro Musical Pop-Up;</p> <p>Livros para manuseio orientado pelo professor <u>É recomendado que os bebês manuseiem, sob a orientação do professor, livros. Indicam-se para tal, coleções de livros com o preço mais acessível (as editoras já citadas possuem coleções com essa característica).</u></p>			
---	--	--	--

Obras de referência organizadas por Modo Composicional

Além das obras já citadas nos quadros anteriores, a partir de 2015, inserem-se na PCM obras organizadas por Modos Composicionais que antes não constavam do Currículo de Letramento Literário.

Tal inserção deve-se às necessidades apontadas pelos professores e professoras da Educação Infantil, a partir das suas experiências docentes com os livros e, principalmente, com as crianças na relação destas com as obras.

No quadro abaixo aparecerão obras com subgêneros do poema: trava-línguas, canções, parlendas; para auxiliar o professor no estabelecimento de relações entre as “histórias” e demais gêneros de domínio literário.

Maternal II	Obra indicada	Editora	Modo Composicional
	Não confunda	Moderna	Poema
	Mamãe Gansa	Companhia das letrinhas	Poema
	Sapo Bocarrão O porco narigudo A girafa que cocoricava O pinguim preocupado O sonho do Lúcio O ursinho apavorado	Companhia das Letrinhas	Livro com abas
	Quem canta seus males espanta	Caramelo	Subgêneros do gênero poema: cantigas, trava-línguas, entre outros.

	O tanque de areia Vai, você consegue!	Brinque-book na Mochila	Obra moderna
	Meu penico	Panda Books	Obra moderna
	Mamãe foi trabalhar	Editora Globo	Obra moderna
	Rápido como um gafanhoto	Brinque-book	Obra moderna
	A casa dos beijinhos	Companhia das Letrinhas	Livro com abas
	Bom dia, Marcos	Brinque-book	Obra moderna
	Era uma vez um ovo	Zit Editora	Obra moderna
	O que é, o que é?	Brinque-book na Mochila	Livro com abas
	O que tem dentro da sua fralda?	Brinque-book	Livro com abas
	O gato e o rato que saiu da toca	Ciranda Cultural	Obra moderna
	O gato xadrez	Brinque-book na Mochila	Obra moderna
	O urso rabugento	Brinque-book	Obra moderna
	Tem festa no céu... eu vou... eu vou...	Noovha América	Poema
	Cadê	Globo livros	Parlenda
	Chico, a chita	Salamandra	Pop-up
	Eu te amo também	Brinque-book	Obra moderna

	Macaquinho	FTD	Obra moderna
	Quem comeu o que era meu?	Libris	Livro com abas
	Você	Brinque-book	Obra moderna
	Bééé	Abacatte	Narrativa visual
	Dorminhoco	Brinque-book	Conto de repetição
	Oi, au-au!	Brinque-book	Obra moderna
	Feito bicho!	Global	Narrativa visual
	As botas do Gabriel	Brinque-book	Obra moderna

Observação: No caso dos contos de fadas, clássicos ou maravilhosos sugiro que o(a) professor(a) da Educação Infantil procure conhecer os contos traduzidos e não os adaptados. No entanto, para apresenta-los às crianças pode-se utilizar, por exemplo, um livro com abas, ou com ilustrações grandes e “contar” o conto livremente, usando o livro como apoio visual para a narrativa.

Títulos de coletâneas de contos de fadas, clássicos ou maravilhosos sugeridos para o conhecimento do(a) professor(a) da Educação Infantil: Contos de Andersen (editora Paz e Terra); Contos de Perrault (Editora Villa Rica); Dra. Clarissa PinkolaEstés – Contos dos Irmãos Grimm (Editora Rocco); Contos de Fadas – edição comentada e ilustrada – Maria Tatar (Editora Zahar); Contos de Grimm (Editora Companhia das Letrinhas).

EDUCAÇÃO INFANTIL

Objetivo Principal: Desenvolver na criança pequena o comportamento leitor: manuseio dos livros (brinquedo (pop-up), para crianças e literários), leitura de ilustrações, audição de pequenos contos (de repetição, contos de fadas, tendo crianças pequenas como personagens, animais, entre outros), bem como a expressão da compreensão sobre a obra.

Entre 3 e 4 anos (Pré escolar I)

Obras de Referência	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	Critérios referenciais finais
<p>Editoras/títulos</p> <p>Livros pop up (para manuseio orientado)</p> <p>Ciranda Cultural: A galinha feliz;</p> <p>Romeu e a fábrica de brinquedos;</p>	<p>☺ Noção de sequência narrativa;</p> <p>☺ Leitura de narrativa visual;</p> <p>☺ Estabelecimento de relações entre os personagens;</p> <p>☺ Conhecimento tátil e visual dos livros (brinquedo) e das obras literárias apresentadas</p>	<p>Analisar junto com as crianças como “começou e terminou” a história</p> <p>contada/lida/observada;</p> <p>Analisar junto com as crianças os comportamentos dos personagens de um dado livro;</p> <p>Propor questões relacionadas à apreensão das ideias,</p>	<p>☺ Reconta a seu modo uma “história” ouvida/observada, mantendo a sequência da narrativa;</p> <p>☺ Argumenta sobre seu gosto depois de ouvir/observar uma obra literária;</p>

<p>Romeu e a girafa pescoçada; Eu Vou Comer Você!; É o Lobo?;</p> <p>Eram dez girinos; Eram dez lagartas;</p> <p>Todolivro: Animais Pop-Up: Há, Há! É o macaco atrevido;</p> <p>Animais Pop-Up: Roar! Lá vem o Leão;</p> <p>Pequenos contos (leitura feita pelo professor)</p> <p>Brinque book: O que tem dentro da sua fralda?;</p> <p>Hora de dormir, carneirinhos travessos;</p> <p>Especialmente para você!;</p>	<p>pelo professor;</p> <p>☺Manuseio livre de livros para crianças;</p> <p>☺Leitura para apreensão das ideias do conto (ou outro gênero do tipo narrativo);</p>	<p>opiniões sobre aquilo que mais as interessou na obra;</p> <p>Propor questões comparativas sobre ações dos personagens e as ações das crianças, estabelecendo relações entre o livro lido/ouvido/observado e a experiência pessoal destas;</p> <p>Incentivar as crianças pequenas a manusear todo tipo de livro: brinquedo, literário, evidenciando a importância do cuidado com estes materiais;</p> <p>Ler junto com as crianças obras de narrativa visual (ou não verbal) conduzindo-as nessa leitura;</p> <p>Incentivar as crianças a ler obras de narrativa visual (ou</p>	<p>☺Opina, com o auxílio do professor sobre o livro lido/observado;</p> <p>☺Antecipa o conteúdo de um livro, formulando hipóteses sobre a temática com base na capa, sob a orientação do professor;</p> <p>☺Escolhe livros, entre os vários que lhe são mostrados, baseando-se em critérios estéticos de apreciação;</p> <p>☺Expressa, por meio de diversas ideias de representação, sua compreensão sobre o livro lido/ouvido/observado;</p>
---	--	---	---

<p>Ai!;</p> <p>O cachorro peludo e a terrível coceira;</p> <p>Eu adoro a minha manta;</p> <p>Autores premiados: Não me pega;</p> <p>Autores premiados: A Barriga barulhenta de Isabel;</p> <p>Autores premiados: Por quê?;</p> <p>Autores premiados: Historinha de Ninar;</p> <p>Autores premiados: Ursulino, o urso que encontrou sua criança;</p> <p>Contos acumulativos ou de repetição (para leitura ou</p>		<p>não verbal) para sim mesmas e para outras crianças;</p> <p>Propor imitação de personagens e repetição de pequenos diálogos entre personagens por meio de jogo dramático;</p> <p>Propor, por meio das ideias de representação o reconto e/ou a descrição de situações importantes ocorridas na narrativa;</p> <p>Propor o resumo oral, orientado e auxiliado pelo professor, da obra lida/ouvida/observada;</p> <p>Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches), com o uso das</p>	<p>☺Utiliza recursos (fantoques, dedoches, e/ou objetos inanimados) para contar, a seu modo, uma “história” já ouvida/lida/observada;</p> <p>☺Conta “histórias” para as outras crianças manuseando, com o auxílio do professor, corretamente o livro;</p> <p>☺Realiza com o auxílio do professor o reconto oral e/ou o resumo de uma obra;</p>
--	--	--	--

<p>contação de histórias)</p> <p>Scipione: A Casa que Pedro fez;</p> <p>Ática: Tanto, Tanto...;</p> <p>Ciranda Cultural: A grande caçada ao grande monstro;</p> <p>Você pegou o meu ronrom?;</p> <p>Livros para manuseio orientado pelo professor É recomendado que as crianças manuseiem, sob a orientação do professor, livros. Indicam-se para tal, coleções de livros com o preço mais acessível (as editoras já citadas possuem coleções com essa característica).</p>		<p>ilustrações, com entonação e ritmo adequados, pela contação livre, baseada em obra literária;</p> <p>Organizar um acervo de acessórios que podem ser utilizados pelas crianças quando estas se colocarem no papel de “contadores de histórias”;</p>	
--	--	--	--

Obras de referência organizadas por Modo Composicional

Além das obras já citadas nos quadros anteriores, a partir de 2015, inserem-se na PCM obras organizadas por Modos Compositivos que antes não constavam do Currículo de Letramento Literário.

Tal inserção deve-se às necessidades apontadas pelos professores e professoras da Educação Infantil, a partir das suas experiências docentes com os livros e, principalmente, com as crianças na relação destas com as obras.

No quadro abaixo aparecerão obras com subgêneros do poema: trava-línguas, canções, parlendas; para auxiliar o professor no estabelecimento de relações entre as “histórias” e demais gêneros de domínio literário.

Pré I	Obra indicada	Editora	Modo Composicional
	Livro de Histórias	Companhia das Letrinhas	Revisitamento dos clássicos
	Giros – contos de encantar	Cortez	Lenga-lenga e contos de nunca acabar
	Rima prá cá, rima prá lá	Companhia das Letrinhas	Poema
	Histórias, quadrinhas e canções com bichos	Companhia das letrinhas	Poema e pequenos contos
	O lenço	Brinque-book	Narrativa visual
	O grande rabanete	Moderna	Conto de repetição
	Que bichos mais bonitinhos	Autentica	Obra moderna

O que tirou o sono dos animais	Brinque-book	Conto de repetição
O que é o que é	Paulus	Adivinhas
Era uma vez... três! – Histórias de enrolar...	Moderna	Conto de repetição
Não tem cabeça nem pé, você sabe o que é?	Noovha América	Adivinhas
Diga um verso bem bonito!	Moderna	Subgênero do gênero poema (quadrinhas)
Emengarda, a Barata	Aletria Editora	Poema com revisitamento de conto clássico
Você quer ser meu amigo?	FTD	Conto de repetição
A menina da fita	Miguilim	Narrativa visual
Amendoim	Paulinas	Narrativa visual
Boa noite, coruja!	Wmfmartinsfontes	Conto de repetição
Quando isto vira aquilo	Fio	Narrativa visual
Brinquedos	Mundo Mirim	Narrativa visual
O grúfalo	Brinque-book	Conto de repetição
... E a lua sumiu	Brinque-book	Conto de repetição
Fome de urso	Brinque-book	Conto de repetição
Eu fico feliz, você fica feliz	Brinque-book	Obra moderna

	Pedro, o pinguim	Salamandra	Livro pop-up
	Óinc!	Vale das Letras	Obra moderna
	O sonho do ursinho rosa	Editora Positivo	Obra moderna
	Não vou dormir	Global	Narrativa visual
	O beijo	Brinque-book	Obra moderna
	Minhas estórias do jardim de infância	Martins Fontes	Coletânea de contos clássicos e de repetição
	Gatinho levado	Brinque-book	Obra moderna
	No mundo do faz de conta	Paulinas	Obra moderna
	De repente!	Martins Fontes	Obra moderna
	Feliz aniversário, Lua	Global	Obra moderna
	Chinelinho – uma história sem par	Editora Ática	Narrativa visual
	A casa das dez furufunfelhas	Mundo Mirim	Conto de repetição
	Nerina a ovelha negra	Editora Ática	Narrativa visual
	Hora do almoço	Companhia das Letrinhas	Obra moderna
	Olivia	Editora Globo	Obra moderna
	Eu adoro a minha manta	Ciranda Cultural	Obra moderna
	Gildo	Brinque-book	Obra moderna

	E o dente ainda doía	DCL	Conto de repetição
	Margô e a raposa	Brinque-book	Conto de repetição
	Barulho pra chuchu!	Ciranda Cultural	Conto de repetição

Objetivo Principal: Desenvolver na criança pequena o comportamento leitor: manuseio dos livros (brinquedo (pop-up), para crianças e literários), leitura de ilustrações, audição de pequenos contos (de repetição, contos de fadas, tendo crianças pequenas como personagens, animais, entre outros), bem como a expressão da compreensão sobre a obra e o reconto.

Entre 5 e 6 anos (Pré escolar II)

Obras de Referência	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	Crítérios referenciais finais
Editoras/títulos Livros pop up (para manuseio orientado) <i>Ciranda Cultural:</i> Dez animados caracóis; Dez pintinhos brincalhões; Um macaco muito bagunceiro; Tigres brincalhões; Romeu e o elefante orelhudo; Pequenos contos (leitura	Noção de sequência narrativa; ☺Leitura de narrativa visual; ☺Localização de personagens principais e secundários nos livros ouvidos e manuseados; ☺Estabelecimento de relações entre os personagens; ☺Conhecimento tátil e visual dos livros (brinquedo) e das	Analisar junto com as crianças como “começou e terminou” a história contada/lida/observada; Analisar junto com as crianças os comportamentos dos personagens de um dado livro; Propor questões relacionadas à apreensão das ideias, opiniões sobre aquilo que mais	☺Reconta a seu modo uma “história” ouvida/observada, mantendo a sequência da narrativa; ☺Argumenta sobre seu gosto depois de ouvir/observar uma obra literária; ☺Confere sentido ao texto verbal com apoio nas ilustrações;

<p>feita pelo professor)</p> <p><i>Ciranda Cultural:</i></p> <p>Autores premiados: Historinha de Ninar;</p> <p>Autores premiados: Ursulino, o urso que encontrou sua criança;</p> <p>Quando o ratinho Roque está com calor;</p> <p>Quando o ratinho Roque está feliz;</p> <p>Quando o ratinho Roque está triste;</p> <p>Quando o ratinho Roque...todas as manhãs;</p> <p>Quando o ratinho Roque está com frio;</p> <p>Quando o ratinho Roque...todas as noites;</p> <p>Eu não vou sair daqui;</p>	<p>obras literárias apresentadas pelo professor;</p> <p>☺Manuseio livre de livros para crianças;</p> <p>☺Leitura para apreensão das ideias do conto (ou outro gênero do tipo narrativo);</p>	<p>as interessou na obra;</p> <p>Propor questões comparativas sobre ações dos personagens e as ações das crianças, estabelecendo relações entre o livro lido/ouvido/observado e a experiência pessoal destas;</p> <p>Incentivar as crianças pequenas a manusear todo tipo de livro: brinquedo, literário, evidenciando a importância do cuidado com estes materiais;</p> <p>Ler junto com as crianças obras de narrativa visual (ou não verbal) conduzindo-as nessa leitura;</p> <p>Incentivar as crianças a ler obras de narrativa visual (ou não verbal) para sim mesmas</p>	<p>☺Opina, com o auxílio do professor sobre o livro lido/observado;</p> <p>☺Aprecia esteticamente uma obra literária;</p> <p>☺Antecipa o conteúdo de um livro, formulando hipóteses sobre a temática com base na capa;</p> <p>☺Escolhe livros, entre os vários que lhe são mostrados, baseando-se em critérios estéticos de apreciação;</p> <p>☺Solicita ao professor a releitura de obras que lhe são mais atraentes;</p> <p>☺Expressa, por meio de diversas ideias de representação, sua compreensão sobre o livro</p>
--	--	--	--

<p>Os ursos e a grande tempestade;</p> <p>Contos acumulativos ou de repetição (para leitura ou contação de histórias)</p> <p>Brinque book: Bruxa, Bruxa, venha a minha festa;</p> <p>O que tirou o sono dos animais?;</p> <p>FTD: Quer brincar de pique-esconde?</p> <p>Ática: A casa sonolenta;</p> <p>Livros para manuseio orientado pelo professor</p> <p>É recomendado que as crianças manuseiem, sob a orientação do professor, livros. Indicam-se para tal, coleções de livros com o</p>		<p>e para outras crianças;</p> <p>Propor imitação de personagens e repetição de pequenos diálogos entre personagens por meio de jogo dramático;</p> <p>Propor, por meio das ideias de representação o reconto e/ou a descrição de situações importantes ocorridas na narrativa;</p> <p>Propor o resumo oral, orientado e auxiliado pelo professor, da obra lida/ouvida/observada;</p> <p>Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches), com o uso das ilustrações, com entonação e</p>	<p>lido/ouvido/observado;</p> <p>☺Utiliza recursos (fantoques, dedoches, e/ou objetos inanimados) para contar, a seu modo, uma “história” já ouvida/lida/observada;</p> <p>☺Conta “histórias” para as outras crianças manuseando corretamente o livro;</p> <p>☺Realiza com o auxílio do professor o reconto oral e/ou o resumo de uma obra;</p>
---	--	---	---

<p>preço mais acessível (as editoras já citadas possuem coleções com essa característica).</p>		<p>ritmo adequados, pela contação livre, baseada em obra literária;</p> <p>Organizar um acervo de acessórios que podem ser utilizados pelas crianças quando estas se colocarem no papel de “contadores de histórias”;</p>	
---	--	---	--

Obras de referência organizadas por Modo Composicional

Além das obras já citadas nos quadros anteriores, a partir de 2015, inserem-se na PCM obras organizadas por Modos Compositivos que antes não constavam do Currículo de Letramento Literário.

Tal inserção deve-se às necessidades apontadas pelos professores e professoras da Educação Infantil, a partir das suas experiências docentes com os livros e, principalmente, com as crianças na relação destas com as obras.

No quadro abaixo aparecerão obras com subgêneros do poema: trava-línguas, canções, parlendas; para auxiliar o professor no estabelecimento de relações entre as “histórias” e demais gêneros de domínio literário.

Pré II	Obra indicada	Editora	Modo Composicional
	Macaco danado	Brinque-book	Conto de repetição
	A ovelha negra da Rita	Cortez	Narrativa visual
	Histórias de vai e vem	Caramelo	Lenga-lenga e contos de nunca acabar
	Carona na vassoura	Brinque-book	Obra moderna com narrativa rimada
	A galinha xadrez	Brinque-book na Mochila	Livro com abas/ revisitamento do clássico
	Lino	Callis	Obra moderna
	A caixa de jéssica	FTD	Obra moderna

	Flor de Maravilha	Cortes Editora	Músicas, letras de canção, “histórias”
	Tesouro das cantigas para crianças	Editora Nova Fronteira	Letra e música de cantigas
	O que é o que é	Paulus	Adivinhas
	O filho do Grufalo	Brinque-book	Conto de repetição
	Um tigre, dois tigres, três tigres	Paulus	Parlendas
	Trava-línguas	Global	Trava-línguas
	O urso que queria contar uma história	SM	Obra moderna
	A grande coceira	Ciranda Cultural	Obra moderna
	Os três porquinhos e o lobo barrigudo	Editora Elementar	Narrativa visual com revisitamento do clássico
	Cadê o meu penico?	Companhia das Letrinhas	Obra moderna
	O caso do favo de mel	Brinque-book	Conto de repetição
	Filó e Marieta	Paulinas	Narrativa visual
	Abra com cuidado! Um livro mordido!	Brinque-book	Obra moderna
	O enigma da lagoa	Brinque-book	Conto de repetição
	O livro gigante dos gigantes	Girassol	Contos clássicos
	Qual o sabor da lua?	Brinque-book	Conto de repetição

	Zuza, a zebra	Salamandra	Livro pop-up
	Dez patinhos	Companhia das Letrinhas	Conto de repetição
	Carona na vassoura	Brinque-book	Conto de repetição
	Histórias para todos os dias	Companhia das Letrinhas	Coletânea de contos
	Briconto	Paulinas	Narrativa visual
	Ki-somserá?	Paulinas	Conto de repetição
	Eu não tenho medo	Ciranda Cultural	Obra moderna
	A ovelha negra da Rita	Cortez Editora	Narrativa visual
	Elmer, o elefante xadrez	Wmfmartinsfontes	Obra moderna
	O que tem para o almoço?	Ciranda Cultural	Obra moderna
	Max, o corajoso	Companhia das Letrinhas	Obra moderna
	Quero meu chapéu de volta	Wmfmartinsfontes	Conto de repetição
	O mais valente!	Larousse Júnior	Obra moderna
	O urso e a árvore	Brinque-book	Obra moderna
	O ratinho, o morango vermelho e o grande urso esfomeado	Brinque-book	Obra moderna
	Procura-se ladrão de ovos	Ciranda Cultural	Conto de repetição

ENSINO FUNDAMENTAL

Objetivo Principal: Oportunizar para a criança que inicia o ensino fundamental o letramento literário por meio do contato mediado com obras literárias e livros brinquedo; o desenvolvimento da apreciação artística da leitura literária, por meio da diversidade de obras, da análise orientada, das comparações, reconto, entre outras possibilidades de imersão nos gêneros de tipologia narrativa.

1º Ciclo - 1º ano (entre 5 e 6 anos)

Obras de Referência (agrupadas por suas características semelhantes e/ou “modo composicional”)	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	Critérios referenciais finais
<p><i>Editoras/títulos</i></p> <p>Livros Brinquedo (para manuseio orientado pelo professor)</p> <p>Ciranda Cultural</p> <p>O sítio do seu Lobato</p> <p>É o lobo?</p> <p>O que foi aquele barulho?</p>	<p>☺Leitura da capa e demais elementos que compõem um livro;</p> <p>☺Leitura para apreensão das ideias do conto (ou outro gênero do tipo narrativo);</p> <p>☺Leitura para estabelecimento de relações com outras linguagens (canções, HQS, animações,</p>	<p>Apresentar a obra demonstrando sua composição (capa, ilustrações, 4ª capa);</p> <p>Apresentar uma obra de narrativa visual, orientando a leitura da mesma; (elementos fundamentais para a compreensão);</p> <p>Apresentar uma obra de</p>	<p>☺Reconhece, sob a orientação do professor, a forma mais comum de apresentação de uma obra literária dirigida ao público infantil;</p> <p>☺Demonstra compreensão dos elementos fundamentais de uma dada narrativa, verbal ou não verbal (narrativa</p>

<p>Chapeuzinho Vermelho</p> <p>Caramelo: Vamos dormir!</p> <p>Vamos acordar!</p> <p>Ática: Tem um lobo no meu quarto;</p> <p>A cama dos sonhos;</p> <p>Salamandra: Festa da Salamandra;</p> <p>Não vou dormir!;</p> <p>Não vou tomar banho!;</p> <p>Pedro, o Pinguim ganhando um belo galo na cabeça!;</p> <p>Zuza, a Zebra quebrou o tornozelo!;</p> <p>Publifolhinha: Fábulas de</p>	<p>entre outros);</p> <p>☺Leitura de fruição (imersão na narrativa), para a apreciação da obra;</p> <p>☺Leitura para reconto, por meio de outras linguagens;</p> <p>☺Leitura e apreciação de livros brinquedo (<i>pop up</i>, por exemplo);</p> <p>☺Leitura de narrativa visual;</p>	<p>narrativa visual e propor o reconto, coletivamente, de modo verbal (registro escrito coletivo);</p> <p>Narrar um conto (ou outra obra literária) e propor sua “transformação” narrativa visual;</p> <p>Apresentar uma obra e correlacioná-la a outra linguagem com a mesma temática (conto de fadas & HQS), por exemplo;</p> <p>Apresentar uma obra e correlacioná-la a outra linguagem com a mesma temática (a linguagem do cinema), por exemplo;</p> <p>Orientar as crianças a realizar reconto de uma obra</p>	<p>visual);</p> <p>☺Estabelece, com o auxílio do professor, relações entre obras literárias e outras linguagens;</p> <p>☺Aprecia o momento de ouvir a leitura, mantendo-se atento, durante o tempo da narrativa;</p> <p>☺Manuseia com o cuidado necessários livros literários e de brinquedo;</p> <p>☺Lê, orientado pelo professor, narrativas visuais, demonstrando compreensão dos elementos que estruturam a “história”;</p> <p>☺Participa coletivamente da produção da Ficha de Leitura com o auxílio do professor quando solicitado;</p>
--	--	--	---

<p>Esopo;</p> <p>A Bela e a Fera;</p> <p>Lafonte: Dez ursos na cama</p> <p>Todolivro: João e Maria</p> <p><u>Literatura:</u></p> <p><u>Editora/ título(s)</u></p> <p>Narrativa Visual:</p> <p><i>Compor:</i> O piquenique de Nique e pique;</p> <p><i>Paulinas:</i> Amendoin;</p> <p><i>Ática:</i> Truks;</p> <p><i>Melhoramentos:</i> A nova aventura do ratinho;</p> <p>Com temática africana, autores africanos e/ou afro-</p>		<p>apresentada usando, para isso, uma ou mais ideias de representação;</p> <p>Ler para as crianças com o intuito de levá-las à imersão na narrativa (fruição);</p> <p>Ler contos acumulativos e de “adivinhação” provocando a leitura com interferência dos ouvintes;</p> <p>Elaborar uma “Ficha de Leitura” e, por meio da produção de texto coletiva, identificar a obra, o autor e a opinião da maioria dos alunos sobre o que foi lido/ouvido/observado de mais relevante;</p> <p>Propiciar o manuseio de livros, para a “contação de histórias”</p>	
---	--	--	--

<p>brasileiros, e/ou com protagonistas negros:</p> <p><i>Brinque book:</i> Fuzarca;</p> <p><i>Ática:</i> Menina bonita do laço de fita;</p> <p><i>FTD:</i> O presente mais importante de todos;</p> <p>Com temática indígena, autores indígenas e/ou com protagonistas indígenas:</p> <p><i>Brinque book:</i> O menino e o jacaré;</p> <p><i>Melhoramentos:</i> Os meninos que se tornaram estrelas, Quando os bichos eram gente;</p> <p>Contos acumulativos, de</p>		<p>(leitura das ilustrações, por exemplo) livre, por parte do aluno;</p> <p>Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches), com o uso das ilustrações, com entonação e ritmo adequados, pela contação livre, baseada em obra literária;</p> <p>Variar os modos de contar histórias, dando ênfase ao que se conta e não a quem conta; (o contador é sempre menos importante do que aquilo que se conta);</p> <p>Proporcionar momentos em que os alunos contem, a seu modo, uma “história” para os</p>	
--	--	--	--

<p>repetição, adivinhação...</p> <p><i>FTD</i>:O jogo do pega-pega;</p> <p><i>Aletria</i>: Chá das dez;</p> <p><i>Brinque book</i>: Macaco Danado, O caso da lagarta que tomou chá de sumiço;</p> <p><i>Moderna</i>: A Formiguinha e a Neve;</p> <p>Obras modernas (autores nacionais e/ou traduções):</p> <p><i>Brinque book</i>: Não!, As botas do Gabriel; Bom dia, Marcos; Dorminhoco;</p> <p><i>Brinque-book da mochila</i>: Vai, você consegue!</p> <p><i>Larousse Júnior</i>: O mais</p>		<p>demais colegas;</p> <p>Organizar um acervo de acessórios (fantoques, dedoches, fantasias, objetos, entre outros) que podem ser utilizados pelas crianças quando estas se colocarem no papel de “contadores de histórias”;</p> <p>Proporcionar momentos de manuseio auxiliado de livros brinquedo, e/ou outras obras, orientando as crianças quando da manipulação para evitar danos ao livro;</p>	
--	--	--	--

<p>valente;</p> <p><i>Ciranda Cultural:</i> Poderia ter sido pior...;</p> <p>Contos clássicos, de fadas, maravilhosos (autoria, tradução ou reconto):</p> <p><i>FTD:</i>(coleção lê pra mim) Cachinhos de Ouro, Dona Baratinha, Os três porquinhos;</p> <p><i>Ática:</i> 12 fábulas de Esopo;</p> <p><i>Companhia Editora Nacional:</i> O grande livro dos lobos;</p> <p><i>Ática:</i> Contos de Grimm vol. 1;</p> <p>Contos populares, folclóricos (nacionais e de origem estrangeira):</p>			
--	--	--	--

<p><i>FTD</i>: (coleção lê pra mim) Festa no Céu; <i>Companhia</i> <i>das</i> <i>Letrinhas</i>:Histórias à Brasileira vol. 1,Pequenos Contos para Rir; <i>Scipione</i>: Três contos da sabedoria popular; <i>Ática</i>: O saci e o curupira e outras histórias do folclore;</p>			
--	--	--	--

ENSINO FUNDAMENTAL

Objetivo Principal: Garantir a continuidade do processo de letramento literário, pelo contato mediado com obras literárias e o desenvolvimento da apreciação artística, por meio da diversidade de obras, da análise orientada, das comparações, reconto, entre outras possibilidades de imersão nos gêneros de tipologia narrativa.

1º Ciclo - 2º ano (entre 6 e 7 anos)

Obras de Referência	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	Critérios referenciais finais
<p><i>Editora/ título(s)</i></p> <p>Narrativa visual:</p> <p><i>Global:</i> Caixa de surpresas, Um elefante;</p> <p><i>Abacatte:</i> Poá;</p> <p><i>Noovha América:</i> O peralta;</p> <p>Com temática africana, autores africanos e/ou afro-brasileiros, e/ou com</p>	<p>☺Leitura da capa que compõe um livro (título e ilustração, autor e ilustrador);</p> <p>☺Leitura para apreensão das ideias do conto (ou outro gênero do tipo narrativo);</p> <p>☺Leitura para estabelecimento de relações com outras linguagens (canções, HQS, animações, entre outros);</p>	<p>Apresentar a obra demonstrando sua composição (título, ilustrações, autor e ilustrador), esclarecendo sobre os papéis destes na confecção de um livro;</p> <p>Apresentar uma obra de narrativa visual, orientando a leitura da mesma; (elementos fundamentais para a</p>	<p>☺Reconhece, sob a orientação do professor, a forma mais comum de apresentação de uma obra literária dirigida ao público infantil;</p> <p>☺Demonstra compreensão dos elementos fundamentais de uma dada narrativa, verbal ou não verbal (narrativa visual);</p>

<p>protagonistas negros:</p> <p><i>Cosacnayfy:</i> As tranças de Bintou;</p> <p><i>Companhia das letrinhas:</i> Anansi, o velho sábio;</p> <p><i>Farol:</i> A princesa e a ervilha;</p> <p>Com temática indígena, autores indígenas e/ou com protagonistas indígenas:</p> <p><i>SM:</i> Paiquerê o paraíso dos Kaingang;</p> <p><i>Editora do Brasil:</i> Lendas indígenas;</p> <p><i>Melhoramentos:</i> Por que o Sol anda devagar;</p> <p>Contos acumulativos, de</p>	<p>☺Leitura de fruição (imersão na narrativa), para a apreciação da obra;</p> <p>☺Leitura para reconto, por meio de outras linguagens;</p> <p>☺Leitura e apreciação de livros brinquedo (pop up, por exemplo);</p> <p>☺Leitura de narrativa visual;</p> <p>☺Leitura para recriação do desfecho;</p> <p>☺Leitura para articular título e ilustração da capa;</p> <p>☺Leitura para descrever, caracterizar personagens;</p>	<p>compreensão);</p> <p>Apresentar uma obra de narrativa visual e propor o reconto, coletivamente, de modo verbal (registro escrito);</p> <p>Narrar um conto (ou outra obra literária) e propor sua “transformação” narrativa visual;</p> <p>Apresentar uma obra e correlacioná-la a outra linguagem com a mesma temática (conto de fadas & HQS), por exemplo;</p> <p>Apresentar uma obra e correlacioná-la a outra linguagem com a mesma temática (a linguagem do cinema), por exemplo;</p> <p>Apresentar a capa de uma</p>	<p>☺Estabelece, com o auxílio do professor, relações entre obras literárias e outras linguagens;</p> <p>☺Aprecia o momento de ouvir a leitura, mantendo-se atento, durante o tempo da narrativa;</p> <p>☺Manuseia com o cuidado necessários livros literários e de brinquedo;</p> <p>☺Lê, orientado pelo professor, narrativas visuais, demonstrando compreensão dos elementos que estruturam a “história”;</p> <p>☺Participa coletivamente da produção da Ficha de Leitura com o auxílio do professor quando solicitado;</p> <p>☺Propõe desfechos coerentes</p>
--	---	--	--

<p>repetição, adivinhação...</p> <p><i>Brinque book:</i> O caso das bananas, O Grúfalo, O filho do Grúfalo;</p> <p><i>FTD Dona Baratinha,</i> O jogo do puxa-puxa;</p> <p>Obras modernas (autores nacionais e/ou traduções):</p> <p><i>Ciranda Cultural:</i> A grande coceira;</p> <p><i>Callis:</i> Cabritos, cabritões;</p> <p><i>Brinque book:</i> Corina curiosa e o maior buraco do mundo, O beijo, O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado;</p>		<p>obra literária e propor o levantamento de hipóteses sobre tema, por meio da comparação entre título e elementos da capa</p> <p>Apresentar a obra literária e propor a descrição oral do ou dos personagens; (seu “comportamento” num dado livro).</p> <p>Propor a caracterização do ou dos personagens por meio de gestos, construção de figuras, jogo dramático, entre outros;</p> <p>Orientar as crianças a realizar reconto de uma obra apresentada usando, para isso, uma ou mais ideias de representação;</p> <p>Ler para as crianças com o</p>	<p>após ler/ouvir, observar uma obra literária;</p> <p>☺Caracteriza, com o auxílio do professor um ou mais personagens de uma narrativa;</p>
--	--	---	--

<p><i>Ática:</i> Em cima e Embaixo;</p> <p><i>Callis:</i> Lino;</p> <p><i>Global:</i> O mais fantástico ovo do mundo;</p> <p>Contos clássicos, de fadas, maravilhosos (autoria, tradução ou reconto):</p> <p><i>FTD:</i> (coleção lê pra mim) João Bobo, Joãozinho e Maria, Joãozinho e o pé de feijão;</p> <p><i>Ática:</i> Pedro e o Lobo;</p> <p><i>Companhia Editora Nacional:</i> O grande livro das bruxas</p> <p><i>Companhia das Letrinhas:</i> Contos de Fada, Fantasma e</p>		<p>intuito de levá-las à imersão na narrativa (fruição);</p> <p>Ler contos acumulativos e de “adivinhação” provocando a leitura com interferência dos ouvintes;</p> <p>Elaborar uma “Ficha de Leitura” e, por meio da produção de texto coletiva, identificar a obra, o autor e a opinião da maioria dos alunos sobre o que foi lido/ouvido/observado de mais relevante;</p> <p>Propiciar o manuseio de livros, para a “contação de histórias” (leitura das ilustrações, por exemplo) livre, por parte do aluno;</p> <p>Propor sob a orientação do</p>	
---	--	--	--

<p>Magia;</p> <p>Contos populares, folclóricos (nacionais e de origem estrangeira):</p> <p><i>Companhia das Letrinhas:</i> Volta ao mundo em 52 histórias, Histórias à Brasileira vol. 2;</p> <p><i>Wmfmartinsfontes:</i> Histórias e Sabedoria e Encantamento;</p> <p><i>Ática:</i> Se eu fosse aquilo;</p> <p><i>Moderna:</i> Duas histórias muito engraçadas;</p>		<p>professor, modificações no desfecho do livro, a partir de possibilidades coerentes;</p> <p>Propor comparações entre dois títulos com a mesma temática, auxiliando as crianças no estabelecimento de relações idênticas e/ou opostas na obra;</p> <p>Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches), com o uso das ilustrações, com entonação e ritmo adequados, pela contação livre, baseada em obra literária;</p> <p>Variar os modos de contar histórias, dando ênfase ao que se conta e não a quem conta;</p>	
---	--	---	--

		<p>(o contador é sempre menos importante do que aquilo que se conta);</p> <p>Proporcionar momentos em que os alunos contem, a seu modo, uma “história” para os demais colegas;</p> <p>Organizar um acervo de acessórios (fantoques, dedoches, fantasias, objetos, entre outros) que podem ser utilizados pelas crianças quando estas se coloquem no papel de “contadores de histórias”;</p> <p>Proporcionar momentos de manuseio auxiliado de livros brinquedo, e/ou outras obras, orientando as crianças quando da manipulação para evitar</p>	
--	--	---	--

		danos ao livro;	
--	--	-----------------	--

ENSINO FUNDAMENTAL

Objetivo Principal: Garantir a continuidade do processo de letramento literário, pelo contato mediado com obras literárias e o desenvolvimento da apreciação artística, por meio da diversidade de obras, da análise orientada, da comparação entre obras do mesmo autor, reconto, entre outras possibilidades de imersão nos gêneros de tipologia narrativa.

1º Ciclo - 3º ano (entre 8 e 9 anos)

Obras de Referência	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	Critérios referenciais finais
<p><i>Editora/ título(s)</i></p> <p>Narrativa visual: Compor: Na ponta do lápis;</p> <p><i>Abacatte:</i> Cabelinho Vermelho e o Lobo Bobo;</p> <p>Marcelo Duarte Comunicações: Flop A história de um peixinho japonês na</p>	<p>☺Leitura da capa e demais elementos que compõem um livro;</p> <p>☺Leitura para evocar e/ou confrontar gêneros com a mesma temática;</p> <p>☺Leitura para apreensão das ideias do conto, lenda, mito, fábula (ou outro gênero do tipo</p>	<p>Apresentar a obra demonstrando sua composição (capa, ilustrações, ficha catalográfica, 4ª capa), esclarecendo aos alunos as funções de cada elemento de composição do livro;</p> <p>Apresentar obras (contos, mitos, lendas) de diferentes</p>	<p>☺Reconhece, sob a orientação do professor, a forma mais comum de apresentação (o suporte) de uma obra literária dirigida ao público infantil;</p> <p>☺Demonstra compreensão dos elementos fundamentais de uma dada narrativa, verbal</p>

<p>China;</p> <p><i>FTD: A bela e a fera;</i></p> <p>Com temática africana, autores africanos e/ou afro-brasileiros, e/ou com protagonistas negros:</p> <p><i>SM: Mil e uma estrelas;</i></p> <p><i>Paulinas: Três contos africanos de adivinhação;</i></p> <p><i>Brinque book: Escola de chuva;</i></p> <p>Com temática indígena, autores indígenas e/ou com protagonistas indígenas:</p> <p><i>Mercuryo Jovem: As pegadas do Kurupyra;</i></p>	<p>narrativo);</p> <p>☺Leitura para estabelecimento de relações com outras linguagens (canções, subgêneros do gênero poema, HQS, animações, entre outros);</p> <p>☺Leitura de fruição (imersão na narrativa), para a apreciação da obra;</p> <p>☺Leitura para reconto, por meio de outras linguagens;</p> <p>☺Leitura de narrativa visual;</p> <p>☺Leitura para estabelecer critérios pessoais na escolha de um livro;</p> <p>☺Leitura para relacionar/comparar obras do mesmo autor;</p>	<p>origens para comparar a similaridade e/ou confrontos entre estas “explicações sobre o mundo”;</p> <p>Apresentar uma obra de narrativa visual, orientando a leitura da mesma; (elementos fundamentais para a compreensão);</p> <p>Apresentar uma obra de narrativa visual e propor o reconto, coletivamente, de modo verbal (registro escrito);</p> <p>Narrar um conto (ou outra obra literária) e propor sua “transformação” narrativa visual;</p> <p>Apresentar uma obra e correlacioná-la a outra linguagem com a mesma</p>	<p>ou não verbal (narrativa visual);</p> <p>☺Estabelece, com o auxílio do professor, relações entre obras literárias e outras linguagens;</p> <p>☺Aprecia o momento de ouvir a leitura, mantendo-se atento, durante o tempo da narrativa;</p> <p>☺Manuseia, com o cuidado necessário, livros literários;</p> <p>☺Lê, orientado pelo professor, narrativas visuais, demonstrando compreensão dos elementos que estruturam a “história”;</p> <p>☺Participa coletivamente da produção da Ficha de Leitura com o auxílio do professor quando solicitado;</p>
--	---	--	--

<p><i>SM:</i>Mavutsinim e o Kuarup;</p> <p><i>Global:</i> Parece que foi ontem;</p> <p>Contos acumulativos, de repetição, adivinhação...</p> <p><i>Brinque book:</i> O caso do pote quebrado;</p> <p><i>FTD:</i> O jogo do vai e vem;</p> <p><i>SM:</i> Cinco ovelhinhas;</p> <p><i>Companhia das letrinhas:</i> Historinhas de contar;</p> <p><u><i>Wmfmartinsfontes:</i></u> Os bichos também sonham;</p> <p>Obras modernas (autores nacionais e/ou traduções):</p> <p><i>Editora do Brasil:</i> A alegre vovó Guida que é um bocado</p>		<p>temática (conto de fadas & HQS), por exemplo;</p> <p>Apresentar uma obra e correlacioná-la a outra linguagem com a mesma temática (a linguagem do cinema), por exemplo;</p> <p>Apresentar obras do mesmo autor (a) para descobrir marcas, semelhanças e diferenças entre essas produções;</p> <p>Orientar as crianças a realizar reconto de uma obra apresentada usando, para isso, uma ou mais ideias de representação;</p> <p>Ler para as crianças com o intuito de levá-las à imersão na narrativa (fruição);</p>	<p>☺Reconhece, com a orientação do professor, similaridades entre as obras de um dado autor (narrativa visual e verbal).</p>
--	--	---	--

<p>distraída;</p> <p><i>Ática</i>: A bruxa Salomé;</p> <p><i>Wmfmartinsfontes</i>: A história do leão que não sabia escrever;</p> <p><i>Brinque book</i>: O rato e o alfaiate;</p> <p><i>Salamandra</i>: Esta é Silvia;</p> <p><i>FTD</i>: Nó na cabeça;</p> <p><i>Manati</i>: O cachorro O menino;</p> <p><i>Editora do Brasil</i>: Enrolando novelo de lã;</p> <p>Contos clássicos, de fadas, maravilhosos (autoria, tradução ou reconto):</p> <p><i>FTD</i>: (Coleção as bruxas de</p>		<p>Ler contos acumulativos e de “adivinhação” provocando a leitura com interferência dos ouvintes;</p> <p>Elaborar uma “Ficha de Leitura” e, por meio da produção de texto coletiva, identificar a obra, o autor e a opinião da maioria dos alunos sobre o que foi lido/ouvido/observado de mais relevante;</p> <p>Propiciar o manuseio de livros, para a “contação de histórias” (leitura das ilustrações, por exemplo) livre, por parte do aluno;</p> <p>Propor sob a orientação do professor, modificações no desfecho do livro, a partir de</p>	
--	--	---	--

<p>Grimm) Rapunzel, Cinderela;</p> <p><i>FTD</i>: (Coleção Lê pra mim) Os músicos de Bremen, O patinho feio;</p> <p><i>Companhia das Letrinhas</i>: Histórias do Cisne;</p> <p><i>Companhia das Letrinhas</i>: Histórias de Reis e Rainhas;</p> <p>Contos populares, folclóricos (nacionais e de origem estrangeira):</p> <p><i>Companhia das Letrinhas</i>: Histórias à Brasileira vol. 3, Pequenos Contos para Sentir Medo, Sete histórias para sacudir o esqueleto;</p> <p><i>Larousse Junior</i>: Coleção</p>		<p>possibilidades coerentes;</p> <p>Propor comparações entre dois títulos com a mesma temática, auxiliando as crianças no estabelecimento de relações idênticas e/ou opostas na obra;</p> <p>Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches), e/ou com o uso das ilustrações, com entonação e ritmo adequados, pela contação livre, baseada em obra literária;</p> <p>Variar os modos de contar histórias, dando ênfase ao que se conta e não a quem conta; (o contador é sempre menos importante do que aquilo que</p>	
--	--	--	--

<p>Banquete Folclórico: Assombrações da Terra, Assombrações da Água, Rodas e Bailes de sons encantados.</p> <p><i>Ática:</i> Contos de bichos do mato;</p>		<p>se conta);</p> <p>Proporcionar momentos em que os alunos contem, a seu modo, uma “história” para os demais colegas;</p> <p>Proporcionar momentos de manuseio de livros, orientando as crianças quando da manipulação para evitar danos ao livro;</p>	
--	--	---	--

ENSINO FUNDAMENTAL

Objetivo Principal: Garantir a continuidade do processo de letramento literário, pelo contato mediado com obras literárias e o desenvolvimento da apreciação artística, por meio da diversidade de obras, da análise orientada, da comparação entre obras do mesmo autor, reconto, confronto e similaridades entre diferentes gêneros e outras possibilidades de imersão nos gêneros de tipologia narrativa.

2º Ciclo - 4º ano (entre 9 e 10 anos)

Obras de Referência	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	Critérios referenciais finais
<p><i>Editora/ título(s)</i></p> <p>Narrativa visual:</p> <p><i>Escala educacional:</i> Meu leão;</p> <p><i>FTD:</i> O gato de botas;</p> <p><i>Wmfmartinsfontes:</i> O leão e o camundongo;</p> <p><i>Noovha América:</i> O peralta;</p> <p>Com temática africana,</p>	<p>☺Leitura para apreensão das ideias dos gêneros de tipo narrativo (contos clássicos, contemporâneos, entre outros);</p> <p>☺Leitura de narrativa visual;</p> <p>☺Leitura para estabelecimento de aproximações e contraposições entre obras</p>	<p>Apresentar a obra, auxiliando os alunos na apreensão das ideias por meio de discussões, rodas de conversa, debates, entre outros;</p> <p>Apresentar uma obra de narrativa visual, fazendo com os alunos a leitura orientada, por meio de questões e da observação;</p>	<p>☺Demonstra, com autonomia, compreender as ideias contidas nos gêneros frequentados ao longo do ano letivo;</p> <p>☺Reconhece obras que possuem temáticas parecidas, com situações complementares ou opostas;</p> <p>☺Compara, com o auxílio do</p>

<p>autores africanos e/ou afro-brasileiros, e/ou com protagonistas negros:</p> <p><i>Brinque book:</i> Chuva de manga;</p> <p><i>Prumo:</i> O casamento da princesa;</p> <p><i>SM:</i> O chamado de Sosu;</p> <p>Com temática indígena, autores indígenas e/ou com protagonistas indígenas:</p> <p><i>Global:</i> Contos Indígenas Brasileiros;</p> <p><i>Peirópolis:</i> As fabulosas fábulas de Iauaretê;</p> <p><i>Melhoramentos:</i> A barca da</p>	<p>clássicas e versões modernas;</p> <p>☺Leitura para relacionar/comparar personagens com o mesmo perfil (no conto clássico e na releitura deste, por exemplo);</p> <p>☺Leitura para estabelecimento de relações com outras linguagens (canções, subgêneros do gênero poema, HQS, animações, entre outros);</p> <p>Leitura para caracterizar a figura do narrador;</p> <p>Leitura para argumentar e justificar sua apreensão;</p> <p>Leitura de fruição (imersão na narrativa), para a apreciação da obra;</p> <p>☺Leitura para reconto, por</p>	<p>Apresentar uma obra de narrativa visual e propor o reconto, coletivamente, de modo verbal (registro escrito);</p> <p>Narrar um conto (ou outra obra literária) e propor sua “transformação” narrativa visual;</p> <p>Apresentar uma obra e correlacioná-la a outra linguagem com a mesma temática (conto de fadas & HQS), por exemplo;</p> <p>Apresentar uma obra e correlacioná-la a outra linguagem com a mesma temática (a linguagem do cinema), por exemplo;</p> <p>Apresentar obras do mesmo autor (a) para descobrir</p>	<p>professor, os mesmos personagens em versões diferentes de um conto (ou outro gênero de tipo narrativo);</p> <p>☺Demonstra conhecer, mesmo que minimamente, obras de um dado autor;</p> <p>☺Reconhece, sob a orientação do professor, as “marcas” da obra de um autor;</p> <p>☺Registra individualmente na Ficha de Leitura, suas opiniões sobre a obra lida, ouvida ou observada;</p>
---	--	---	--

<p>tartaruga;</p> <p>Contos acumulativos, de repetição, adivinhação...</p> <p><i>Moderna:</i> A galinha Ruiva;</p> <p><i>Objetiva:</i> Jabuti sabido e macaco metido;</p> <p><i>Ática:</i> Bruxinha e as maldades de Sorumbática;</p> <p><i>Brinque book:</i> É difícil se apressar quando se é um caracol, A princesa que de tudo sabia...menos uma coisa</p> <p>Obras modernas (autores nacionais e/ou traduções):</p> <p><i>Ática:</i> A promessa do girino, O pequeno papassonhos;</p>	<p>meio de outras linguagens;</p> <p>☺Leitura para identificar o tema de um livro ou antecipar a temática, ao observar a capa globalmente;</p>	<p>marcas, semelhanças e diferenças entre essas produções;</p> <p>Propor a produção de uma Ficha de Leitura, onde apareça o registro, por meio da argumentação, da recepção da obra pelo aluno;</p> <p>Propor a leitura e demarcar junto com os alunos a manifestação do narrador;</p> <p>Ler para as crianças com o intuito de levá-las à imersão na narrativa (fruição);</p> <p>Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches), e/ou com o uso das ilustrações, com entonação e ritmo adequados,</p>	
--	--	--	--

<p><i>Companhia das Letrinhas:</i> Fome de monstro;</p> <p><i>Salamandra:</i> O que os olhos não veem;</p> <p><i>FTD:</i> O sabiá e a girafa;</p> <p><i>Cosacnaify:</i> Pato! Coelho!;</p> <p><i>Brinque book da mochila:</i> Vacas não voam;</p> <p><i>Ciranda Cultural:</i> Um inseto muito feio;</p> <p>Contos clássicos, de fadas, maravilhosos (autoria, tradução ou reconto):</p> <p><i>Companhia das Letrinhas:</i> Contos de Grimm;</p> <p><i>Ática:</i> Contos de Perrault;</p>		<p>pela contação livre, baseada em obra literária;</p> <p>Variar os modos de contar histórias, dando ênfase ao que se conta e não a quem conta; (o contador é sempre menos importante do que aquilo que se conta);</p> <p>Proporcionar momentos em que os alunos contem, a seu modo, uma “história” para os demais colegas;</p> <p>Orientar as crianças a realizar reconto de uma obra apresentada usando, para isso, uma ou mais ideias de representação;</p> <p>Propor a leitura de livros diferentes sobre o mesmo tema para que o aluno escolha</p>	
---	--	---	--

<p><i>SM</i>: Fábulas de Esopo;</p> <p><i>FTD</i>: (coleção As bruxas de Grimm) João e Maria, João Ferrugem;</p> <p>Contos populares, folclóricos (nacionais e de origem estrangeira):</p> <p><i>Companhia das Letrinhas</i>: Histórias à Brasileira vol. 4, Viagem pelo Brasil em 52 histórias, Contos de Morte Morrida;</p> <p><i>Ática</i>: Histórias de bobos, bocós, burros e paspalhões;</p>		<p>o que mais lhe agradou, argumentando sobre sua preferência;</p> <p>Proporcionar momentos de manuseio de livros, orientando as crianças quando da manipulação para evitar danos ao livro;</p>	
---	--	---	--

ENSINO FUNDAMENTAL

Objetivo Principal: Garantir a continuidade do processo de letramento literário, pelo contato mediado com obras literárias e o desenvolvimento da apreciação artística, por meio da diversidade de obras, da análise orientada, da comparação entre obras do mesmo autor, reconto, confronto e similaridades entre diferentes gêneros, estabelecimento padrões intertextuais (texto & texto; texto & leitor) e outras possibilidades de imersão nos gêneros de tipologia narrativa.

2º Ciclo - 5º ano (entre 10 e 11 anos)

Obras de Referência	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	CrITÉrios referenciais finais
<p><i>Editora/ título(s)</i></p> <p>Narrativa visual:</p> <p><i>FTD:</i> E o palhaço o que é?</p> <p><i>Melhoramentos:</i> O lobo negro;</p> <p><i>FTD:</i> Pela porta do coração;</p> <p><i>Companhia das Letrinhas:</i> Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem;</p>	<p>☺Leitura para apreensão das ideias dos gêneros de tipo narrativo (contos clássicos, contemporâneos, entre outros);</p> <p>☺Leitura de narrativa visual;</p> <p>☺Leitura para estabelecimento de aproximações e contraposições entre obras</p>	<p>Apresentar a obra, auxiliando os alunos na apreensão das ideias por meio de discussões, rodas de conversa, debates, entre outros;</p> <p>Apresentar uma obra de narrativa visual, fazendo com os alunos a leitura orientada, por meio de questões e da observação;</p>	<p>☺Demonstra autonomia ao expressar sua compreensão acerca das ideias contidas nos gêneros frequentados ao longo do ano letivo;</p> <p>☺Lê narrativas visuais, estabelecendo, sob a orientação do professor, relações de causa e efeito;</p> <p>☺Estabelece, com a</p>

<p>Com temática africana, autores africanos e/ou afro-brasileiros, e/ou com protagonistas negros:</p> <p><i>SM:</i> A história de Chico Rei; O que tem na janela, Jamela?;</p> <p><i>FTD:</i> Histórias que nos contaram em Luanda;</p> <p>Com temática indígena, autores indígenas e/ou com protagonistas indígenas:</p> <p><i>Peirópolis:</i> Puratig – o remo sagrado;</p> <p><i>Melhoramentos:</i> A descoberta das frutas, As noivas da estrela;</p> <p>Contos acumulativos, de</p>	<p>clássicas e versões modernas;</p> <p>☺Leitura para relacionar/comparar personagens com o mesmo perfil (no conto clássico e na releitura deste, nos personagens negros, personagens indígenas, nos personagens femininos, nas crianças; por exemplo);</p> <p>☺Leitura para estabelecimento de relações com outras linguagens (canções, subgêneros do gênero poema, HQS, animações, entre outros);</p> <p>Leitura de fruição (imersão na narrativa), para a apreciação da obra;</p> <p>☺Leitura para antecipar</p>	<p>Apresentar uma obra de narrativa visual e propor o reconto, coletivamente, de modo verbal (registro escrito);</p> <p>Narrar um conto (ou outra obra literária) e propor sua “transformação” narrativa visual;</p> <p>Propor a leitura “comparada”, ou seja, a mesma temática e personagens com perfis bastante diferenciados;</p> <p>Propor a leitura de contos clássicos e suas versões “modernas” para estabelecer similaridades e contraposições (nos personagens, na linguagem, no perfil dos personagens, entre outros);</p> <p>Propor a leitura de gêneros</p>	<p>orientação do professor, aproximações e contrapontos entre obras clássicas e modernas;</p> <p>☺Relaciona e compara, sob a orientação do professor, o perfil de personagens em narrativas produzidas em diferentes contextos históricos de produção e recepção da obra literária;</p> <p>☺Estabelece, sob a orientação do professor, relações complementares e ou de oposição entre a obra literária e suas adaptações (para o cinema, teatro, HQS, entre outros);</p> <p>Antecipa acontecimentos num dado conto formulando</p>
--	---	---	---

<p>repetição, adivinhação...</p> <p><i>FTD:</i> Ah, cambaxirra se eu pudesse..., Pimenta no Cocuruto, O domador de monstros;</p> <p><i>Global:</i> Por que os mosquitos zunem no ouvido da gente;</p> <p><i>Moderna:</i> A Velhinha Maluquete;</p> <p>Obras modernas (autores nacionais e/ou traduções):</p> <p><i>Brinque book:</i> A velhinha que dava nome às coisas, O catador de pensamentos; Quando Estela era muito, muito pequena;</p> <p><i>Richmond:</i> A vaca que botou</p>	<p>acontecimentos e/ou elementos constitutivos do conto;</p> <p>☺Leitura para reconhecer as diferentes vozes do gênero de tipo narrativo;</p> <p>☺Leitura para determinar os eixos de conflito e resolução de uma narrativa;</p> <p>☺Leitura para levantar hipóteses sobre os acontecimentos possíveis na narrativa;</p> <p>☺Leitura para resumir a narrativa oralmente e por escrito (coletiva e individualmente), mantendo os principais elementos do texto original;</p> <p>☺Leitura para elaborar</p>	<p>que apresentem diferentes graus de protagonismo em personagens idênticos (o indígena, por exemplo, o negro entre outros);</p> <p>Propor a criação de perfil diferente para o personagem dentro de dado conto, modificando assim, a situação de conflito e resolução, bem como o protagonismo;</p> <p>Propor a análise dos elementos que constituem o conto determinando, assim, o desenrolar da narrativa;</p> <p>Propor o reconto por meio da elaboração de texto dramático, produção de HQ, entre outros;</p> <p>Apresentar uma obra e correlacioná-la a outra</p>	<p>hipóteses, com o auxílio do professor;</p> <p>☺Reconhece as diferentes vozes da narração, definindo, sob a orientação do professor o perfil destes;</p> <p>☺Reconhece na narrativa, sob a orientação do professor, o(s) conflito(s) e a(s) respectiva(s) resolução deste;</p> <p>☺Levanta hipóteses sobre os acontecimentos de uma narrativa, utilizando-se para isso do texto verbal e não verbal que a compõe, sob a orientação do professor;</p> <p>☺Elabora coletiva e individualmente o gênero resenha crítica, sobre uma obra conhecida, sob a</p>
--	---	---	---

<p>um ovo;</p> <p><i>FTD:</i> Fábula de dois irmãos, Para que serve uma barriga tão grande?, Você quer ser meu amigo?</p> <p><i>Global:</i> Os três ladrões;</p> <p>Contos clássicos, de fadas, maravilhosos (autoria, tradução ou reconto):</p> <p><i>Rovelle:</i> A mão na massa;</p> <p><i>Global:</i> A moça tecelã, Uma ideia toda azul;</p> <p><i>Rocco:</i> Dra. Clarissa PinkolaEstés - Contos dos Irmãos Grimm;</p> <p><i>SM:</i> O flautista de Hamelin;</p>	<p>(coletiva e individualmente) o gênero resenha crítica;</p> <p>☺Leitura para interessar-se e conhecer a biografia do autor;</p>	<p>linguagem com a mesma temática (conto de fadas & HQS), por exemplo;</p> <p>Analisar o modo composicional de uma dada temática num conto e num HQ, por exemplo;</p> <p>Ler para as crianças com o intuito de levá-las à imersão na narrativa (fruição);</p> <p>Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches, cenários, entre outros – sempre produzidos pelos próprios alunos), e/ou com o uso das ilustrações, com entonação e ritmo adequados, pela contação livre, baseada em obra</p>	<p>orientação do professor;</p> <p>☺Demonstra interesse pela biografia de um ou mais autores que lhe forem apresentados durante o ano letivo;</p>
---	---	--	---

<p>Contos populares, folclóricos (nacionais e de origem estrangeira):</p> <p><i>FTD:</i> Um mundo de histórias de países distantes;</p> <p><i>Ática:</i> Contos e lendas de um vale encantado, Contos de enganar a morte;</p> <p><i>Larousse Junior:</i> (Coleção de Boca em Boca) Cruz-Credo!, Histórias de Boca, Histórias Daqui e Dacolá;</p> <p><i>Rocco:</i> Como nasceram as estrelas;</p>		<p>literária;</p> <p>Variar os modos de contar histórias, dando ênfase ao que se conta e não a quem conta; (o contador é sempre menos importante do que aquilo que se conta);</p> <p>Propor discussões coletivas sobre o gênero lido/ouvido/observado para que se levantem os conflitos e a resolução destes na obra literária;</p> <p>Propor leitura “comparada” para estabelecer aproximações entre texto & texto;</p> <p>Propor leitura para retomar aspectos similares ou antagônicos já observados</p>	
---	--	---	--

		<p>pelo leitor noutras obras conhecidas;</p> <p>Propor leitura com interferência do ouvinte, para levantar hipóteses sobre o decorrer da narrativa;</p> <p>Elaborar coletivamente uma resenha crítica sobre uma obra lida na sala de aula;</p> <p>Propor a elaboração individual de uma resenha crítica, orientando os alunos sobre o modo composicional desse gênero;</p>	
--	--	--	--

EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)

1ª ETAPA

<p>Objetivo Principal: Reiniciar (ou iniciar) o processo de letramento literário do jovem, adulto e idoso que frequenta a EJA, pelo contato mediado com a literatura e o desenvolvimento da apreciação artística criando, assim, uma “cultura da leitura” como prática recorrente, também para o aluno dessa modalidade; utilizando-se, para isso, da apreciação de diversas de obras, da análise orientada, das comparações, reconto, entre outras possibilidades de imersão nos gêneros de tipologia narrativa.</p>			
Obras de Referência	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	Critérios referenciais finais
<p><i>Editora/ título(s)</i></p> <p>Narrativa visual:</p> <p><i>Global:</i> A flor do lado de lá;</p> <p><i>Escala educacional:</i> A máscara, Ladrão de galinha;</p> <p>Com temática africana, autores africanos e/ou afro-brasileiros, e/ou com protagonistas negros:</p>	<p>☺Leitura para apreensão das ideias de gêneros do tipo narrativo: contos de fadas, de “esperteza”, de terror, mitos, fábulas, lendas, causos, entre outros;</p> <p>☺Leitura de narrativa visual;</p> <p>☺Leitura para estabelecimento de relações</p>	<p>Propor leitura e analisar junto ao alunado as ideias contidas no gênero, por meio de questões orientadoras;</p> <p>Registrar por escrito (coletivamente) as ideias, opiniões, etc dos alunos sobre os gêneros lidos/ouvidos/observados, por</p>	<p>☺Participa oralmente da análise de ideias contidas em gêneros de tipologia narrativa, sob a orientação do professor;</p> <p>☺Realiza, com o auxílio do professor, a leitura de narrativas visuais;</p> <p>☺Relaciona temáticas, personagens, ideias contidas</p>

<p><i>SM:</i> O menino que comia lagartos, Histórias de Ananse;</p> <p><i>Editora do Brasil:</i> Histórias africanas para contar e recontar;</p> <p>Com temática indígena, autores indígenas e/ou com protagonistas indígenas:</p> <p><i>Global:</i> Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do Universo;</p> <p><i>FTD:</i> Aventuras do menino Kauã;</p> <p>Contos acumulativos, de repetição, adivinhação...</p> <p>Mundo Mirim: Uma viagem desastrada e outros contos</p>	<p>com outras linguagens (poemas, letras de canção, contos clássicos e/ou modernos quadrinizados, curtas metragem, animações, entre outros);</p> <p>☺Leitura de fruição (imersão na narrativa) para apreciação da obra;</p> <p>☺Leitura para articular título e ilustração da capa;</p> <p>Leitura para descrever/caracterizar personagens;</p> <p>Leitura para relacionar/comparar obras do mesmo autor;</p> <p>Leitura para reconto oral e posterior registro coletivo (no caso de “histórias” conhecidas</p>	<p>meio da “Ficha de Leitura” da turma;</p> <p>Propor a leitura de narrativas visuais, orientando o alunado durante o momento de apreciação desta;</p> <p>Propor a leitura de obras que “contam uma história” por meio do texto verbal e não verbal (os HQS, por exemplo), auxiliando os alunos a compreender o modo composicional deste gênero de tipo narrativo;</p> <p>Ler e/ou contar histórias para os alunos utilizando-se do ritmo e da entonação corretos para que haja imersão na narrativa;</p> <p>Ler para os alunos, mostrando</p>	<p>em gêneros lidos/ouvidos/observados com outras linguagens artísticas sob a orientação do professor;</p> <p>☺Demonstra atenção ao ouvir a leitura e/ou a contação de uma “história”;</p> <p>☺Analisa, com o auxílio do professor, relações entre título e ilustração de uma obra literária;</p> <p>☺Participa oralmente na produção escrita dos gêneros de domínio literário que conhecem, sob a orientação e com o auxílio do professor;</p> <p>Participa oralmente da produção da Ficha de Leitura da turma;</p>
--	---	--	--

<p>cumulativos;</p> <p><i>FTD</i>: Uma boa cantoria;</p> <p>Obras modernas (autores nacionais e/ou traduções):</p> <p><i>Formato</i>: João, pobre João ou de como o pastor João tornou-se guerreiro;</p> <p><i>Salamandra</i>: O rei que não sabia de nada;</p> <p><i>Companhia das Letrinhas</i>: O urso que queria ser pai;</p> <p><i>Brinque book</i>: Vira-lata;</p> <p><i>Wmfmartinsfontes</i>: Agora não, Bernardo.</p> <p>Contos clássicos, de fadas, maravilhosos (autoria,</p>	<p>pelo alunado);</p> <p>☺Leitura para relacionar/comparar personagens com o mesmo perfil (no conto clássico e na releitura deste, nos personagens negros, personagens indígenas, nos personagens femininos, nas crianças; por exemplo);</p>	<p>as ilustrações, ou mostrando-as após a leitura e comparando o que foi “imaginado” por eles e a produção artística do ilustrador;</p> <p>Ler para os alunos “histórias” sem ilustrações e propor que estes ilustrem o gênero lido/ouvido;</p> <p>Mostrar a capa de uma obra literária e levantar questionamentos sobre as relações entre título e ilustração da capa;</p> <p>Registrar por escrito as características apontadas pelos alunos para os personagens de determinada obra literária;</p>	
---	--	---	--

<p>tradução ou reconto):</p> <p><i>Ática:</i> Contos de Grimm vol. 2;</p> <p><i>Global:</i> Doze reis e a moça no labirinto de vento.</p> <p>(coleção Clássicos Universais): O rouxinol e o imperador da china, A Bela Adormecida no Bosque.</p> <p><i>Companhia das Letrinhas:</i>O Barba azul, Chapeuzinho Vermelho;</p> <p>Contos populares, folclóricos (nacionais e de origem estrangeira):</p> <p><i>Moderna:</i>Malasaventuras Safadezas de Malasartes, Mitos e lendas brasileiros em</p>		<p>Apresentar duas ou mais obras do mesmo autor, analisando junto ao alunado as semelhanças e possíveis diferenças na produção artística do autor analisado;</p> <p>Realizar o registro escrito das “histórias” que os alunos adultos conhecem oralmente, formando um acervo sobre o “conhecimento oral” que o alunado possui de “contos, causos, mitos”, entre outros.</p> <p>Propor “rodas de histórias” para que os alunos contem (causos, contos de assombração, entre outros) que conhecem;</p> <p>Elaborar e preencher coletivamente “Ficha de</p>	
--	--	--	--

<p>prosa e verso;</p> <p><i>Ática</i>: No meio da noite escura tem um pé de maravilha;</p> <p><i>FTD</i>: O velho, o menino e o burro e outras histórias caipiras, Mulheres de Coragem;</p> <p>HQS (dirigidos aos jovens e adultos, com obras clássicas adaptadas e/ou recontadas)</p> <p><i>Escala Educacional</i>: (Coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos) Memórias Póstumas de Brás Cubas, O Ateneu;</p> <p><i>Salamandra</i>: Série Ex-libris (clássicos em quadrinhos) A</p>		<p>Leitura”, sobre uma obra lida/ouvida/observada pela turma;</p> <p>Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches, cenários, entre outros – sempre produzidos pelos próprios alunos), e/ou com o uso das ilustrações, com entonação e ritmo adequados, pela contação livre, baseada em obra literária;</p> <p>Variar os modos de contar histórias, dando ênfase ao que se conta e não a quem conta;</p>	
--	--	--	--

ilha do Tesouro; <i>Companhia das Letrinhas</i> Princesa e o Sapo (adaptação do conto dos Irmãos Grimm);			
---	--	--	--

EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)

2ª ETAPA

<p>Objetivo Principal: Continuar com o processo de letramento literário do jovem, adulto e idoso que frequenta a EJA, pelo contato mediado com a literatura e o desenvolvimento da apreciação artística criando, assim, uma “cultura da leitura” como prática recorrente, também para o aluno dessa modalidade; utilizando-se, para isso, da apreciação de diversas de obras, da análise orientada, das comparações, reconto, confronto e similaridades entre diferentes gêneros e/ou temáticas, bem como outras possibilidades de imersão nos gêneros de tipologia narrativa.</p>			
Obras de Referência	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	Critérios referenciais finais
<p><i>Editora/ título(s)</i></p> <p>Narrativa visual:</p> <p><i>Escala educacional:</i> Os donos da bola;</p> <p><i>FTD:</i> Mas será que nasceria a macieira?, História de amor;</p> <p>Com temática africana,</p>	<p>Leitura para apreensão das ideias de gêneros do tipo narrativo: contos de fadas, de “esperteza”, de terror, mitos, fábulas, lendas, causos, entre outros;</p> <p>Leitura de narrativa visual;</p> <p>Leitura de fruição (imersão na</p>	<p>Propor leitura e analisar junto ao alunado as ideias contidas no gênero, por meio de questões orientadoras;</p> <p>Realizar a leitura comparada de mitos, lendas, causos, entre outros, evidenciando o modo como obras de</p>	<p>Participa oralmente da análise de ideias contidas em gêneros de tipologia narrativa, sob a orientação do professor;</p> <p>Realiza, com o auxílio do professor, a leitura de narrativas visuais;</p> <p>Relaciona temáticas,</p>

<p>autores africanos e/ou afro-brasileiros, e/ou com protagonistas negros:</p> <p><i>SM:</i> O ônibus de Rosa, Meu nome é Pomme, O chifre da Hiena e outras histórias da África Ocidental;</p> <p>Com temática indígena, autores indígenas e/ou com protagonistas indígenas:</p> <p><i>Larousse:</i> Wirapurus e Muirakitãs: Histórias Mágicas dos Amuletos Amazônicos;</p> <p><i>Global:</i> A Primeira Estrela que vejo é a Estrela do meu Desejo e Outras Histórias Indígenas de Amor;</p> <p>Contos acumulativos, de</p>	<p>narrativa) para apreciação da obra;</p> <p>Leitura para evocar e/ou confrontar gêneros com a mesma temática (causos, mitos, lendas, por exemplo);</p> <p>Leitura para identificar o tema de um livro ou antecipar a temática, ao observar a capa globalmente;</p> <p>Leitura para relacionar/comparar personagens com o mesmo perfil (no conto clássico e na releitura deste, por exemplo);</p> <p>Leitura para resumir a narrativa oralmente e por escrito (coletivamente), mantendo os principais elementos do texto original;</p>	<p>diferentes culturas “explicam” os fenômenos, os ritos, os acontecimentos sociais, por exemplo;</p> <p>Registrar por escrito (coletivamente) as ideias, opiniões, etc dos alunos sobre os gêneros lidos/ouvidos/observados, por meio da “Ficha de Leitura” da turma;</p> <p>Propor a leitura de narrativas visuais, orientando o alunado durante o momento de apreciação desta;</p> <p>Propor a leitura de obras que “contam uma história” por meio do texto verbal e não verbal (os HQS, por exemplo), auxiliando os alunos a</p>	<p>personagens, ideias contidas em gêneros lidos/ouvidos/observados com outras linguagens artísticas sob a orientação do professor;</p> <p>Demonstra atenção ao ouvir a leitura e/ou a contação de uma “história”;</p> <p>Analisa, com o auxílio do professor, relações entre título e ilustração de uma obra literária;</p> <p>Participa oralmente da produção da Ficha de Leitura da turma;</p> <p>Conhece, sob a orientação do professor, a biografia de alguns dos autores lidos/ouvidos/observados durante o ano letivo;</p>
--	---	--	---

<p>repetição, adivinhação...</p> <p><i>Global:</i>O Macaco e o rabo;</p> <p><i>FTD:</i> Ah, cambaxirra se eu pudesse...;</p> <p>Obras modernas (autores nacionais e/ou traduções):</p> <p><i>Brinque book:</i> O homem que amava caixas, Orelha de limão;</p> <p><i>Quinteto Editorial:</i> O reizinho mandão</p> <p><i>FTD:</i> Só um minutinho</p> <p><i>UDP:</i> É assim</p> <p>Contos clássicos, de fadas, maravilhosos (autoria, tradução ou reconto):</p>	<p>Leitura para estabelecimento de relações com outras linguagens (poemas, letras de canção, contos clássicos e/ou modernos quadrinizados, curtas metragem, animações, entre outros);</p> <p>Leitura para interessar-se e conhecer a biografia do autor;</p> <p>Leitura para levantar hipóteses sobre os acontecimentos possíveis na narrativa;</p>	<p>compreender o modo composicional deste gênero de tipo narrativo;</p> <p>Ler e/ou contar histórias para os alunos utilizando-se do ritmo e da entonação corretos para que haja imersão na narrativa;</p> <p>Elaborar e preencher coletivamente “Ficha de Leitura”, sobre uma obra lida/ouvida/observada pela turma;</p> <p>Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches, cenários, entre outros – sempre produzidos pelos próprios alunos), e/ou com o uso das ilustrações,</p>	
---	---	--	--

<p><i>Global:</i> (coleção Clássicos Universais) A Pedra da Sabedoria, Nicolão e Nicolinho, Os Músicos de Bremen;</p> <p><i>Ática:</i> Longe como o meu querer;</p> <p><i>Landy:</i> Hans Christian Andersen Contos e Histórias;</p> <p><i>Melhoramentos:</i> Entre a espada e a rosa;</p> <p>Contos populares, folclóricos (nacionais e de origem estrangeira):</p> <p><i>Global:</i>(coleção Contos de Encantamento) Couro de Piolho, A princesa de Bambuluá,O Marido da Mãe-</p>		<p>com entonação e ritmo adequados, pela contação livre baseada em obra literária;</p> <p>Variar os modos de contar histórias, dando ênfase ao que se conta e não a quem conta;</p> <p>Ler uma obra com interferência dos ouvintes (antecipações sobre a possível linha narrativa);</p>	
--	--	---	--

<p>D'água, O Papagaio Real, Maria Gomes, A Princesa e o Gigante</p> <p><i>FTD:</i> (coleção HÁ CASOS) Casos de Amor, Casos de Família;</p> <p><i>Escala Educacional:</i> (coleção Conte e Reconte) Histórias Sopradas no Tempo, Quem Mandou não Acreditar?</p> <p>HQS (dirigidos aos jovens e adultos, com obras clássicas adaptadas e/ou recontadas)</p> <p><i>Escala Educacional:</i>(Coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos)A cartomante; Brás, Bexiga e Barra Funda, O</p>			
--	--	--	--

<p>alienista;</p> <p><i>Salamandra</i>:Série Ex-libris (clássicos em quadrinhos): A Volta ao Mundo em Oitenta Dias;</p> <p><i>Companhia das Letrinhas</i>: O Último Cavaleiro Andante;</p>			
--	--	--	--

EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)

3ª ETAPA

<p>Objetivo Principal: Continuar com o processo de letramento literário do jovem, adulto e idoso que frequenta a EJA, pelo contato mediado com a literatura e o desenvolvimento da apreciação artística criando, assim, uma “cultura da leitura” como prática recorrente, também para o aluno dessa modalidade; utilizando-se, para isso, da apreciação de diversas de obras, da análise orientada, das comparações, reconto, confronto e similaridades entre diferentes gêneros, estabelecimento padrões intertextuais (texto & texto; texto & leitor) e outras possibilidades de imersão nos gêneros de tipologia narrativa.</p>			
Obras de Referência	Conteúdos (manusear livros, ler/ouvir a leitura, ouvir contação de histórias)	Situações de ensino e aprendizado	Critérios referenciais finais
<p><i>Editora/ título(s)</i></p> <p>Narrativa visual:</p> <p><i>Companhia das letrinhas:</i> Telefone sem fio, Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem;</p> <p><i>Brinque book:</i> A toalha</p>	<p>☺Leitura para apreensão das ideias de gêneros do tipo narrativo: contos de fadas, de “esperteza”, de terror, mitos, fábulas, lendas, causos, entre outros;</p> <p>☺Leitura de narrativa visual;</p> <p>☺Leitura de fruição (imersão</p>	<p>Apresentar a obra, auxiliando os alunos na apreensão das ideias por meio de discussões, rodas de conversa, debates, entre outros;</p> <p>Apresentar uma obra de narrativa visual, fazendo com os alunos a leitura orientada,</p>	<p>☺Demonstra autonomia ao expressar sua compreensão acerca das ideias contidas nos gêneros frequentados ao longo do ano letivo;</p> <p>☺Lê narrativas visuais, estabelecendo, sob a orientação do professor,</p>

<p>vermelha;</p> <p>Com temática africana, autores africanos e/ou afro-brasileiros, e/ou com protagonistas negros:</p> <p><i>FTD:</i> A Matinta Perera, Lendas Negras;</p> <p><i>SM:</i> O príncipe corajoso e outras histórias da Etiópia;</p> <p>Com temática indígena, autores indígenas e/ou com protagonistas indígenas:</p> <p><i>Global:</i> A Caveira Rolante, a mulher-lesma e outras histórias indígenas de assustar;</p> <p><i>FTD:</i> Kurumiguaré no coração da Amazônia;</p>	<p>na narrativa) para apreciação da obra;</p> <p>☺ Leitura para estabelecimento de relações com outras linguagens (poemas, letras de canção, contos clássicos e/ou modernos quadrinizados, curtas metragem, animações, entre outros);</p> <p>☺ Leitura para reconhecer as diferentes vozes dos gêneros de tipo narrativo;</p> <p>☺ Leitura para determinar os eixos de conflito e resolução de uma narrativa;</p> <p>☺ Leitura para resumir a narrativa oralmente e por escrito (coletiva e individualmente), mantendo os</p>	<p>por meio de questões e da observação;</p> <p>Propor a leitura de obras que “contam uma história” por meio do texto verbal e não verbal (os HQS, por exemplo), auxiliando os alunos a compreender o modo composicional deste gênero de tipo narrativo;</p> <p>Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches, cenários, entre outros – sempre produzidos pelos próprios alunos), e/ou com o uso das ilustrações, com entonação e ritmo adequados, pela contação livre baseada em obra literária;</p>	<p>relações de causa e efeito;</p> <p>☺ Estabelece, com a orientação do professor, aproximações e contrapontos entre obras clássicas e modernas;</p> <p>☺ Relaciona e compara, sob a orientação do professor, o perfil de personagens em narrativas produzidas em diferentes contextos históricos de produção e recepção da obra literária;</p> <p>☺ Estabelece, sob a orientação do professor, relações complementares e/ou de oposição entre a obra literária e suas adaptações (para o cinema, teatro, HQS, entre outros);</p>
--	---	---	---

<p>Contos acumulativos, de repetição, adivinhação...</p> <p><i>Ática:</i> Contos de Adivinhação;</p> <p><i>FTD:</i> Pimenta no Cocuruto;</p> <p>Obras modernas (autores nacionais e/ou traduções):</p> <p><i>Salamandra:</i> A história da sopeira e da concha, Mania de explicação; Sapovirareivirasapo;</p> <p><i>Global:</i> Strega Nona a avó feiticeira;</p> <p><i>FTD:</i> Mamãe trouxe um lobo para casa;</p> <p>Contos clássicos, de fadas, maravilhosos (autoria, tradução ou reconto):</p>	<p>principais elementos do texto original;</p> <p>☺Leitura para elaborar (coletiva e individualmente) o gênero resenha crítica;</p> <p>☺Leitura para interessar-se e conhecer a biografia do autor;</p>	<p>Variar os modos de contar histórias, dando ênfase ao que se conta e não a quem conta;</p> <p>☺Propor a leitura de contos clássicos e suas versões “modernas” para estabelecer similaridades e contraposições (nos personagens, na linguagem, no perfil dos personagens, entre outros);</p> <p>☺Propor a leitura de gêneros que apresentem diferentes graus de protagonismo em personagens idênticos (o indígena, por exemplo, o negro entre outros);</p> <p>☺Propor a criação de perfil diferente para o personagem dentro de dado conto, modificando assim, a situação</p>	<p>☺Antecipa acontecimentos num dado conto, formulando hipóteses com o auxílio do professor;</p> <p>☺Reconhece as diferentes vozes da narração, definindo, sob a orientação do professor o perfil destes;</p> <p>☺Reconhece na narrativa, sob a orientação do professor, o(s) conflito(s) e a(s) respectiva(s) resolução deste;</p> <p>☺Levanta hipóteses sobre os acontecimentos de uma narrativa, utilizando-se para isso do texto verbal e não verbal que a compõe, sob a orientação do professor;</p> <p>☺Elabora coletiva e individualmente o gênero</p>
--	---	--	---

<p><i>SM:</i> A galinha preta;</p> <p><i>Global:</i> Do seu coração partido, Com certeza tenho amor;</p> <p><i>Paz e Terra:</i> Contos de Andersen;</p> <p><i>Global:</i> (Clássicos Universais Série Encantos) A Irmã do Sol, O Califa e a Cegonha, O Navio Fantasma, Raminho de Alecrim.</p> <p>Contos populares, folclóricos (nacionais e de origem estrangeira):</p> <p><i>Moderna:</i> O pescador e a mãe D'água;</p> <p><i>FTD:</i> (Coleção HÁ CASOS) Casos de Índio, Casos do</p>		<p>de conflito e resolução, bem como o protagonismo;</p> <p>☺Propor a análise dos elementos que constituem o conto determinando, assim, o desenrolar da narrativa;</p> <p>Propor o reconto por meio da elaboração de texto dramático, produção de HQ, entre outros;</p> <p>Apresentar uma obra e correlacioná-la a outra linguagem com a mesma temática (conto de fadas & HQS), por exemplo;</p> <p>Analisar o modo composicional de uma dada temática, num conto e num HQ, por exemplo;</p> <p>Ler para os alunos com o intuito de levá-los à imersão</p>	<p>resenha crítica, sobre uma obra conhecida, sob a orientação do professor;</p> <p>☺Estabelece sob a orientação do professor aspectos similares ou antagônicos já observados noutras obras conhecidas;</p>
--	--	--	---

<p>Interior, Casos de Polícia;</p> <p><i>DCL</i>: Contos de assombração;</p> <p><i>Ediouro</i>: Contos populares do Brasil;</p> <p><i>Escala Educacional</i>: (Coleção Conte e Reconte) Dons Especiais, Feitiços Quebrados e Casamentos Reais, Era uma Vez Três e o Encanto se Desfez,</p> <p>HQS (dirigidos aos jovens e adultos, com obras clássicas adaptadas e/ou recontadas)</p> <p><i>Escala Educacional</i>: (Coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos) Miss Edith e seu tio, Uns braços, A nova</p>		<p>na narrativa (fruição);</p> <p>Contar histórias de modos diversos como: com o uso de recursos (fantoques, dedoches, cenários, entre outros – sempre produzidos pelos próprios alunos), e/ou com o uso das ilustrações, com entonação e ritmo adequados, pela contação livre, baseada em obra literária;</p> <p>Variar os modos de contar histórias, dando ênfase ao que se conta e não a quem conta; (o contador é sempre menos importante do que aquilo que se conta);</p> <p>Propor discussões coletivas sobre o gênero</p>	
---	--	--	--

<p>Califórnia;</p> <p><i>Peirópolis</i>: Conto de escola em quadrinhos;</p> <p><i>Companhia das Letras</i>: O retrato de Dorian Gray;</p>		<p>lido/ouvido/observado para que se levantem os conflitos e a resolução destes na obra literária;</p> <p>Propor leitura “comparada” para estabelecer aproximações entre texto & texto;</p> <p>Propor leitura para retomar aspectos similares ou antagônicos já observados pelo leitor noutras obras conhecidas;</p> <p>Propor leitura com interferência do ouvinte, para levantar hipóteses sobre o decorrer da narrativa;</p> <p>Elaborar coletivamente uma resenha crítica sobre uma obra lida na sala de aula;</p>	
---	--	--	--

		Propor a elaboração individual de uma resenha crítica, orientando os alunos sobre o modo composicional desse gênero;	
--	--	--	--

REFERÊNCIAS:

ALVES. Rubem. Sobre o tempo e a eternidade. 7ed. Campinas: Papirus,1995.

ALVES. Rubem. Entrea Ciência e a Sapiência – o dilema da educação. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004

AMARILHA, Marly. Estão mortas as fadas? 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ASSIS. Machado de. Contos Consagrados. 24.ed. Rio de Janeiro. Ediouro, São Paulo. 1994.

BARRIE, J.M. Peter Pan. Trad. Maria Antonia Van Acker, São Paulo, Hemus, s/d.

CÂNDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e historia literária. 8. ed. São Paulo: Queros, 2000.

CHARTIER, Roger. As aventuras do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP,1998.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA. M. M. da. IN: III Congresso Paranaense de Alfabetização. Anais. Alfabetização no limiar do ano 2000. Futuro Congressos e Eventos. Curitiba, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FUSARI, Maria F.R.; FERRAZ, Maria H.C.T. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1992.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO (Brasil) MEC cancela a compra de livros paradidáticos – Folha de São Paulo – 30/04/04. Disponível em: <<http://www.cbl.org.br/news.php?recid=1041>

PRADO, Adélia. Poesia reunida. 6. ed. São Paulo: Siciliano, 1996.

PENNAC, Daniel. Como um romance. 4. ed. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Português – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a distância, 1999. 2v.

POUND, Ezra. A arte da poesia- ensaios escolhidos.3. ed. São Paulo: Cultrix. 1991.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na escola e na biblioteca. Campinas: Papirus, 1986.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. Leitura e leituras da literatura infantil. São Paulo: FTD, 1988.

TEIXEIRA, Anísio. Pequena introdução à filosofia da educação: escola progressiva ou a transformação da escola. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

VELOSO, Caetano. São Paulo, PolyGram. 1998. 1 CD. (79 min): digital, estéreo.

LIBÂNEO. José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Leitura, literatura e escola. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL/MEC/SEF. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. (3 vols.) Brasília, 1998.

COLOMER, Teresa &TEBEROSKY, Ana.A formação do leitor literário. São Paulo: Global, 2003.

COUTINHO, Afrânio. Notas de Teoria Literária. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1976.

GALEANO, Eduardo. O Livro dos Abraços. Porto Alegre: L & PM, 1995.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. Minerações. Belo Horizonte: RHJ, 1991.

VARGAS LLOSA, Mário. A senhorita de TÁCNA. Rio de Janeiro: Funarte / IBAC, 1993.

ROCA, Núria. Você é tímido? São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2008.

SARAMAGO, José. A maior flor do mundo. São Paulo. Companhia das Letrinhas, 2001.

LISPECTOR, Clarice. "Felicidade clandestina" in Felicidade clandestina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 4a. Ed. 1981.

ANEXOS:

LIVROS PARA REVISITAMENTO E/OU DESCONSTRUÇÃO RECONSTRUÇÃO DOS CLÁSSICOS	EDITORA
A bela adormecida	Companhia das letrinhas
A peleja de chapeuzinho com o lobo mau (CORDEL)	Editora Globo
A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho	Brinque book
A verdadeira história dos três porquinhos	Companhia das letrinhas
Agora é a minha vez	Brinque book
Aí é outra história...	Galera Record
Alice no telhado	SM
Alice viaja nas histórias	Biruta
As cartas de Ronroso	Salamandra
Branca de Neve e as sete versões	Objetiva
Chapeuzinho Adormecida no país das maravilhas	FTD
Chapeuzinho redondo	Brinque book
Chapeuzinhos coloridos	Objetiva
Coleção Contar em Cordel: A história do Barba Azul, O Gato de botas	Global
Coleção Meus Monstros: O Homem do Saco, O Vampiro, A Bruxa, O esqueleto, A múmia	FTD
Depois do foram felizes para sempre	Callis
Música Clássica em Cena: O lago dos cisnes, Turandot, A flauta mágica, Aída, La traviata.	FTD
O carteiro chegou	Companhia das Letrinhas
O galinho que interrompia	Paz e Terra
O lobo voltou	Brinque book
O manual da bruxa para cozinhar crianças	Companhia das letrinhas

O megaplano do lobo	PANDA BOOKS
O três lobinhos e o porco mau	Brinque book
Os herdeiros do Lobo	SM
Ponto a ponto	Companhia das letrinhas
Procura-se o lobo	Ática
Que história é essa?	Companhia das Letrinhas
Só mais uma história	Brinque book
Tem Livro Que Tem	Autêntica
Chapeuzinho vermelho do jeito que o lobo ocntou	Compor
A princesa e o sapo do jeito que o príncipe contou	Compor
Cabelinho Vermelho e o lobo bobo	Abacatte
Cinderela brasileira	Paulus

HQS – REVISITAMENTO DOS CONTOS, FÁBULAS...	
Referência Bibliográfica	HQ
CHICO BENTO MUITO IMPRESSIONADO (MAURICIO DE SOUZA EDITORA – PANINI COMICS, 51)	Chico Bento em: Muito Impressionado; História de Pescador;
MAGALI BRUXARIAS NO ANIVERSÁRIO (MAURICIO DE SOUZA EDITORA – PANINI COMICS, 53)	Magali em: Bruxarias no Aniversário;
CHICO BENTO A REVOLTA DOS SACIS (MAURICIO DE SOUZA EDITORA – PANINI COMICS, 19)	Chico Bento em: A Revolta dos Sacis;

CHICO BENTO O PREGUIÇOSO (MAURICIO DE SOUZA EDITORA – PANINI COMICS, 23)	Turma da mata em: Histórias pro Leão Dormir;
CASCÃO FÁBULAS (COLEÇÃO UM TEMA SÓ –MAURICIO DE SOUZA EDITORA – EDITORA GLOBO, 46)	Cascão em: Sonhos Suínos; Os Três Cascudinhos;Turma da Mônica em: O Sapo Encantado; Cascão em: O Quarto Porquinho; Mônica à Espera do Príncipe; Cascão em: Histórias para um Porquinho Dormir; Mauricio apresenta: Uma História que não está na Carochinha; Bidu Fábulas;
MAGALI FÁBULAS (COLEÇÃO UM TEMA SÓ –MAURICIO DE SOUZA EDITORA – EDITORA GLOBO, 33)	Magali em: João e Maria; Magali, o Lobo Mau e os 3 Porquinhos; Cascão em: A Flauta; Magali em : Nhac! Era uma vez...; Cascão em: Bons Sonhos; Magali Chapeuzinho Amarelo e o Bolo de Fubá; Mônica Sopros; Magali em: A Fábula; Mônica Personagem Certa na História Errada; Chico Bento Chapeuzinho de Palha; Joãozinho, isto é, Duduzinho& Maria; Bidu em: Histórias da Carochinha; Mônica em: O Príncipe Encantado; Magali em: João e Maria;Cebolinha em: O Pequeno Polegar;
MAGALI PAIXÃO POR LIVROS (MAURICIO DE SOUZA EDITORA – PANINI COMICS, 42)	Magali em: Paixão por livros (Branca de Nevee os Sete anões, A Bela Adormecida, Cinderela, João e Maria, Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos
CHICO BENTO UMA HISTÓRIA DE NATAL (MAURICIO DE SOUZA EDITORA – PANINI COMICS, 48)	Turma da Mata A Formiguinha e a Neve;
MAGALI (MAURICIO DE	Magali em; A História de Branca de Bolo;

SOUZA EDITORA – EDITORA GLOBO, 323)	
CEBOLINHA O CARRINHO DA LEITURA (MAURICIO DE SOUZA EDITORA – PANINI COMICS, 45)	Cebolinha O Carrinho de Leitura: Livro Um Rapunzel; Livro Dois Chapeuzinho bem Vermelhinho; Livro Três As Melhores Histórias do Chico Bento;
HQS (HISTÓRIAS SERIADAS) TURMA DA MÔNICA	
<p>Mônica em: O príncipe monstruoso;</p> <p>A Turma da Mônica em: Os 4 músicos do bairro do Limoeiro;</p> <p>Do Contra em: Histórias Trocadas;</p> <p>A Turma em: Lendas do Folclore;</p> <p>Mônica em: Os três Ursos;</p> <p>Mônica em: Espelho, espelho meu;</p> <p>Mônica, a sereia;</p> <p>Mônica adormecida;</p> <p>Mônica em: O Chapeuzinho Vermelho;</p> <p>Mônica em: O Vestidinho Vermelho;</p> <p>Mônica em: Os sapos Também Amam;</p> <p>Maria Cebolinha em: Contos de Fralda;</p> <p>Magali em: Um desencanto de Sereia;</p> <p>Magali em: Magali Adormecida;</p> <p>Magali em: A História de Branca de Bolo;</p>	

Cascão em: O Porquinho Borracheiro;

Cascão em: L.O.B.O.S.;

Chico Bento em: O Lobisomem

Chico Bento em: Os Assombrosos Ruídos de Uma Noite na Roça;

Bidu: Fábulas;

Chico Bento em: Dom Chicote;

Disponíveis em: <http://www.monica.com.br/comics/seriadas.htm>

Acesso em 14 de novembro de 2012.

ANIMAÇÕES, CURTA-METRAGEM, CONTOS E/OU LIVROS ANIMADOS (DISPONÍVEIS PARA DOWNLOAD)	DISPONÍVEIS EM:
3 Porquinhos - Bota pra fazer;	http://www.youtube.com/watch?v=xw1L1ytV6_4&playnext=1&list=PLDC67059C9771F4AE&feature=results_video
Os Três Porquinhos	http://www.youtube.com/watch?v=QmrUCAY1BmM
Seu Lobo!	http://www.youtube.com/watch?v=nW2QW158SRw
Matinta Perera (HD) - Série "Juro que vi"	http://www.youtube.com/watch?v=Aw0uORumRts
O Curupira (HD) - Série	http://www.youtube.com/watch?v=2-W2LmqjHSl

"Juro que vi"	
O Boto (HD) - Série "Juro que vi"	http://www.youtube.com/watch?v=3v2ZXWF8poo&list=PLczXLOrjyBQxKjbCnJsBTfD-jzNsXxDzR&index=2&feature=plpp_video
Saci - Série "Juro que vi"	http://www.youtube.com/watch?v=923nsj_V2Q4&feature=BFa&list=PLczXLOrjyBQxKjbCnJsBTfD-jzNsXxDzR
Oktapodi (2007) - Oscar 2009 Animated Short Film	http://www.youtube.com/watch?v=6E3CfFc5hMU
Mariza (The Stubborn Donkey) - Cute Aniboom Cartoon by Constantine Krystallis	http://www.youtube.com/watch?v=R_4OnqgVtCs&feature=related
Love Line an Animation by Andrew Deeds Walton	http://www.youtube.com/watch?v=OV7u4GwDM20&feature=BFa&list=PLB75EB65CFE1C5C5E
Clocktower - Cute Aniboom Animation by Arenyth	http://www.youtube.com/watch?v=nMIOuPxCVI&feature=BFa&list=PLB75EB65CFE1C5C5E
Girl talks to moon - Aniboom Animation	http://www.youtube.com/watch?v=GCZaAcgLOhk&feature=BFa&list=PLB75EB65CFE1C5C5E
Red (2010) - Animation	http://www.youtube.com/watch?v=2gxrl5CPYIM&feature=BFa&list=PLB75EB65CFE1C5C5E
"Os anjos do meio da praça" (2010)	http://www.youtube.com/watch?v=cs5C5MdAluM&feature=related
Styx & Stones	http://www.youtube.com/watch?v=yRJbZwjind8&feature=BFa&list=PLEE91DB1FA31348B0

BAD EGG HQ Animation by BIG Animation	http://www.youtube.com/watch?v=5_vxC0XPrEg&feature=BFa&list=PLEE91DB1FA31348B0
A formiguinha e a neve - (conto animado)	http://www.youtube.com/watch?v=mAGaAuDc4DY
Chapéuzinho Vermelho, Lobo Mau e Três Porquinhos (1934) - Silly Shimphony	http://www.youtube.com/watch?v=Og0oh0_e2k4
Anima Mundi volume 2: The art of survival	http://www.youtube.com/watch?v=HEwPAigWmsQ
PAJERAMA	http://www.youtube.com/watch?v=dMVu6pqLZHA
Anima Mundi volume 2: Gagarin	http://www.youtube.com/watch?v=GIZ6x0jzrdE&list=PL4E5701DF7FC51774&index=3&feature=plpp_video
Velha História	http://www.youtube.com/watch?v=eUBwzAgkDhE
A Lenda do Brilho da Lua	http://www.youtube.com/watch?v=rd-RA81bW6c
Historietas Assombradas para crianças malcriadas – 1de3 – Boitatá	http://www.youtube.com/watch?v=4Wg2Swep0mw
Historietas Assombradas para crianças malcriadas – 2de3 – Corpo Seco	http://www.youtube.com/watch?v=W32HluLAuuw
Historietas Assombradas para crianças malcriadas – 3de3 – Juruparí	http://www.youtube.com/watch?v=35yyrkJUsRM
The Gruffalo (2009) 1de3 – legendado português.	http://www.youtube.com/watch?v=T2NTAUeUUh8

The Gruffalo (2009) 2de3 – legendado português.	http://www.youtube.com/watch?v=RCLqBtM3tkA&feature=BFa&list=PL5B6F92B6F31EC752
The Gruffalo (2009) 2de3 – legendado português.	http://www.youtube.com/watch?v=fqoNA3w_oL4&feature=BFa&list=PL5B6F92B6F31EC752
O Lobisomem e o Coronel - Versão Oficial	http://www.youtube.com/watch?v=qLTzbfopMmE&feature=BFa&list=PL0F16A0C5EFD8A19D
O Boto	http://www.youtube.com/watch?v=ZxvVgN9CvAA&feature=BFa&list=PL0F16A0C5EFD8A19D
A Ovelha Negra	http://www.youtube.com/watch?v=lk5ZdSIT8fM
Coleção Disquinho - Festa no céu - parte 1	http://www.youtube.com/watch?v=stLkFXtAhcE
Coleção Disquinho Festa no céu –parte 2	http://www.youtube.com/watch?v=GLA7TD8pRYM
Coleção DisquinhoChapeuzinho Vermelho – 1	http://www.youtube.com/watch?v=G_sZZx3Nle4
Coleção DisquinhoChapeuzinho Vermelho 2	http://www.youtube.com/watch?v=xDZusDjFyaE
Coleção DisquinhoCasamento da Dona Baratinha – parte 1	http://www.youtube.com/watch?v=LEa17NS7Uok
Coleção Disquinho Casamento da Dona Baratinha –parte 2	http://www.youtube.com/watch?v=BBDRb0mQEDk
Coleção Disquinho - João e Maria –1	http://www.youtube.com/watch?v=WuAFPRv4PCQ
Coleção Disquinho – João e Maria2	http://www.youtube.com/watch?v=gsGgPZxAuyo&feature=BFa&list=PL1209EA1899B7DF1E
COLEÇÃO DISQUINHO- O Lobo e os 3	http://www.youtube.com/watch?v=oNt0jrYbV3k&feature=BFa&list=PL1209EA1899B7DF1E

cabritinhos	
Magali em Chapeuzinho vermelho 2	http://www.youtube.com/watch?v=6pEZd0Z6VYI&list=PL1209EA1899B7DF1E&index=12&feature=plpp_video
FILMES, ANIMAÇÕES EM DVD	
A garota da Capa Vermelha – não recomendado para menores de 14 anos.	
Branca de neve e o Caçador – não recomendado para menores de 14 anos.	
Deu a louca na Branca de neve – livre.	
Deu a louca na Chapeuzinho – livre.	
Deu a louca na chapeuzinho 2 – livre.	
Dora e os três porquinhos – livre.	
Enrolados – livre.	
Espelho, espelho meu – não recomendado para menores de 10 anos.	
De Jim Henson – João e o pé de feijão – verificar classificação indicativa.	
João e o pé de feijão – Martins Gates – livre.	
O teatro dos contos de fadas (Coleção completa 26 DVDS) – livre.	
CLASSIC ANIMATIONS – Os três porquinhos –novas aventuras – livre.	
SONHOS MÁGICOS – Os três porquinhos – livre.	
SHERK , SHERK 2, SHERK terceiro, SHERK 4 – livre.	
A verdadeira história do Gato de botas – livre.	
A princesa e o sapo – livre.	
Cocoricó conta clássicos – livre.	